

# AUTORES & LIVROS

15/3/942  
Ano II

SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A MANHÃ"  
publicado semanalmente, sob a direção de Múcio  
Leão (Da Academia Brasileira de Letras)

Vol. II  
Núm. 9

## Notícia sobre Castro Menezes

## Castro Menezes - Humberto de Campos

Castro Menezes, (cujo nome por extenso era Alvaro de Sá Castro Menezes), nasceu em 3 de junho de 1883, em Niterói. No Ginásio Nacional, hoje Colégio Pedro II, fez o curso de humanidades, sendo eleito para o cargo de orador da turma.

Ja nessa ocasião revelava-se o poeta e o homem de imprensa, que havia de ter, mais tarde, tão acentuada atuação em sua geração. Sua estreia nas letras deu-se com a volumetria dos "Mitos", no qual revelava as mais nítidas tendências simbolistas, apassionado, que sempre lêra, da poesia de Cruz e Sousa.

Foi sob a fascinação da grande poeta negro que Castro Menezes, juntamente com outros rapazes de marcada vocação literária, fundou em 1901, a revista "Rosa Cruz". O diretor dessa publicação, que ficou tão famosa em nossas letras, era Saturnino de Melo, figura muito simpática do nosso movimento simbolista, escritor e poeta que está a merecer carinhoso estudo de algum crítico compreensivo e atento. "Rosa Cruz" iniciava a sua existência com a publicação de três trechos de Cruz e Sousa: dois sonetos, "Ódio sagrado" e "Mundo incoercível"; e um fragmento de prosa, "Flores sentimentais", que foi a página de abertura da lista.

"Rosa Cruz" encerrou muitos trabalhos de Castro Menezes. Na sua primeira numeração já ele publicava dois trabalhos — "Rosa elástica", versos, e "Via Crucis", artigo de crítica a um livro de Felix Pacheco.

Tendo-se formado em Direito, Castro Menezes partiu para o Pará. Foi-se ao Belém professor do Ginásio Paes de Carvalho, e entregou-se ao jornalismo. Não demorou ali, porém, e, regressando ao Sul, teve outras atividades. Foi primeiramente promotor público em Itaboraí, depois juiz municipal de Conceição de Duas Barras. Em 1918, abandonou a magistratura, passando a residir no Rio. Foi então lente catedrático da Escola Superior de Agricultura, secretário geral da Associação Comercial do Rio de Janeiro, e da Federação das Associações Comerciais do Brasil.

Na mesma época, já Castro Menezes trabalhava para a imprensa, na atividade que sempre teve verdadeiramente a de sua paixão. Redator do "Jornal do Comércio", chegou a ter ali uma excelente situação. Na "Revista Souza Cruz"

— publicação magnífica que apareceu nesta cidade e em cujas páginas guardam-se trabalhos notáveis de alguns escritores de omenagem — teve ele brilhante atuação. Sob o pseudônimo de "Castrocia", ele publicou, durante anos, formosos trabalhos de prosa, sonetos e poemas de encantadora forma.

Castro Menezes faleceu aos trinta e sete anos, no dia 7 de março de 1920.

As letras brasileiras e, em particular, o jornalismo carioca, perderam em Castro Menezes uma das suas figuras mais brilhantes e curiosas. Poucos espíritos foram, no Brasil, tão opulentos de seiva intelectual e de resistência moral como o desse paladino do trabalho intenso, que deixou, com a sua morte, um vácuo impenhável no meu coração.

A vida desse lutador formidável aparecia, aos meus olhos, como uma árvore pleiônica de energias vegetais, que, impedida, pela fatalidade do clima, de dar frutos regulares e temporários, se consolava, numa loucura desordenada, abrindo-se em folhas, em ramos, em flores e em pomos de todo tamanho, para não morrer crestada pelas próprias forças interiores.

Castro Menezes era, como homem de letras, um grande, um admirável poeta em prosa. O seu talento era o de um escritor de pulso e de raça, que absorvia, prendia, maravilhava. As contingências da vida exigiam-lhe, porém, o sacrifício dessas qualidades fundamentais da sua inteligência criadora, e o poeta disciplinando a vontade, suplantando os surtos íntimos do espírito e do coração, transformava-se, de repente, num milagre mental, em economista, em financista, em especialista, nas questões áridas e complexas, de que resultava a riqueza dos outros.

Absorvido, como vivia, pelos problemas econômicos do seu tempo, o prosador suntuoso do Jardim de Heliópolis recorda certos monumentos de cidades soterradas, que se tornaram mais preciosos depois de desaparecerem. Foi preciso que se lhe afe-

risse o valor. A sua atividade era, em verdade, tão assombrosa, tão intensa, tão variada, que não nos dava tempo de examinar detidamente as riquezas que produzia. A máquina do seu espírito, ativa, incansável, era como esses teares modernos, cuja rapidez não nos permite acompanhar o trabalho. E' preciso que as laçadas parem por um instante, para que se possa admirar o mimo, a graça, as belezas do tecido. E o tear de Castro Menezes parou. Parou, agora, e para sempre.

Ao lado do escritor havia, entretanto, nele, igualmente grande, e igualmente opulento, o causador encantador, fulgurante, rico de imprevisíveis, de sentenças joviais, de imagens admiráveis, enfim, o perulário talento, a desbaratar uma fortuna pelos interstícios da palestra. Nesse particular, Castro Menezes era incomparável. Ninguem se afastava dele após uma troca de palavras ligeira, rápida, fugitiva, sem levar no ouvido uma frase sua, que ele orquestrava metafisicamente com uma gargalhada estentórea, à maneira de Celini. Ainda agora, evocando os doze ou quinze anos do nosso conhecimento, e os oito de amizade estreita, carinhosa, fraternal, sinto no coração, em tumulto, todo o ouro sem cunho que ele derramava por toda parte. Da originalidade do seu sonho, fato é, da sua fome de coisas novas, exóticas, dão-nos ideia os seus contos, em que aparecem, de vez em quando, princesas da Índia, feiticeiras da Arábia, mulheres trágicas e selvagens, que ele talhava no ouro da luz, no bronze da sombra, no fumo da nuvem, com o buril da sua imaginação oriental. As extravagâncias o encantavam, mesmo quando lhes conhecia a falsidade. Mostrava-lhes os bastidores de um cenário onde se tivesse operado a farsa de um prodígio, e ele fecharia os olhos, pelo prazer, apenas, de continuar a crer no milagre.

Vem-me, ainda agora, à lembrança um episódio documental. Era Castro Menezes vivo da primeira esposa, e eu e Miguel Melo, solteiros, quando nos foi apresentada, aos três, em uma mesa de restaurante, uma senhora sem encantos apreciáveis, que se achava de passagem pelo Rio. Nos dias consecutivos a apresentação, eu e Miguel nos desinteressamos, em absoluto, da viajante, em quem não havia nem beleza, nem graça, nem sequer o ouro da mocidade, que tudo supre. Castro Menezes ficou, entretanto, maravilhado. A mulher tinha-lhe falado, durante o jantar, nos horrores de uma viagem pela Rússia, nos encontros de uma permanência na Índia, em uma caçada de leões na Argélia, enfim, mas particularidades de uma vida tumultuosa, bizarra, de romance. No dia seguinte, ainda estava mais encantado; a dama havia-lhe falado da Argentina, do Chile, onde nascera, particularizando fatos de sua educação na Alemanha, de onde fugira, uma noite, com um príncipe servo, que a abandonara no Turquestão. No terceiro jantar, Castro Menezes ouviu uma terceira história, e, em vez



CASTRO MENEZES

## SUMÁRIO

PÁGINA 127:	PÁGINA 134:
— Notícia sobre Castro Menezes.	— Experiência de amor, de D. Milano.
— Bibliografia de Castro Menezes.	PÁGINA 135:
— Castro Menezes de Humberto de Campos	— Efemérides da Academia.
PÁGINA 128:	PÁGINAS 136 e 137:
— Manuel Bandeira (A propósito do "Cinza das Horas"), de Castro Menezes.	— Fim de novela, (Capítulo 8 - final de 21 horas da vida de uma mulher), Stefan Zweig.
— Heliópolis, de Castro Menezes.	PÁGINA 139:
— Opiniões de Castro Menezes. O mal dos capitalistas.	— O Mesmerismo sem Mesmer, de Stefan Zweig.
— A mulher — O prazer de enganar...	PÁGINA 139:
PÁGINA 129:	— Granchy, de Stefan Zweig.
— Castro Menezes, de Manuel Bandeira (da Academia Brasileira).	PÁGINA 140:
— Jardim Fechado, de Castro Menezes.	— A vida é de cabeça baixa, de Alvaro Morayra.
— O recanto da Saudade, de Castro Menezes.	PÁGINA 141:
PÁGINAS 130 e 131:	— Sonetos de Augusto Frederico Schmidt, (Do Mar Desconhecido) — Soneto do Patriarca — Soneto Cipriano — Soneto de Luciano — Mensagens portuguesas — Vamos: o mar espera... — Quero agora rever as velhas flores — As estrelas — "Quero da inspiração conter o assomo"... — "Ela dançando parecia a imagem"... — "A poesia chegou"... — "E agora de repente no coração incompreendido..." — "Descom sobre as violetas escondidas"... — "Como a Aurora, meu Deus, lá pelos ares..." — "Porque tanto zenezi, se os frutos vieram..."
— Poemas raros de Alberto de Oliveira — Mística — A poesia política de Alberto de Oliveira: O ex-soberano — Luz — Nova — Os contos de Atia — Troll: O Caisleiro.	PÁGINA 142:
— A Alberto de Oliveira (poesia), de Olavo Bilac.	— Fuga, de Algar Rensall.
PÁGINAS 132, 133 e 134:	
— Encontro, em Weimar, de Ernesto Feder.	
— O soneto brasileiro. De Gregório de Matos a Raimundo Corrêa, por Alberto de Oliveira.	

(Continua na página seguinte)

# Manuel Bandeira—

## A propósito de "Cinza das Horas" Castro Menezes

O livro de estreia do sr. Manuel Bandeira revela-nos mais um poeta de verdade, que sabe cantar com emoção comunicativa e sincera, sem artificios nem preciosismos de forma. Seus versos, trejeitados de lirismo, possuem uma suave melodia que denota a espontaneidade com que foram feitos, lindos e simplesmente, despidos de complicados labores. "A Cinza das Horas" forma um gracioso volume, de cerca de oitenta páginas, que tem, talvez, um único defeito: o de ser pequenino. Porque a leitura das poesias nem enfeitadas e tão agradável, tão encantadora que ramos, insensivelmente, da primeira à última, num enteiro crebro. O livro é, todo ele, de uma delicadeza infinita e, sobretudo, de uma grande naturalidade. Não há, nessas páginas emotivas, termos rebuscados, símbolos obscuros, preocupações métricas, rimas que lembrem a "métrica" de uma orelheira. São versos simples, fluentes, comunicados que fluem como esses calmos rios que deslham pelos vales, entre margens floridas, sob o céu azul. Com duas leituras, ficam-nos de cor, a exemplo dessas melodias italianas que, uma vez escutadas, nunca mais são esquecidas. Eis aqui, como amostra, um lindo soneto dedicado a Antonio Nobre, o triste e original poeta do "Só":

Tu que pensaste tanto e em teu canto  
Há a ingenuidade santa do menino;  
Que amaste os choupos, o do-lírio do sino,  
E cujo pranto faz correr o pranto:

Com que maguado olhar, maguado espanto  
Reveja em teu destino o meu destino!  
Essa dor de tossir bebendo o ar  
A esmorecer e desejando tanto...

Mas tu dormiste em paz, como  
As crianças.  
Sorria a Glória às tuas esperanças  
E beijou-te na boca... O lindo  
Isom!

Quem me dará o beijo que eu  
Iscobico?

Foste conde dos vinte anos...  
[Eu nem isso...]  
Eu, não terei a Glória... nem  
[Eu bem.]

É preciso ler lido, — lido e sentido — Antonio Nobre para dar a esses dolentes valores versos todo o valor que eles têm. O retrato é fiel. É bem de "Anto" o vulto que passa na espontaneidade desse soneto evocativo, cujo ritmo indeciso recorda uma "réverie", pontuada de resignadas tristezas e de ilusões que desfaçam sorrindo... Essa mesma nobre, aliás, floresce na primeira poesia:

Sou bem nascido. Menino,  
Fui como os demais, feliz.  
Depois, veio o mau destino  
E fez de mim o que quis.

Veio o mau gênio da vida,  
Rompeu em meu coração,  
Lento, tudo de rendida,  
Rugiu como um furacão.

Turbou, partiu, abateu.  
Quelmo sem razão nem dó —  
Ah! que dor! Maguado e só,  
— Só! — meu coração ardeu...

Ardeu em gritos dementes  
Na sua palidez sombria...  
E dessas horas ardentes  
Ficou esta cinza fria.

— Esta pouca cinza fria.

O sr. Manuel Bandeira deve ser um irmão espiritual do sonhador poeta-estudante, que viveu em meio dos poetas, cantando a mocidade entristecida pela ausência de um ideal perfeito, mas fugitivo. Suas afinidades com Antonio Nobre em nada lhe diminuem, todavia, o valor próprio pois não são tais que lhe absorvam a personalidade, levando-o a uma imitação inconsciente. O autor da "Cinza das Horas" seria o mesmo poeta que é e sentia o mesmo modo o amor, a natureza, a vida, se nunca houvesse lido os "Males de Anto". É o seu feitio. Não é triste por atitude estudada, ou por vontade de o ser, mas sim porque, por mais que se esforçasse, não conseguiria traduzir de outra forma as suas horas de cinema e de abandono. Em raros livros de versos, dos que vieram a lume nestes últimos tempos, encontramos tanta sinceridade como neste.

Tanta sinceridade e tanta graça — no sentido místico desta palavra — patenteando uma alma cheia de beleza e de humildade feliz. Este poeta é dós que nascem para ser amados por uma irmã celeste e compassiva, cercados, constantemente, de desvelos angelicais. Porque tudo, nestes versos suavíssimos, descende uma bondade ingenua e sabia, como a de Jesus no meio dos doutores. O sr. Manuel Bandeira dá-nos a impressão de que chegou à verdade com um coração eternamente criança... Felizes os que podem aspirar a esse milagre, dando pomeia aos que possuem a beleza interior que mais seapura quanto mais esprechada pelas asperas da vida.

Não há, nestes versos que lembram, às vezes, o embaiador monofonia de um aculeito, uma única reprimenda, o mata leve quetrupe ou grito de revolta. O poeta aceita a existência como uma dádiva e, boa ou má, ela, aos seus olhos, torna a feição de um sonho que não é belo porque é triste. É assim que ele a canta, é assim que ele conta os seus segredos, sem piçusmos, naturalmente, nunca confidência que iraz em si própria a doçura de um perdão para tudo e para todos. Seus amores, suas esperanças, seus desenganos e melancolias flutuam na neblina de suas cinzas como "grandes flores sobre as águas quietas de um lago, num lindo parque silencioso à hora crepuscular. Não nos dão trêmidos de volúvia, nem deslumbramentos da apoteose, mas a sensação penetrante e sutil de um sonho raso, vago, em que a alma se eleva mansamente, acima das contingências da vida e tem, para si própria e para o mundo, um tranquilo sorriso de indulgência. O sr. Manuel Bandeira é um poeta que se sente "em paz com seu destino" e que, dentro desse destino, nos pode dar, e há de dar, um livro ainda mais belo que "A Cinza das Horas", um livro em que todo o seu estro delicado, sugestivo, original, esplêndido, confirmando, magnificamente, as previsões que sua estreia justifica e que lhe auguram um lugar de destaque entre os nossos melhores poetas.

("Jornal do Comércio" (edição da tarde). — 25-6-917)

# HELOISA

A luz crepuscular que resvala indecisa  
Na severa nudez dos muros do Convento  
Deixando a cela humilde e o rosário um momento  
Surge, como uma santa, a aparição de Heloisa.

Surge de mãos em cruz, o olhar, triste e nevoento  
Fito na arma amplidão onde o sol agoniza...  
Solta-lhe o rosto ebúrneo o pranto que deslha  
E é um bálsamo do céu a abrandar-lhe o tormento.

Ela é quem faz viver a angústia da paisagem,  
Tudo ceder parece à influência de sua imagem,  
Enquanto a neve cai, do sino ao dobre fardo...

E é por isso que o val recorda um Campo Santo,  
Quando a Monja, a rezar, cuida ver, por encanto,  
Destacar-se da bruma o vulto de Abelardo...

## CASTRO MENEZES

### Opiniões de Castro Menezes

O MAL DOS CAPITALISTAS — estrela possui o veludo brilo dos olhos das mulheres? Que Heloisa é mais negra a moral do que o tabuleiro negro de uma judia? Que podemos ser mais deliciosos do que a psicologia dos romancistas...

A MULHER — A mulher foi a primeira vítima da injustiça do homem. Do homem e da própria Divindade. A Bíblia confunde, no mesmo cadáver de tentação em que Adão se deixou prender, os ardis do Serpente e as carícias de Eva. E atribui, sobretudo, a esta última a nossa expulsão do Eden e as adversidades que nos afligem, desde que a espada flamejante do anjo-cel, emissário de Jeová, alçougou para sempre do Paraíso e princípio causal. Contro semelhante acusação não vale a pena protestar. A Bíblia é uma obra revelada, uma criação divina. Não pode errar. Mas o homem, interpretando-a, pode facilmente enganar-se. E para mim foi o que sucedeu. Para mim o Paraíso não era o Eden terreal, com as suas flores em eterno desabrocho, as suas águas sempre cantantes, os seus frutos cheios de doçura, a sua primavera ininterrupta.

O Paraíso era a própria Eva, com os seus encantos e caprichos, com as suas virtudes e defeitos. Que do... O prazer de enganar — Há muitos homens que se tornam pelo prazer de enganar a compenheira. Graves, circunspetos, com cara de quem dá pescoço, os seus santos são profissionais de invenção, gozam da culpa, muito masculina, de chegando tarde em casa, protestar reuniões, partidas de poker, negócios importantes, conferências, sessões, plantões no jornal, muito trabalho. São exat precisamente os mais moralistas. De vertem-se na rua a valer, esquecem a obscura Penelope que ficou em casa, as voltas com a tilhara...

# Castro Menezes

## O homem Castro Menezes

Continuação da página anterior)  
de revoltar-se com o cinema da aventureira, ficou ainda mais interessado pela Scherzade cosmopolita.  
— Mas, Castruccio, — observou-lhe Miguel Melo, — que admiração é essa por uma criatura que não é bonita, não é nova, não tem, enfim, uma singularidade que prenda um homem?  
Castro Menezes soltou uma das suas gargalhadas atordoantes, e confessou:  
— É o que vocês pensam. É uma criatura encantadora. Imaginem que todo dia ela tem uma vida para contar à gente.  
Era a sua paixão pela novidade, pelo imprevisto, pelo romance fantástico, que se revelava, revelando o poeta.  
De outra feita, estávamos nos um palestra, quando se aproximou um amigo comum, que se havia divorciado por incompatibilidade com a família da esposa, cujos irmãos, irmãs, cunhados, primos, tios, gatos, porcos e cachorros se tinham metido, todos, sob o teto do desgraçado. A vista do infeliz, Castruccio comentou:  
— Coitado! É uma vítima da

educação doméstica, no Brasil! E elucidou:  
— No Brasil, meu velho, a gente se casa: é com a família da moça; a mulher vem de quebra!  
E ria alto, com a alegria da sua bondade generosa.  
As narrativas que lhe faziam, ele elogiava sempre com uma exclamação:  
— Bem cavado!...  
O bem cavado era o maior elogio que fazia ao que era alheio: frase, trocadilho, verso, prosa, em suma, o que dependesse de esforço ou de gênio.  
A propósito dessa exclamação, Pontoura Xavier (João Batista) tornou uma pilhéria pitoresca, de ironia dolorosa.  
— Quando o Castro Menezes morrer, — dizia ele, — nos iremos levá-lo ao cemitério. Chegando ali, poremos o corpo junto da sepultura. Ele, então, levantará a cabeça do caixão, olhará o buraco, e exclamará ainda dessa vez: Bem cavado! E descerá ao túmulo.  
Castro Menezes não proferiu no cemitério a exclamação que Pontoura Xavier esperava. Não a proferiu porque Pontoura, mais apressado do que ele, já lá estava, no fundo da terra, desde o ano anterior...

ROCHA POMBO  
Castro Menezes, como homem, já é uma figura original. E não se perderia no meio de uma multidão mesmo de homens cultos; pois não é comum nem no tipo; o ar, o gesto, os modos, a voz, as ademaneiras, o olhar — tudo é seu próprio, sem afetação, sem medida, sem esforço, com absoluta naturalidade. Esse aspecto singular, deixa logo pressentir o mais que se lhe vai desvendando a medida que se nos alicia, pelo convívio, a sua sólida complexão de forte. Ele se caracteriza pela sua grande saúde moral; pela sua alegria ao mesmo tempo discreta e ruidosa; pela igualdade do seu humor; pela sua abundância de alma; e sobretudo pela sua firmeza no encerrar a vida e o mundo — relegando para trás o que é triste, pequeno ou ignobil, não por orgulho, antes compungido, como quem reconhece ao pequeno, ao triste, ao doloroso o direito de existir, tão bem quanto ao que é belo, nobre e grande, mas cancelando aquilo e só vivendo disto.  
(Revista Souza Cruz — Fevereiro, 1918).



CASTRO MENEZES, um desenho de Décio Vilares



# Castro Menezes - Manuel Bandeira JARDIM FECHADO

(Da Academia Brasileira)

Conheci dois Castro Menezes, — o de 1902 e o de 1918: o secretário do Ginásio Nacional e o redator do "Jornal do Comércio", Secretário Geral da Associação Comercial do Rio de Janeiro, autor de brochuras como "O Algodão no Egito", "O Problema Econômico e Financeiro do Brasil", "Algodão nos Estados Unidos", "O Futuro Econômico do Brasil", etc.

Estes últimos me dizia na linguagem de quem não entendia nada de Economia, e para descausar de noites passadas em estudos redigidos... para os outros, estradíssimos relatórios, escrevia na "Revista Souza Cruz", crônicas cômicas, que eram lidas a pretexto de ganhar mais algum dinheiro... também para os outros.

Entre os dois Castro Menezes, que enorme diferença! Disse-me ele mesmo num soneto de "Lar Desfeito", a única parte de sua poesia que lhe proveu alguma fortuna:

Antes meus sonhos de água real  
[na altura...]  
Quedou de meu sonho paladino...  
[Castro Menezes ativo era bonafide]  
[Castro Menezes diverso a uma das]  
[tino:]

E no terceiro final:

Tudo — minha de não revelado  
Alimentou no meu ser, au-  
[lado].  
Como um bando de leões numa  
[conversa...]

O Castro Menezes dos dezesseis anos era um adolescente orgulhoso, que eu, três anos mais novo, admirava sem ousar aproximar-se. Tinha publicado um livro de versos a que chamava "Mitos" porque esta palavra, no ano da graça de 1902, se escrevia com "y" e "ih", o que para um simbolista dava um mundo de coisas.

Um colaborador da revista "Rosa Cruz", onde eu procurava o que ele escrevia para depois repetir de cor. Ainda hoje me lembro de alguns pedaços dessas poemas, que me pareciam lapidários:

Deus nome, Amor, a uma lha  
[concedida].  
Pois a na acesa lha da  
[minha alma...]

Castro Menezes detestava Bilac, como todo bom simbolista daquele tempo. Isso me perturbava um pouco, porque eu gostava de Bilac a ponto de decorar toda a "Via Lactea". No fim do curso, Castro Menezes foi o orador da sua turma, e com o mesmo ar ativo com que lia os seus versos no claustro do Ginásio, proferiu um discurso em que citava Verlaine e Maeterlinck, e que eu achei uma maravilha...

Depois disso, andei por fora e durante muitos anos não ouvi

mais falar de Castro Menezes. Aí, num dia me informaram que ele não fazia mais versos, metiera-se a estudar Economia Política e tornara-se um "homem prático".

A informação não dizia precisamente a verdade. Castro Menezes vivera algum tempo em Belem, onde foi jornalista e professor, casara com uma criatura angelical, e de volta ao Rio fora nomeado promotor público em Ilhabela, depois juiz municipal em Duas Barras.

Duas Barras, que ele cantou porque continuava a fazer em palavras simples e doces, sem mais necessidades de "yy" e "ihh":

Esqueça-se a café pelos teatros.  
Passam corcos de bala, chiando,  
[a distância].  
Bate na joia a estrada dos  
[floreiros]

E dos vales em flor, como a  
[fragrância].

Quando eu publiquei "A Cinza das Horas", Castro Menezes, que fazia notas críticas na edição da tarde do "Jornal do Comércio", não só escreveu muito generosamente sobre os meus versos, como me procurou em minha casa (sabendo-me doente), e foi então que eu conheci um Castro Menezes inteiramente diverso do outro que me assustava. Um Castro Menezes natural, franco, espontâneo, de uma vitalidade que me assombrava: nem vestígio da precocidade pseudo-simbolista. Um Castro Menezes que punha a bondade acima de tudo. Via amigos por toda a parte. Casara-se novamente, e a segunda mulher era um anjo. Eu, naturalmente, era também um anjo. Décio Vilares, outro anjo.

Pouco tempo, muito pouco tempo, tive a ventura de gozar da sua amizade. Consultou-me sobre os versos que pretendia publicar, e com a mais sincera modéstia me perguntava se aquilo valia a pena de se imprimir.

Quem lê a "Estrada de Damasco" fica espantado como o simbolista odiador de Bilac se aproximou depois do poeta de "As Virgens". Na série das "Rainhas", por exemplo, há sonetos que seriam perfeitamente parnasianos, se não aparecesse, aqui e ali, um dodecassílabo sem a cesura mediana.

Mas essa espécie de involução não tinha passando. Quando perdeu a primeira esposa, a poesia de Castro Menezes encontrou o tom justo para celebrar a saudade da morte:

Vendo, no lar deserto, meu dor-  
[tino].  
Vazio de ilusões e de esperanças,  
Pensei em ti, meu amor, que hoje  
[desapareceu]

No regaço de Deus teu ser divino.  
Lembra teu vulto d'afano...

[Incerto].  
Teu cabelo partido em duas tran-  
[ças].

Teus olhos tristes e as carícias  
[inocentes]  
De tuas mãos mãos de anjo  
[francino...]

Meu amor... Meu amor... Como  
[na altura]

Desapareceu e só neste recito  
Que o silêncio poras de Saudade...

Como me sinto abandonado e  
[triste].

Vendo que em meu futuro nada  
[restava].

Atém da sombra desta solidão...

E' nesses versos que encontro o último e definitivo Castro Menezes. E imagino-o entrando os domínios da morte a repetir o soneto XXI de "Lar Desfeito":

Carmen, sou eu... Aqui me tens,  
[bem perto].

De ti, fiel ao doce amor antigo,  
Casto effluvio do céu que anda  
[contigo].

Única luz no meu destino incerto.

Aqui me tens, em pranto, a sós  
[contigo].

Lembrando nosso lar, hoje de-  
[serto...]

Lar feliz, sonho bom, de que des-  
[perdo].

Para cobrir de rosas teu jazigo...

Junto de tua humilde sepultura,  
Ajoelho-me, sentindo que na al-  
[tura].

Sob os olhos de Deus, leve re-  
[voas...]

Tua imagem piedosa, me apa-  
[rece...]

Moves os lábios numa eterna prece  
[prece].

E me estendes as mãos e me  
[perdoas...]

## É preciso redimir o brasileiro

CASTRO MENEZES

Reparámos com Jeca Tatá as riquezas que ele nos permitia acumular, batendo, lá longe, no mato bravo, a machadinha, e sobre a terra, a sua enxada, que já não lampeja ao sol. Até aqui deixamo-lo ao desconforto, queimando os músculos na faina de trabalhar para beber. Ensinemo-lo, agora, a trabalhar, com inteligência e saúde, para se alimentar, para se vestir, para se erguer, e afirmar, de pé, como outrora, a audácia de seus arrojos, na valorização desta grande terra, que é, afinal, mais dele do que nossa...

Último amor, vaga esperança  
Bem que meu sonho não alcança  
Por impossível...  
Quero-te assim, como um segredo  
No coração guardado a medo,  
Sempre indolente.

Quero-te assim, como um perfume  
De flor secreta ou como o lume  
de uma abstenção,  
Longe, perdido no horizonte  
E para qual nunca despoite  
A manhã clara...

Último amor, mistério oculto  
No leve incenso de meu culto  
De cada instante...  
Na minha cisma visionária  
Teu nome sou como uma ária  
Do céu distante...

Quero-te assim, como um sorriso  
Aberto à porta de um paraiso  
Sempre fechado...  
O meu jardim de maravilhas,  
Cheirando a lírios e baulilhas,  
Mas ignorado...

Flores a mim, sempre desfeitas,  
Vivendo em altas esperanças  
Da minha vida...  
Jardim de encantos que imagino  
Darão paz ao meu destino  
De alma vencida...

Último amor, bendita meiga  
Que põe meus olhos rasos d'água  
Sem que eu pressinta  
Se ela me leva para a morte  
Ou para um bem que reconforte  
A crença extinta...

A minha crença, ingênua e calma  
Que era a alegria de minh'alma  
A fonte pura,  
A levantar meu pensamento  
Nas noites más de devolento  
E de amargura...

Recordas uma heroína antiga,  
Vivendo em roca de ouro a estriga  
De soda e luz,  
Para vestir os pobrezinhos  
Que andam sonhando nos caminhos  
Como Jesus...

Porque te sei tão compassivo,  
Bendigo a angústia sempre viva  
Que me consome,  
Pois, só assim, piedosa, desces  
Até minh'alma e em tuas preces  
Passa o meu nome...

E's a Padroeira da Humanidade,  
A luz serena que me invade  
O coração  
Quando, sozinho, em desconforto  
Ele se apega, quase morto,  
A um sonho vão...

Ao sonho vão que é toda a glória,  
Toda a esperança verde e flores  
Desta existência  
Cheia de travos amargos  
Mudados em celestes gozos  
Por tua essência...

Último amor, mistério oculto  
No leve incenso de meu culto  
De cada instante...  
Na minha cisma visionária  
Teu nome sou como uma ária  
Do céu distante...

## CASTRO MENEZES

# O RECANTO DA SAUDADE — CASTRO MENEZES

I

Foi teu berço natal risonha lha  
Que parece um jardim feito no Oceano,  
Para servir de encanto e maravilha  
Dos navegantes ao destino insano.

Nesse retiro bíblico, insulano,  
Os jasmims, as magnólias, a baunilha  
Vagam cada vez durante o ano,  
Ao sol do Norte que radioso brilha.

Os roqueiros, que trêmulos balançam  
A viração dos leques caprichosos,  
Mortos de sede para o mar avançam.

E à noite, enquanto o alto farol fulgura,  
Dos pescadores os batéis airoso  
Largam da praia para o azul planura...

II

Ventidinha de Noiva, dás a idéia  
De Maria quando era pequenina.  
Pois tens a mesma graça peregrina  
Da melindrosa Flor da Galiléia.

Brilham teus olhos, que o pudor enleia,  
Como a luz das estrelas na neblina.  
Nunca houve uma Noiva assim menina,  
Assim de encantos infantis tão cheia...

Por isso, ao ver-te, linda e feiticeira,  
Coroada de botões de jaranjeira,  
Trazendo um ramo de jasmim à mão,

Não sabe a alma do povo, ingênua e franca,  
Se hoje te vais casar na ermida branca  
Ou fazer a primeira comunhão...

III

Carmen, sou eu... Aqui me tens, bem perto,  
De ti, fiel ao doce afeto antigo,  
Casto effluvio do céu que anda comigo,  
Única luz em meu roteiro incerto.

Aqui me tens, em pranto, a sós contigo,  
Lembrando nosso lar, hoje deserto...  
Lar feliz, sonho bom, de que desperto  
Para cobrir de rosas teu jazigo...

Junto de tua humilde sepultura,  
Ajoelho-me, sentindo que na altura,  
Sob os olhos de Deus, clara, revoa...

Tua imagem piedosa me aparece...  
Moves os lábios numa eterna prece  
E me estendes as mãos e me perdoas...  
(Do poema "Lar Desfeito")

# POESIAS RARAS DE

## MISTICA

I

Quanta vez, como uma ave misteriosa,  
De ermo em ermo vagando,  
Entre a luz, entre o fumo,  
Não tenho a meu olhar lançado no céu, sem rumo,  
E o não tenho deixado adormecer chorando  
No azul de alguma noite esplêndida e formosa!  
Quanta vez, com lágrima suspensa,  
E que se esvai a um vento repentino,  
Não sinto-o que me desce,  
Que firo como a neve a pálpebra amortece,  
Naquela noite imensa  
Chelo do resplendor metálico de um hino!

Quantas se prende e engasta  
Lá nesse rio, cujas vagas cerulas,  
Estreladas de lírios cintilantes,  
Rolam ondas e ondas de diamantes  
E onde as mãos de uma alvorada casta  
Há semendo um turbilhão de perolas!  
Quantas não patra incerto  
Ouvindo de cem mundos gloriosos  
Os longínquos rumores sonorosos.  
Como um bater de ventos no deserto!

II

Donde esse errar de mundos sobre mundos  
Esse errate bater d'asas cansadas  
Em viagem de peláguas profundas  
No mistério das noites encantadas?  
Quem me arranca do íntimo este anseio  
E m'o arrebatou do fundo das alturas,  
Como um cristal que arroja-se no seio  
De umas ondas escuras?

Donde o vago mistério tenebroso  
Que o sonolento espírito circunda  
Se de um orbe a outro orbe luminoso  
Mais entranha-se errante e mais se afunda?  
Quando as harpas dos paramos vibrantes,  
Salmódicos em clíticos do dia,  
Entornam como chuva de diamantes,  
Os concertos da mística harmonia!

Quando, com os beligeros amezes,  
A refulgente lâmina divina  
Uma vez oscila e contras vezes  
De um metálico brilho se ilumina:  
Porque, se a estrela daiva immaculada  
Descechoa, como um lírio n'Orizente,  
Outra estrela, outra nêcula d'alvorada,  
Há de acordar-se em nós resplandecente?

III

No esplêndido luar das noites brasileiras,  
Seguindo a aparição da mística poesia,

Como um pássaro abrindo as asas forasteiras,  
Assim meu triste olhar se perde e se extasia!  
E quando sob o azul do pincelo dos mantes  
Seu estandarte doira a madrugada plantia.  
Sinto-o apagar-se, assim dos largos horizontes  
Foge a estreia da noite ao sol que se alevantia!

("Gazeta de Notícias" de 17-8-1878)

## A poesia politica de Alberto de Oliveira

A queda da Monarquia, em 15 de Novembro de 1889, inspirou a Alberto de Oliveira a seguinte poesia:

### O EX-SOBERANO

Já vai longe de nós. Mas são da Pátria ainda  
Essas costas que vê, esta planície infunda.  
As águas — o horizonte, este espaço, estes céus;  
Inda é a Pátria que à luz do dia que amanhece,  
Entre raios de sol, à vista lhe aparece

No derradeiro adeus.

Cure a cabeça branca, em pé, na proa, o rosto  
Volve atrás num suspiro o Imperador deposedo.  
— Ah! deixar tudo isto! este país inteiro!  
E quase só, depois de tão longo reinado  
A bordo de um navio, ir demandar cansado  
Os lares do estrangeiro!...

E livre, entanto, e crendo um sonho o que se passa,  
Livre, os grilhões pisando, arrancada a mordaga,  
Que a boca lhe tolheu a voz do coração.  
Livre, em gritos de aplauso, a delirar, sublime  
Como tudo o que enfim de pronto se redime,  
Prorompe a multidão.

E a voz tremenda e augusta a seus ouvidos chega.  
Do leão que, aberta a fenda, às praças corre e ofega...  
São as aclamações de um dia de vitória.  
O eco de um grande mar que as vagas alacanta  
Em batalhões, e roupe, entre os hinos que canta,  
Pelo oceano da História.

E ele vai! — "Que será, talvez sorprezo inquirir,  
Deste povo que aí frenético delira,  
Quebrando a paz do sono, em que o rei a dormir?" —  
Qual si o inglorio letargo, o frio desconforto,  
Que dava a este país o aspecto de um mar morto,  
Fosse acaso o porvir!

Qual se estacar pudesse, havendo já crescido  
Dia a dia a seus pés, de gemido em gemido,  
Rouquejando a feição dos vagalhões sinistros  
Que há nas noites do oceano, a tenebre corrente  
Cujas águas — de jet tingira ultimamente  
A mão de seus ministros!

Vai! — E como Titã, ao sol radiante e belo,  
Acorda a Pátria, e aos pés, de negro pesadelo  
Vê, com assombro, na c'roa, ora deposta, o horror!  
E este povo é tão bom, tão grande, no entretanto,  
Que no cabo deste sonho, a alma lhe arqueja em  
pranto:

— Pobre do Imperador!

Vai! — E que ansia suprema, e que infinitas magua  
Há de experimentar, embalado nas águas,  
Aos tombos do nauio, o extinto soberano.  
Quando, do grande mundo onde reinou, somente  
Monotona acutir a fular-lhe inconciente  
A vastidão do oceano!

E à noite, no convés, dos ventos a passagem,  
Taciturno a cismar, que esplendorosa imbução  
Há de ao longe entrever, sob o sombrio azul,  
Quando por traz de si, no infinito distante,  
Lá das bandas da Pátria aparecer radiante  
O Cruzeiro do Sul!

E esta constelação, tão límpida e serena,  
Talvez lhe infunda n'alma uma secreta pena,  
Infunda-lhe no peito uma vaga ansiedade,  
E tudo o que era dor, ante aquelas estrelas,  
Brilhe nos olhos seus, extáticos a vê-las,  
Num jorro de saudade!

Saudade! Esta há de ser a extrema companheira  
De seus dias finais, da hora derradeira!  
Lá nas terras do exílio — esplêndida visão! —  
Em seu mágico espelho ela fará que assume  
Diante dele este mundo imenso, cujo nome  
Leva em seu coração.

Confusamente, aí, mat definidos traços,  
Linhas n'as, sombras n'as, vagos aspectos baços,  
Ao principio verá, como o esboço de um mundo;  
Mas depois, ao cair a lágrima oscitante  
Que a vista lhe embaciar, há de ao cristal radiante  
Iluminar-se o fundo.

E irá tudo surgindo: a capital primeiro.  
— Nas ruas, aclamado à voz de um povo íntegro,  
Roda em seu carro. Após, outra cidade, além  
Com seus ordes jardins, sobre uma serra erguida,  
No verão despertando a um frémito de vida  
Que respirá-la vem...

Depois, verá surgir, passar, surgir de novo,  
Céus, estrelas e sol, vites, cidades, povo,  
Orbes cheios de luz, praças cheias de festas,  
E, onde mais amplo se abre o espaço, fulgurando  
A luz meridional, grandes rios cantando,  
Montanhas e florestas...

E seguindo a visão, num profunda gemido,  
Ele dirá consigo: — "Está tudo perdido!"  
Depois... da consciência a voz terá de ouvir:  
— "Da coroa de rei que à frente sustentaste,  
Num descuido fatal, tu mesmo aproximaste  
O instante de cair!"

Pesa no exílio agora a obra que fizeste!  
Não soubeste reinar! Ser grande não soubeste!  
Pois reconhece, enfim, se o orgulho t'o coveira,  
Que governando um povo, a ti, como monarca,  
Tudo veio a faltar — salvo do peito na arca  
O coração somente!"

E enquanto isso ele ouve, grandes na imensidade  
Em que se abre o porvir, grandes, da liberdade  
Marcharemos, seguindo unicamente as leis...  
Pois, para atingir-se, o mundo americano,  
Forte e ativo, dispensa a todo o soberano,  
Não precisa de reis!

17 de novembro de 1889.

("Gazeta de Notícias", 25-11-89).

# LUZ NOVA — ALBERTO DE OLIVEIRA

V I I

Não sei onde há mais penas:  
Se no leito do teu colo,  
Se nos dos crepúsculos serenos  
Que abriste p'ra meu consolo,  
E' de uma beleza extrema  
Tua voz se bulbulou  
Esse cântico — Maria!  
E — Jesus — esse poema!

Se falas dos céus, dos astros,  
De Deus, da luz, d'alvorada,  
Quando, branca, ensombrada,  
Morria-me a fé de rostros!

Não sei onde há mais pureza;  
Se no olhar que diz — amor!  
Se no que exclama — Senhor!  
E diz após — Natureza!

V I I I

Quando, ao meu lado, eu, assim,  
Vejo-te aérea e tão bela,  
Que até te julga uma estrela  
Suspensa por sobre mim...

Quando te sinto ao meu lado,  
Tão pura, tão casta, é pomba!  
Como uma bênção que tamba  
Lá do azul immaculado...

Quando — pequenos gigantes —  
Em mim teus olhos tu cravas,  
Teus olhos — selinas lavas,  
E como que polpitantes...

Quando estas duas turquezas  
D'est'alma — canções n'oceano,  
Com o calor indiano  
D'aquelas mortas princezas...

Ah! eu não sei o que exprime  
Todo o meu ser n'esse effluio!  
Sente os flomatos do Vesúvio...  
Sente as vertigens do crime!

I X

Aquela florzinha azul,  
Que ontem traxeste do campo,  
E que era a berça onilada,  
Talvez, de algum pirilampo  
Pelos vargedos exult:  
Morreu... seu rosto esmaído  
Tinha... não sei bem a cor;  
Tinha a cor do leite amado,  
Onde, lampirado adorado,  
Tu dormes, ó meu amor!

X

Eu sei que mais que a meus versos  
Amos à noite escultores  
A voz de alguma viola,

Os sons d'uma ária espanhola  
Pelos sérenos dispostos,  
E' que, disseste uma vez,  
Há um que de mais harmonia  
N'estes sons que a poesia  
De teus versos nunca fez.

Para poder-te agradar  
Há de montar juntar  
As cordas de minha lira  
As cordas de um bandolim;  
E quando eu cantor, assim,  
De amar na valúbia limeros,  
Ao céu não leves o olhar,  
Porque na luz do luar  
S'tão chorando os meus versos.

X I

Não amo o lar em que moras  
E eu sei que é lindo o teu lar,  
Pois a tua casa bronca  
Tem janelas sobre o mar!

Temo, é que amo-te e muito!  
Temo que o monstro algum dia,  
Saltando da jaula fria,  
Não queira te arreboatar.

E' minho só, e por mim  
E' só que deves pensar...  
Porque passei na praia?  
Porque contemplo a mar?

Não amo o teu lar! Se eu fosse  
A viração, ao pastor,  
Fechara aquela janelo  
Que se abre para o mar!

X I I

Como tu vês, no meu peito  
Longe este amor profundo,  
Que eu não acho um mundo onde  
Me obrigues com este mundo.

A mim, pequena que era,  
Enchei da luz tomanha,  
Que eu me porei um gigante  
Carregando uma montanha.

E em meio de meu caminho,  
Eu sei, se um dia cançar,  
O peso d'esta montanha  
Há de exprimir-me e esmagar.

X I I I

Estos pequenos canções  
Cheios do amor que me deste,  
Que pensas? Quando morrerem  
Tão também seu cipreste?

Não! Dos lírios de teu peito  
Nas urnas immaculadas  
Eu pedirei que deponham  
Essas canções mol rimadas.

Depois... Ramalho, saqueado!  
Luzes brancas, brilha!  
— Estão aqui dois amantes  
Adormecidos n'um al!

("Gazeta de Notícias"  
de 7-10-1878)

—o—

NOTA — Quase todas as pequi-  
nas canções, que Alberto de Oli-  
veira, em 1878, publicou na "Ga-  
zeta de Notícias", com o título de  
"Luz Nova", foram, posteriormente,  
te, depois de sofrerem muitas altera-  
ções, publicadas em livro, e em fi-  
das, de "Canções Românticas".  
Julgo de "Poesias" de Alberto de  
Oliveira e a leitor que se der o estu-  
diado, poderá agora fazer um  
curioso confronto entre a versão que  
eu apresentamos e a que vem a  
prevalecer no livro, depois das cor-  
reções introduzidas pelo poeta.

# ALBERTO DE OLIVEIRA

## Os contos de Atta-Troll, O CAIXEIRO

Em frente à venda, suja e gordurosa,  
Espio-se a arrogância do soldado;  
Era a casa elegante e cuprichosa  
O lar romantizado  
De um doce mimo histérico e doentio;  
Era a sala que, em horas de abandono,  
Quase mistica, ardeu,  
Como as visões do sono  
Das desditas líricas contínuas,  
Toda de branca, ao ar solto o cabelo,  
Erguia-se uma pálida Consuelo,  
Uma adorada Egéria!  
Dali, duma daquelas  
Altas, aristocráticas janelas,  
Um brando olhar nacio,  
Meio como os amores  
Desceia, como um alma iluminada,  
Fechada toda a "tascu" aguardentada,  
A casa do Francisco taverneiro.  
Como o povo dizia,  
A senhora, que olhava da sacada,  
Era o amor do estúpido caixeiro.

XXX

Era a rua sombria,  
De um tal aspecto reles e mesquinho  
E quase sempre úmida. As vidraças  
Do Silva do armazinho,  
Do curries, da francesa, mal luziam  
Enfocadas, baças;  
Nem acongue mais próximo pendiam,  
Das toscas, negras encharcadas portas,  
Os mactos de um touro, as banhas claras,  
De um carneiro sangrento  
E os rubros quartos de vidros mortos,  
As vezes, lento e lento,  
A carroça do lixo, em tons pausados,  
Aos arrancos do burro, estrepitava,  
Sobre os paralelepípedos molhados.  
Quando a noite caía e a voz do sino,  
Em lastimosos ais,  
Chorava no poema das Trindades,  
Vinha o homem do gás,  
Apressado, acendendo, e após seu passo,  
Se alongavam na rua, pelo espaço,  
As volutas de amarelas claridades,  
E, então, com seu ar mole e sonolento,  
Como um velho cigano,  
O alfaiate Bento  
Desceia das escadas  
As amostras de pano,  
Os linhos, as alpacas.  
Na rua, em passo trêmulo, arrastado,  
Olhando muito, a mão limpando a saia,  
A preta do Martins, suja, cambaia,  
Aprezava amendoim torrado.

XXX

A venda tinha larga freguesia,  
O tilantar dos copos continuamente,

O estourar das cervejas vaporosas,  
Do champagne, das límpidas gasosas,  
Tudo aquilo fazia  
um ruído fervente.  
No ar frio, cheirando  
Ao ranço da manteiga e do toucinho,  
Ferviam num confuso borborinho,  
As moscas enxameando.  
A ordenada fileira das botijas,  
As "flus" transparentes,  
Os negros frascos, úmidos, lucentes  
Abriam moles claridades vivas.  
Ao fundo, num canto envelhecido,  
Onde boijada pipa se arquejava,  
Qual gigantesca sangressunga cheia,  
A torneira de um quinto respingava  
Do úmido chão na areia.  
Conspicuos caixas de sabão visguento  
Cheiravam como unguento.  
Brilhava nas barricas volumosas  
O açúcar de uns tons baços,  
E das latas de Flandres gordurosas  
Derramavam-se forte, inebriante,  
O bom cheiro higinico dos patos.  
Descendo o dia, à tarde fria, e errante,  
Uma aragem que, às vezes, das balanças  
Tilantava as argolas,  
Dançar fazia as réstias de cebolas,  
Como fustiga, penduradas tranças.

XXX

Bem ao contrário dos demais caixeiros,  
Anselmo emagrecia;  
Dias, dias inteiros,  
Uma quebreira vaga o entorpecera.  
Sujo, amarelo, com seus passos mancos,  
Idiotamente, à voz de alguns "vadios";  
Pelas tijolas frias  
Arrastava os monotonos tamancos.  
Vinham-lhe lédios de doença estranha;  
Cuspinhava ao redor, quando à larga,  
Os olhos como atônitos,  
A mão fria espalmava sobre a ilharga  
E lhe trazia nns impiedos de vômitos  
O aspecto brando da nuca banha,  
Aquela vida ali era-lhe a morte!  
Maldizia dos pais, que, a tal cupricho,  
Lhe haviam dada tão nefanda sorte.  
Um futuro do lixo!  
Um futuro de lixo! ele exclamava;  
Pretendia fugir... não se moldava  
Aquela vida ingrata,  
Estúpida, brutal.  
Em que ao homem porco, sujo... um animal!  
Alé proibem a trazer gravata!  
Não, não se habituava,  
Como os outros, a usar pijão vestida,  
Que, nojento, enebado, enegrecido,  
De semana em semana é que se lava.  
E ele, ele o Anselmo, ele, alirado  
De uma taverna ao chão, torpe e obeso,  
Ele, imundo, um caixeiro, vil, pequeno,  
Era contudo amado!  
Havia quem por ele suspirova!

Um olhar que o seguia!  
Um olhar que o buscava,  
Cheio de ansiedade!

E quem? Não era de um burguês a filha,  
Uma Adéla de lenço e de mantilha,  
Sem as menores regras de gramática,  
Mas uma flor de cima, pertencente

A classe aristocrática,  
A classe superior da sociedade!  
E então, limpando a manga

Da camisa de meio estrangulhada,  
E para defronte arremessando o olhar:  
"Sim! eu hei de lançar fora esta canga,  
Me custe o que custar!"  
E formava uns juizes na sacada.

XXX

Um dia, debruçada  
Sobre o balcão das vendas, enebada,  
Enquanto o amo, olhando a praticaria,  
Fumava distraído,  
Reclinado a uma cômoda cadeira,  
Anselmo, sepultando os seus pezozes,  
Absorto, esquecido,  
Conversava com a pálida indolente  
Na linguagem mítica dos alhures.  
Era a rua dormiente,  
Morta, silenciosa,  
Sem rumor, triste como um necrológio;  
Nenhuma freguesia.  
No estante das garrafas, o relógio

No som da voz metálica e morosa,  
Cantava o meio dia.  
A amante do caixeiro, debruçada,  
Oh! como estava bela!  
Toda de branco parecia ela  
Flor de neve no alto da sacada!  
Anselmo olhava-a, via-a!  
Junto de si, senti-a...  
Dessejava voar... Mas, de repente,  
Um êbrio, entrando, berra:  
— "Um ponche de aguardente!"  
Anselmo não n'o ouve. Encara, fita  
único bem que lhe sorri na terra.  
Oh! se aquele balcão não fosse estorvo,  
Como ele a devorava de mil beijos!

E lhe a tirava o olhar, onde os desejos  
Tinham gorras de corvo.  
Nisso o êbrio, mais forte, pede, grita...  
Então ergue-se o amo e olhando e o vendo  
Naquele espasmo, por detrás lhe pora:  
Burro! disse-lhe, burro! e o punho erguendo  
For-lhe direito à cara...  
Dejronte a linda amante preguiçosa,  
A bela Consuelo  
Com a ponta do cabelo  
Eucugava uma lágrima piedosa.

ATTA-TROLL — (Alberto de Oliveira)

(Diário do Rio de Janeiro — 27-8-878).

# A ALBERTO DE OLIVEIRA — OLAVO BILAC

Não te compreendem, não!  
A alma que ao torpe olhar da tarde chocarretira  
Mostras, o coração  
Que lhe abres, desvendando a tua vida inteira:  
— Alma, que céus risonhos,  
Flores, lagos azuis e pássaros povoam;  
— Coração, em que sonhos  
E radiantes visões, soltando as asas, voam;  
Teu desgraçado amor,  
Que agora te envenena e te consola agora,  
Sangra aos golpes da dor,  
E ora canta e delira, ora delira e chora;  
O fêretro sombrio  
Que carregas ao ombro, n relicário santo  
Onde um cadáver frio  
Dorme seu sono eterno amanhado de pranto;

O fêretro que aos mais  
Mostras chorando e todo o teu amor transporta;  
— Relicário em que jaz  
Amortalhada e pura a tua amante morta;  
Nada te vale, nada!...  
Este, que a inveja morde, atira-te um apodo;  
Daquela a envenenada  
Bava imunda te cobre e te enlameia todo...  
Al! eu sinto também  
O desespero atroz que o coração te inflama;  
Dar a todos o bem,  
Dar a todos a luz, e receber a lama!...  
E ainda, quando se atêla  
A magua, disfarçar será precto e magua?  
Será precto cheia  
Ter de rios a boca e os olhos cheios d'água?

Não, poeta infeliz!  
Bem se vê tua dor: deixa que o mundo ria!  
Choras quando sorris:  
Nem há riso que encubra o horror dessa agonia.

Que importa o mundo? Aquela  
Que amaste e que morreu, viva te segue os passos:  
Recorda-a, e o corpo dela  
Toma, e contempla, e beija, e apertia entre seus  
[bracos!]

Lembra-a e estreteta a chorar  
Esse corpo gelado ao teu peito ferido...  
Feliz quem pode amar  
E venerar na morte o seu amor perdido!

6 dezembro 1885.



# O ENCONTRO EM WEIMAR — Ernesto Fodor

O viajante que, por um belo dia de outono, caminhava com passos rápidos e elásticos, pela estrada que de Jena vai ter a Weimar, poderia ter uns 25 anos. Esbelto, fisionomia simpática, muito brilho e algo de ironia nos olhos azuis, vestia um casaco cinzento, um colete listrado, calças amarelas e abafado preto. Um bone verde cobria-lhe, negligentemente, os cabelos loiros. De vez em quando colhia nas ameixas que se alongavam nos dois lados da estrada, os frutos apertados. Numma enxada, um outro companheiro, moço, também, entabulava conversa com ele, pedindo-lhe, com polidez, permissão para ir em sua companhia.

O novo companheiro apresentava-se sob a influência de farras libações, sem mais preâmbulos, perguntou como se chamava o novo amigo. A resposta foi rápida: "Chamo-me Peregrinus, cosmopolita. Viojo a expensas do sultão da Turquia, aliando recrutados para o seu Império. Gostaria V. de ir lá?" Respondeu o outro: "Mais vale ficar a gente em sua terra e ganhar, honestamente, a vida." Desconfiado de que o companheiro romba de se, contou-lhe que era um simples alfaiate e que o soberano do seu país quando em peregrinação a Palestina, fora capturado pelos turcos. O companheiro encarregado de Neufilos lhe prometeu empregar toda a sua influência pessoal para restituir à liberdade o infeliz soberano.

Assim prosseguiram viagem, comendo frutas e vencendo-se, mutuamente, no torção das invenções grotescas. A certa altura quando chegaram a fronteira da Prússia, que tinha um posto na linha do Grande-duado Saxe-Weimar, um sargento obscuro e sãno, com um nariz descomunal e rubro, embargou-lhes os passos. "Prenome?" — "Enrique." "Nome?" — "Heine." "Profissão?" — "O nome o diz." "Nada, a declaração?" — "Nada, a não ser pensamento e divida." "Relatório da viagem?" — "Fazer-me católico." "Toda a região é protestante." "Quando volta?" — "Hoje à noite como bispo." Ficou o sargento tão pasmado com as respostas que se esqueceu de interrogar o "alfaiate". Este, ao que ambos se viram longe da beirada da ordem prussiana, exclamou alegremente: "V. é o Heine? Porque não me disse logo? Toda a cidade de Goettinger fala de suas pilherias e dos seus versos. Vai a Weimar ver o poeta do Fausto?" Heine evitou uma resposta direta. "Que Fausto é esse? Cada um de nós deve a escrever o seu Fausto. Também eu vou escrever um." "Aconselho-o, nesse caso, a não o imprimir, senão o público..." — "Pouco importa o público. Eu nunca li o que escrevem a meu respeito." — "Tem V. razão em não se deixar embair pelos conceitos do público. Escrevendo no seu Fausto depois do outro poderiam julgá-lo arrogante." — "Meu Fausto vai ser muito diferente, o contrário do que V. conhece. No meu é Medistóteles quem age, e Fausto o conduzido. Meu d'abo não é uma negação, é um princípio positivo. Meu Fausto é um professor de Goettinger que, graças à sua ciência aborrece os outros e se aborrece a si mesmo. O diabo, como estudante, segue o seu curso e faz-lhe da vida mundana tão sedutoras descrições que o professor, por fim, deixa a cidade e sai a viajar com ele. O Senhor não entra em cena, mas os anjos dão às temporadas, uns chás a que assiste o diabo e onde se discute o destino do professor." Durante

Cabe de justiça à nossa Poesia de agora o reparo crítico de cultivar quase exclusivamente o soneto, com esquisitismo ou desamor das mais formas de composição. Na variedade dos gêneros ou meios de manifestar-se reside boa parte do prestígio da arte do verso. Onde todos cantam prolongadamente na mesma toada, não é de estranhar que a audição se enfasse e cansa. Dir-se-ia que por breve o soneto, todos o podem fazer, por que a todos para isso há ensanches no tempo. Apenas quatorze versos, — uma diversão ou brinco inocente, com o entretenimento das adinheções ou charadas, sem prejuízo das ocupações sérias que requerem estudo e reflexão. Assim que, por mais atarefadas que lhes corram as horas, sempre há de haver a todos os soneteadores um meio momento, um fugaz instante de lazer para este recreiozinho espiritual.

So no verdadeiro poeta e artista, sonhador febril da perfeição no que imagina e executa, todo tempo lhe vem escasso para lapidar com desvelo esta jóia rara, e quando, trestante ainda de compridas vigílias, a desatenção de si mesmo e a otereece aos olhos de outrem, engastando-a em jornais ou em livro, ainda assim, raro está satisfeito com o seu trabalho.

E que o soneto, — embora haja aí quem os faça às grossas e como num repente, — exige, sobre a de concepção, capacidade não vulgar de paciência e labor. Que o diga a mão que escreveu os "Troisies", esse cuja existência se consumiu quase inteira em apromorar a coleção deles, que todos admiram e onde de um se sabe com o qual em o afecionar e por vir Herédia transcorrer um decênio. Um dos melhores cultores do gênero no século XVI, Diogo Bernardes, tão excelente que se confundiam alguns de seus trabalhos com outros de Luiz de Camões, confessava que já era idoso e ainda não lhe acertara bem com a mão:

"Tu, senhor, já podias ter bisnetos,  
Depois que deixaste a fazer versos,  
E ainda bem não estás nos versos!"

Sempre foi tido este gênero como um dos mais dificultosos da Poesia, senão por isso relativamente insignificante o número dos sonetes sem mácula, ou que, no dizer de Despreaux, valem por si só um grande poema. A perfeição dentro de espaço tão limitado é raramente atingida e houve até quem duvidasse o possa ser algum dia. Este foi Antoine Godcau, ao como o apelidaram por sua exigua estatura: "o anão da princesa Julia", que viveu bispo de Vence e não menos ilustre poeta. Achava ele que o reino do soneto não é deste mundo, o que levou Charles Asselineau a conceituar que quanto a sonetos o reverendo prelado era ateu.

Originalmente com o nome de son d'amour ou sonet afforaria espontânea e fácil esta composição aos labios de trovadores e trouveres, nas línguas d'oc e d'oïl. Mueas de Italia aperfeiçoaram-na, sujeitando-a a tração regular de consonantes e disposição, que lhe conhecemos, levemente modificada mais tarde pelos poetas da Pledade, vindo a dificultar-se-lhe assim de modo a leitura que o leva-lo a cabo, sem ofensa ou transgressão das regras prescritas ficou sendo privilégio exclusivo dos espiritos verdadeiramente "alumados de Apolo". Fora "ce deu bazarre" que segundo Boileau, decretara tais princípios (terríveis lhes chama o Conde de Ericeira em sua horrível tradução de Arte poética), afim de apurar até onde podia ir o cuidado na paciência humana dos rimadores.

Segundo Manuel da Fonseca Borralho, de nome extravagante, em seu livro não menos extravagante de título, Luzes da poesia descobertas no Oriente de Apolo, consta o soneto de forma clássica "de quatorze versos grandes (que este é só propriamente soneto), dispostos em dois quartetos e dois tercetos, de tal sorte que os dois quartetos levem a mesma consonância e os dois tercetos também a mesma consonância, mas diferentes dos quartetos, com tal regra que não leve mais que um só conceito (nem pode admitir mais) dirigido em forma de um silogismo; ou seja: no primeiro quarteto a maior, e no segundo quarteto a menor, e nos tercetos a maior, e no segundo terceto a consequência, que vai o mesmo que propor no primeiro quarteto, ou em ambos, e no segundo quarteto, ou primeiro terceto adquirir, e nos dois tercetos, ou no segundo concluir; por maneira que se não de guardar para o fim os melhores consoantes, e não se tirão deduzidos os pes com a cabeça, que seja tudo a mesma coisa, e por tal ordem, e com tal revelante espírito (como disse um discreto) que há o soneto de abrir-se com chave de prata, e fechar-se com chave de ouro", conceito que Paria e Souza expressou por outras palavras, dizendo em comentário dos de Camões, que o soneto é como a carreira de um bom cavaleiro, no qual se olha mais o parar, que o partir, e o correr.

Os consoantes travam-se na seguinte disposição, conforme traços do mesmo Borralho:

QUARTETOS	
1.º	a b c d
2.º	a b c d
TERCETOS	
1.º	a b c
2.º	a b c
3.º	a b c
ou	
1.º	a b c d
2.º	a b c d
3.º	a b c d

Era este o molde a que se devia cingir a inspiração dos poetas: em cárcere tão estreito e com tão severa disciplina tinha de encerrar-se-lhes o coração com todas as suas paixões. E, não

# SONETO

De Gregório de Matos

Alberto de

obstante, novas dificuldades se engendam, novas formas se criam, algumas imitáveis, inventam-se e põem-se por obra sonetos e tercetos, tercetos, continhos, encadeados, retrogrados, com repitição, com cola ou estrambote, bilingues, trilingues ou polilingues (como um de Gongora escrito em castelhano, latim, toscano e português) e ainda acrósticos e telesticos e em labirinto. Aqui está uma dessas complicadíssimas criações, que ao lado de outras semelhantes, vem no Vocabulário de Bluteau, de onde fielmente a transcrevo com os dizeres que a precedem:

## SONETO PROTÓ, EM LABIRINTO

RETROGRADO, TERCETADO, CONTINUO, TIRADO DOS ENFATOS APLAUSOS QUE COMPOR FRANCISCO DE SOUSA ALMADA EM OBSÉQUIO AO DUQUE DE BANHOS, ALIAS DE AVEIRO

### METRO VII ASSUNTO V.

O QUAL E' DAR-SE A SENTENÇA EM UM SABADO, QUE FOI A 17 DE FEVEREIRO DE 1720

Aurora, Estrela, Sol  
Esperança, Astro, Bem,  
Sobrinha, Buroel,  
Contração singular,  
Tulpa Celestial,  
Bonança, Cantor, Luz,  
Valadora, Ceu, Flor,  
Alacena, superior,  
Defensora, só, paz,  
Segurança, Nam, Mar,  
Pandora, Virginal,  
Atença, piada, Dorn,  
Isara feliz Mãe,  
Alacena ao Duque Jim,

Gloria Maria,  
Nectar, surtente,  
Segura vida,  
Socor amarelado,  
Alva Alegria,  
Suave alento,  
Sagrada via,  
Facil amoroso;  
Apta Harmonia,  
Doce consolo,  
Sagra valia;  
Contentamento,  
Glorioso Dia,  
Do venimento.

"Por qualquer verso dos quatorze por onde se queira começar a ler, adverte o vocabulista — forma soneto, e sentido perfeito (7). Está dividido em duas linhas, e também por cada uma delas faz dois gêneros de sonetos mudos, um de seis sílabas na primeira linha, começando a ler-se das últimas palavras retrogradamente; outro de cinco sílabas, lendo-se progressivamente na segunda. E lendo-se inteiro o soneto heróico, se pode começar a ler, quando for retrogrado, tanto da última palavra como da penúltima. Contem este soneto oitenta e sete mil cento e cinquenta e oito milhões, duzentas e noventa e uma mil e duzentas combinações, e outros tantos sonetos, em que se transfigura, conforme a regra aritmética combinatória".

Quanto ao esforço e paciência perdidos em compor essas assim emaranhadas e inúteis, mero jogo de palavras, sem não de inspiração ou de poesia! Era a decadência do gênero ou um novo gênero de extravagâncias que se criava aqui como em tudo o mais no domínio das letras.

Esta polimorfia sonetária coincide com os altos quintos de estilo culto, mais ou menos na mesma época. Era o tempo, como bem o descreve Camilo Castelo Branco, "dos equívocos, dos trocadilhos, do marinismo, dos conceit, hiperbólos rabelaisianos, do estilo pompadoado, consonâncias de cláusulas, homônias, jogos de vocabulário, hipotipos, do gongorismo, enfim, que se havia com uma doçura insidiosa infiltrado nos mais primorosos engenhos, sem exceção do padre Antonio Vieira e de Jacinto Freire".

A musa de Gregório de Matos acordou nesse meio assim viado, achou a língua e a poética contagiadas do morbo geral e empedradas em tais afetes ridículos. Não consta houvesse contra o mau gosto de então apontado nenhum dos farpões de sua sátira, antes parece se comprazeu de algum modo com ele, a julgar de sua técnica e estilo.

E mestre de Gregório, é mestre de quem traduz e parafraseia não poucos versos, o castelhano Francisco de Quevedo Villegas. Pouco sonetoso, segundo o que até ao presente se conhece de seus escritos na maior parte inéditos e entre os quais, no dizer do licenciado Rabelo, não devem ser poucos os "ramalhotes de viboras".

Abro a conferência com o satirico balano por ser ele figura representativa e porque de M. Botelho de Oliveira e mais um ou outro contemporâneo nada existe digno de ser lembrado na matéria que nos ocupa.

Dos Sonetos do Boca de inferno que correm impressos transcrevemos o seguinte citado por José Maria da C. e Silva no Ensaio biográfico crítico:

### A CERTA FREIRA

#### QUE LHE PERGUNTOU COMO HAVIA PASSADO

Aquella não sei qué, que, igier, se aniste  
No gentil corpo, na graciosa face,  
Não sei de onde te nasce, ou não te nasce,  
Não sei em que convence ou não convence.  
Não sei como de amor viver me viste,  
Porque — feliz de amor — me eternizaste,  
Não sei como brilhaste, ou não brilhaste,  
Não sei como periste, ou não periste.  
Não sei como me vou, ou como vinste,  
Não sei a que me dói, ou por que patia,  
Não sei se vou vivendo, ou acabando;  
Como logo me mal hei-de contar-te,  
Se de quanto minha alma está pagando  
Eu mesmo, que o paizão, nem sei parlar!

Longe está de ser trabalho perfeito, nem os tem Gregório de Matos em seu grosso poetas, mas é característico da poesia castelhana, que nele influiu e até lhe fez no segundo quarteto responder com uma rima toante às consoantes ou verdadeiras.

Da escola balana a mineira, o soneto se não despe as rompageis clássicas — e é cedo ainda para fazê-lo — adquire a que lhe inflava intensidade de sentimento e subjetividade lírica. Claudio Manoel da Costa exerce entusiasmado o e é o maior sonetista então, maior do que a sua pleiade e maior da língua em todo o espaço, aberto entre Camões e Bocage. Em Coimbra, onde cursou a Universidade, e em 1768 foram impressas as suas Obras poéticas, aprendeu todos os segredos de manejar a forma e

(Continua na página seguinte)

## BRASILEIRO

a Raimundo Correia

(Oliveira)

admirável composição. "Os mestres e modelos de Cláudio — diz o meu mestre e amigo João Ribeiro, dando-lhe edição nova e rica de notas e documentos — são os dos arcades: Virgílio, Ovídio, Torquato e Maschio, Quevedo, Metastazio e Petrarca". Os cem sonetos postos como primeira parte das Obras revelam-lhe gosto apurado com a ligação destes autores, do último sobretudo que não mais diretamente influir. Se algum reparo se lhes pode fazer — tem sido feito — é quanto à monotonia de assuntos repetidos ou pouca diversidade de temas, o acentuado cunho luso-brasileiro, com as suas sequelas de rinfas, pastores, rebanhos, capões, sonatas, salgueiros e falias. Isso, porém, não significa em Cláudio ausência de amor pátrio. Era o influxo do arão do meu mestre se lhe educara o estreito poético e que ele saudoso relembrava. "A desmembração — explica-se — de não poder subestimar aqui (em Vila Rica, quando isso escrevia) as delícias do Teto do meu berço; mas nada bastou para deixar de confessar a um copioso a maior pátria. Esta me persuadiu a invocar muitas vozes, e a escrever a Fábula do Ribeirão do Carmo, rio o mais rico desta Capitania, que corre e dava o nome à cidade Mariana, minha pátria, quando era vila".

A linguagem de Cláudio Manoel da Costa é pura, destinada às vulturas ainda remanescentes nessa época. O verso flui-lhe geralmente bem medido e espontâneo. Eis um dos melhores espécimes de seu poético:

Não! Não? onde estás? Onde esperas  
Achar-te um alma que por ti suspira,  
Se quanto a vista se dilata e gira,  
Tanto mais de encontrar-te desesperas?

Ah! se ao mundo teu nome ouvir pusera  
Entre esta aura suave, que respira,  
Nunca cuida que diz, não se mentira;  
Nize, cuida que ouvi, e tal não era.

Gratas, tenazes, penhascos da espessura,  
Se a meu bem, se a minha alma em vós se encerra,  
Mostrai, mostrai-me a sua formosura.

Não ao menos o desço me respondei?  
Ah! como a certa a minha desventura?  
Não? Não? onde estás? Onde esperas?

Em Gonzaga, os dois Alvarengas, Basílio da Gama e Caídas Barbosa não se modifica o modelo clássico do soneto nem em nenhum sobrevive este em beleza quanto aos do autor da Fábula do Ribeirão do Carmo; são, entretanto, felizes pelo lado da forma e conceito Estrela e Nize e Alfinia do fluminense Alvarenga Peixoto. A qualquer deles preferimos, porém, o seguinte de José Basílio da Gama, que do remonte épico onde concebeu o Uruguai, não se desdiga de as vezes baixar a colher, segundo uma expressão do tempo: "Mimosas flores nos jardins da Arcádia".

Já Marfiza cruel, me não maltrata  
Sabes que assim como de castelos,  
Que inda te espera ver, por dentro delas  
Arrependida de ter sido ingrata.

Com o tempo, que tudo desbarata,  
Tous olhos doardão de ser cedeias;  
Veras murchar no ruído as faces boias,  
E as franças de ouro converter-se em prado.

Pois se sabes que a tua formosura  
Põe força há-de sofrer da idade na danosa,  
Por que me negas hoje tal ventura?

Guarda para seu tempo os desenganos,  
Gozar-nos agora, enquanto dura,  
Já que dura tão pouco a flor dos anos.

Destas "mimosas flores" — cumpre retificar — entremearam as do cantar de Lindóia uma colhida no jardim gongórico de André Rodrigues de Matos, a qual com o nome deste autor vem impressa na Fenix renascida, volume V, ano de 1728. Basta esta data para evidenciar que Basílio da Gama, nascido em 1741, não podia ter escrito os versos:

Alegre pintas-lhe, flor vivente,  
Não cante, fôrte, um desgraçado;  
Buave fôrte-lhe, alma do prado,  
Não cante, acompanhada um descontente.

Vem que entre essas ranas livemente  
Fôrte zombas de meu triste fado;  
Julgo que entre essas ranas, sem cuidado,  
Murmura rindo do que peno ausente.

Mas já que correr livre, sem demoras  
Bate essas asas, acelera o passo,  
Val ligeira saber de um bem que adoras.

E se queres chegar em breves horas,  
Vem com estas penas, que aqui passo,  
Corre com estas asas, que aqui choro.

Seria enfadonho, sobre nada adiantar ao nosso estudo, citar em recitar, na fase de transição da escola mineira à romântica, em ou mais gentios de sonetos que aqui e ali aparecem, alguns sentimentais ou elegíacos, outros patrióticos, alguns genéticos ou epitalâmicos, quais laudatórios, quase todos insignificativos ou momentânea vogal em seu tempo. Na maioria deles, quando não se repetem os temas, reeditam-se os tropos e frases, tornados lugares comuns. Nada de tudo isso interessa à história da evolução do soneto, e é justo deixe de mão, como se pode dispensar à beleza da epígrafe, ressaltada brilhante ao sol, o folheto que se lhe apegou ressequido e inútil. Assim, não me deterei citando-as Natalidade Saldanha, Elói Ottoni, Pereira Caldas, o velho José Bonifácio, Frei Bastos, Januário Barbosa e outros. Nenhum destes se distingue com sonetista. Um, entretanto, deste período de transição, Tenreiro Aranha, ainda hoje é lembrado, graças não a tudo o mais das Obras literárias publicadas por seu filho em 1899, mas apenas a uns versos feitos — repito-lhes os dizeres — A mameluca Maria Barbara, mulher de um soldado, cruelmente assassinada no caminho da Fonte do Marco, perto da cidade de Belém, porque preferia a morte à mancha de infiel ao seu esposo. Assim fala a mameluca Lucrécia:

Se nunca aqui toparas com minha vida,  
Meu fôrte corpo já se dardar fôrte,  
Leva, pedras, com gentio, o corpo  
Esta nova ao esposo infiel e errante.

Diz-lhe como de terra penetrante,  
Me visto, por fôrte, gravado o peito,  
Tacerado, inapulto, e já suspeito  
O tronco fôrte ao corvo atilante.

Que de um monstro inhumano — lhe declara —  
A mão cruel me trata desta sorte;  
Porem que alívio busque à dor amara,

Lembrando-se que teve uma concórte  
Que por honra da fé que lhe jurara,  
A mancha conjugal prefere a morte.

Também de tudo o mais de Maciel Monteiro, reunido em volume, em 1905, por Alfredo de Carvalho e Regueira Costa, só o soneto Formosa o popularizou. Não é obra sem sendas, mais vale por qualidades então não vulgares de ritmo e de emoção lírica:

Formosa, qual pincel em tela fina  
Deixar junco, fôrte ou nunca encurar;  
Formosa, qual jamais desabrochara  
Na primavera a rosa purpura.

Formosa, qual se a própria mão divina  
Lhe alisara o contorno e a forma rara;  
Formosa, qual jamais no céu brilhara  
Astru gentio, estrela peregrina.

Formosa, qual se a natureza e a arte  
Dando as mãos em seus dons, em seus lavores  
Jamais soube imitar no todo ao parte;

Mother, ois, a! ao fim de primores?  
Quem pode ver-te, sem querer amar-te?  
Quem pode amar-te, sem morrer de amores?

Mas já entramos em outro período de nossas letras.

O Romantismo, se não proscreveu de todo o soneto, repeliu-o, por assim dizer, até às fronteiras. Um ou outro dos relegados se aventurava ainda ao regresso, mas tendo de aparecer em público, era como pávido e receoso, e não acompanhando com outros, às decúrias ou centúrias, como no bom tempo. Seus dias de triunfos e aplausos nas cortes, festins, encenáculos ou academias pareciam positivamente passados. Aqui, como em França, só de longe em longe, os venhos praticados. Em França, no melhor da floração literária do alvar do último século, conhecia-se um de Hugo, nenhum de Lamartine, pouquíssimos de Alfredo de Musset. Por sua vez, em Portugal, não os fez Alexandre Herculano e não excedem de dez ou doze os deixados por Almeida Garrett e Castilho e os quais, se não desluzem, também em nada acrescentam à glória dos seus autores.

Entre nós contam-se dois, ambos sem distinção, de D. J. Gonçalves de Magalhães, nenhum de Porto Alegre. Não os encontramos nas Primaveras de Casimiro de Abreu, nem nas Sombras e sonhos de Teixeira de Melo, nem nos Cantos, primeiros, segundos, novos e últimos de G. Dias, nem nas Inspirações do cláudio de Junqueira Freire. De Varela sabe-se de três ou quatro que passam despercebidos entre as páginas das Vozes da América e Cantos do ermo e da cidade; de Laurindo Rabelo, apontam-se dois ou três; nenhum de Bruno Seabra, nenhum de Melo Moraes.

Assim, nesse decurso de mais de trinta anos das letras brasileiras, mal reponta ou abroilha o soneto e se o vemos florescer, é geralmente entrançado e lânguido. Quase que só duas únicas produções deste caráter logram ver-se estimadas: a *Morrer... dormir...* sonhar? de Francisco Otaviano, lembrando o monólogo de Hamlet, e este anseio voluptuoso dos vinte anos de Alvares de Azevedo, a nota mais ardente da nossa poesia romântica, ou consonte conceito de Machado de Assis: "mistura delicada de ludez das formas com a união do sentimento".

Pálida, à luz da lampada sombria,  
Sobre a lito de flores recimada,  
Como a luz por noite embalsmada,  
Entre as nuvens do amor ela dormia.

Era a virgem do mar, na escuma fria  
Pela maré das águas embalsmada;  
Era um anjo, entre nuvens de alvura,  
Que em sonhos se banhava e se suscitava.

Era mais bela o selo palpitando...  
Negros olhos as náuphas abrindo...  
Formas nuas no leito revelando...

Não te rias de mim, meu anjo lindo!  
Por ti — as noites eu velar, chorando,  
Por ti — nos sonhos morrer, correndo!

Não me esqueceu Castro Alves. Ele é dos últimos dias do grande período da poesia nacional e tenho que nos sonetos e em mais algumas páginas apresentei a transformação por que em breve teriam de passar nossas letras.

As espumas flutuantes são de 1870, antecedem apenas de um ano as Miniaturas de Gonçalves Crespo, nas quais viu José Veríssimo "a primeira manifestação da poesia parnasiana no Brasil". Dease ano de 1870 vem datada nas Espumas a série de sonetos intitulados Os anjos da meia-noite. Confrontem-se estes versos em sua arte e estilo com alguns das Miniaturas e ver-se-á na semelhança, fácil de reconhecer, de uns e outros, como o espírito do moço balano ia em evolução das formas poidas do romantismo para as novas formas de cunho artístico mais leve e delicado da poesia parnasiana. A semelhança é tal que o soneto N. H. de Gonçalves Crespo poderia incluir-se como uma nova sombra entre as daqueles Anjos da meia-noite: Marieta, Barbara, Ester, Fábula, etc.

Leiamos duas destas composições:

## BARBORA

Emuando a calix, que exerce perfume,  
Loura a frança, abstrahida ao joelho,  
Denle nívem em líbios líos vernechos,  
Como botando em purpura espuma.

Um dorso de Walkira... alva de bruma  
Pouquês não sob infante ariello,  
Olhos vivos, líos vivos, conta espelhos,  
Mas, como elco, também sem chama alguma;

Garganta de um palio, alabastrino,  
Que harmonias, e músicas respira...  
No líbio — um beijo... no beijo — um hino;

Harpi colla, a esperar que o vento a fira,  
— Um pedregal de mármore dirio...  
E o gesto de Barbara... a Helga.

(Continua na página seguinte)

## ENCONTRO EM WEIMAR

(Continuação da página anterior)

te mais de meia hora o estudante prosseguiu no desenvolvimento de sua tragédia. De repente calou-se e, meditativo, despediu-se, às pressas, do companheiro. Bem verdade é que ele gracejava. Mas, se ele se metesse, eramente, a trabalhar?...

Em Weimar, diante do casarão no Frauenplan, o moço hesita alguns instantes. Depois cobra coragem, faz soar o timpano. O poeta deixa-o a esperar. Relê a carta, a um tempo tímida e insolente, que recebera dias antes. "Estudante de Goetlingen... excursões às montanhas... fatos sozados... peregrinações... Weimar... betar a mão a Sua Excelência... também eu sou poeta...". Lembra-lhe os dois livros cujo recebimento não accusara: "Poésias" cheias de inspiração; "Tragédias" menos felizes. Mas ele vem de Goetlingen. E curioso. Que é que ali pensam de sua "Doutrina das cores", de sua "Metamorfose das plantas"? Heine penetra na sala de visitas, firmemente resolvido a não se deixar vencer de coisa alguma. Acha-se a sós com o busto colossal de Juno.

Por fim o poeta se deixa ver. Heine fica decepcionado: Júpiter é mais baixo e mais gordo do que ele supunha. Verdade é que os olhos, aqueles olhos grandes que tem aquelas divinas o deixam o seu tanto intimidado. É aquela boca, aquela fronte... De que irá falar-lhe? Das ameixas succulentas da estrada entre Jena e Weimar? Do Fausto? Um e outro assuntos não sem cabimento. O poeta o livra do embaraço. Faz-lhe numerosas perguntas acerca dos professores de Goetlingen, acerca, principalmente, dos naturalistas, todos seus conhecidos. Quer informar-se dos métodos de ensino, dos livros adotados, das relações entre professores e alunos. Aparentemente, Sua Excelência quer preencher as lacunas dos seus conhecimentos. Heine se recorda de uma outra palestra, que tomara à conta de troca, entre o poeta e um de seus fervorosos admiradores e que, em função suplementar, era diretor dos bombeiros de sua cidade. Durante meia hora o poeta o interrogará sobre as medidas a tomar em caso de grande, médio e pequeno incêndio.

Aborrecido, Heine recorreu a respostas monossilábicas improprias de censura. O poeta não o notou. Por fim interrompeu-se: "De que vos ocupaís por agora?" A resposta não tardou: "De um Fausto." O poeta ficou-o achando-lhe graça. Acabava de receber uma carta de um outro estudante que lhe pedia o plano da segunda parte do Fausto, intencionado a terminar a tragédia. "E não tendes outros negócios em Weimar?" "Ao transpor a soleira da casa de Vossa Excelência, terminaram todos os meus negócios em Weimar."

Heine saiu. O poeta retirou-se para o seu gabinete de trabalho. O secretário entrou: "Eckermann, V. viu esse moço? Tem o que quer que seja de espiritual, que não me desagrada, e algo de arrogante, que me repugna. Espero que, ao envelhecer, não conserve os vícios da mocidade. A velhice tem, já, de seu, muitos defeitos. Tem talento e não o ignora. Imagine lá o que estará ele a pensar durante o almoço na hospedaria? Este grande Goethe, com seu Werther, seu Fausto e suas Obras Completas não poderá obstar a que, um dia, ao lado do seu nome, o mundo ponha o de — como se chama ele? (Goethe espionou o título do volume que estava em sua escrivaninha) — o nome de H. Heine." Goethe sentou-se à mesa, abriu seu caderno e escreveu com sua firme: "2 de outubro, 1844, Heine, de Goetlingen".



# Experiência de amor — D. Milano

Há algumas pessoas que desdenham do amor e da poesia. "De amor", como se acaso houver outra espécie de poesia, como se não fosse o amor, o espírito e a carne da vida.

Enquanto assim alguns erradamente pensam, outros andam por aí perdidos numa miragem, adivinhando a tudo o mais, como montes em vida, e vivendo, como dizem que os mortos vivem, numa atmosfera superior, isenta da do julgamento dos homens, tocados daquela beleza efêmera, que só as grandes Luções attingem. Longe do real, do terreno.

"Romeu! paixão! capricho! muito amante!"

(Shakespeare)

Para curar o mal de amor, enquanto a ciência não conseguir filtrar o vírus e descobrir o específico que seria por certo a maior descoberta do século — nada mais eficaz que alguns conselhos e máximas que andei coligando nos livros da sabedoria universal, para consó o próprio; excetuando naturalmente alguns remédios extremos como o suicídio, que é a maior tentação dos amantes que attingem as raias da paixão, o desejo seque de matar e assim acabar com tudo, numa punhalada sangrenta e amorosa, ou a renúncia, a mortificação, o despoimento calado que procura recobrir-se a um convento para aí poder sofrer sozinho e em paz; sem falar na possibilidade de um ataque de loucura, que é talvez um digno final.

Quanto às máximas, de que, por experiência própria, obtive elen e generosas e calmanes, seu principal valor é o de nos ensinar a reconhecer a natureza do próprio sentimento, revelar-nos o estranho prazer que há nas profundezas dessa dor que é preciso saber sentir, fazer-nos compreender enfim que o amor é uma exaltação do eu, uma transmutação do eu, uma metamorfose poética do indivíduo em outro: "Transforma-se o mundo na coisa amada, por virtude do muito imaginado", diz Camões. Amar é aprisionar em nosso pensamento uma ideia que em vão se esforça por libertar-se; é transformar em ente humano em imagem da nossa fantasia, vítima sem culpa que perseguimos e atormentamos com o nosso egoísmo e a nossa paixão impiedosa. Lembremo-nos que certa vez escrevi uma carta a alguém, que principiava assim: "Eu me apaixonei por uma ideia, a de que eras pura..." Mas o remorso não me deixou continuar. Raticinei um pouco e inquelei a ofensa irrecedida. Este mal que atribuímos a outrem provém da nossa imaginação, da nossa incompreensão, da nossa insatisfação, de todas essas imperfeições sem as quais a vida não nos parece perfeita.

Felizmente então compreendemos e agradecemos a Deus esta tendência para a própria destruição, esta sensação heroica que nos dá o valor de não temer a morte e em certos momentos até de desesjar-la. Outras vezes desejamos ver a amada morta, com se assim ficasse mais bela e intangível. Morrer juntos é também um desejo natural dos amantes. Há ali uma anulação da personalidade e integração no universal. Nestes momentos, abaliza-se o nosso orgulho, conformamo-nos à humilhação, como o valdeio que temendo a desgraça se ajoelha diante do altar de Deus que antes negava; e nem temos vergonha de chorar. O homem não tem vergonha de chorar, quando ama.

De tal modo esse sentimento parece ridículo a quem não o sente e o critica nos outros, que é uma surpresa inexplicável a que esmagou o sujeito que repentinamente descobre estar apaixonado, e já então percebe que sem remédio. Mas consegue de-

cifrar se acabou de ser amaldiçoado por uma divina Mão ou se foi por ela tocado com uma bênção de que se julga indigno. Este é o sinal do amor. Se o sujeito não se julga indigno, é porque não ama. Conheci um apaixonado que só sabia dizer: "Eu não mereço... Eu não mereço..."

Mas deixemos falar em primeiro o sábio Salomão:

"Eu durmo, mas o meu coração vela".

Vês? Já o teu sentimento começa a se tocar de beleza. Já se torna mais fácil de suportar. Pensa agora no brilho, desespero da boca anelosa que não encontra a expressão da palavra, e a que até hoje só um poeta conseguiu traçar e balbuciar espasmo, num verso trágico:

"La bocca mi pare tutto tremante".

Relê em Vergílio os infelizes amores de uma rainha: "Dido arde de amor. A rainha pressente a traição: quem poderá enganar a quem ama?". — "Auzente, eu como uma Fúria te perseguirei com negros fachos; e quando a fria morte separar-me do corpo a alma, minha sombra te acompanhará por toda a parte". — "Amor, a que não obrigas o coração dos mortais?". — "Se algum justo deus existe, protetor dos que amam sem ser correspondidos, a essa ela se entrega". — "Morre, pois que assim o mereceste, e pelo ferro liberta-te da dor!".

Já vês que não é o único a sofrer. Ouve agora o desespero de Catulo: "Amo, e adeio..."

Quando te sentires bem desagrado, pensa nas palavras de Homero: "O homem e mais infeliz de todos os seres que respiram, ou rastejam sobre a terra".

Depois, mais calmo, aprende com o divino Camões:

"Se nela está minha alma trans-formada, Que mais deseja o corpo de il-tranquar?"

Aí, aqui, a poesia do amor, — aproximação do crime, da loucura, da morte, — que respira, como todo grande poema, uma atmosfera de felicidade trágica. Daqui por diante trataremos da arte e ciência do amor. Citarei primeiro, de Stendhal, algumas fórmulas cruéis, que podem matar o amor, porém sua finalidade é ensinar a conhecer-se e dominar-se, sem entretanto deixar de gozar os extraordinários prazeres, a dor feliz dessa "maladie d'amor". Atental na transformação que se opera no ser atacado do mal de amor, segundo Stendhal: "Do momento em que ama, o homem, por mais sábio, não vê mais nenhum objeto 'ta como é'. — E então que uma alma que luta entre incertezas mortais sente mais que nunca a necessidade de um amigo; mas para um amante não existe amigo". Já vemos que o amoroso tem de lutar sozinho e precisa preparar-se para o combate. Vede entretanto o estado contraditório em que ele se encontra: "Em amor, dúvida-se constantemente daquilo em que mais se crê".

Atental agora no seguinte caso que lembra uma dessas grandes tragédias que vemos às vezes relatadas em poucas linhas ao canto de um jornal: "Um homem encontra uma mulher, cujo feitura o chocou mas logo, se ela é desprezível, seu rosto faz esquecer as traças imperfeitas; ele a admite a possibilidade de amá-la; isto dias depois, sente esperança; oito dias depois o desengano; oito dias depois, está feito louco".

Tratando isto com, inseparável do amor, Stendhal advertiu: "Em tal estado, o furor nasce facilmente; o indivíduo esque-

ce que em amor "presidir e nada, goz-lo e tudo", exagera a importância da felicidade do rival e chega ao cúmulo do tormento, isto é, à extrema inteligência, envenenando ainda por um resto de esperança. O essencial é aparentar calma. A lembrança de "Ode" proporciona certo prazer: para duvidar das aparências mais concludentes. Observei também que contemplar um belo trecho de mar e consolador".

Toda a atenção agora. Aprenderás grandes segredos de amor: "Ela te deixa, por estar muito segura de ti. Inquieta-te. Evita sobretudo o acordo das reminiscências. Bebe champagne em rodas alegres. O orgulho, remédio cruel e soberano". Sobre o que "não acreditam no amor", moda que está querendo pegar em nossa terra. "Nos Estados Unidos está tão arraigado o 'hábito da razão', que a 'crustalização' se tornou ali impossível. Admiro essa felicidade mais não a invejo: é como a felicidade de seres de uma espécie diferente e inferior". Ao contrário disto, ouvi: "Sahid, filho de Agba, perguntou um dia a um árabe: De que país és tu? — Sou de um país, onde se morre quando se ama, respondeu o árabe". Continua Stendhal: "O verdadeiro amor torna o pensamento da morte comum, frequente, sem terrores, um simples objeto de comparação, o preço que se dá por determinadas coisas". Agora este pensamento em que é preciso meditar muito: "Uma mulher pertence, de direito, ao homem que a ama, e a quem ela ama ainda mais que a própria vida". E por fim: "O amor, mesmo infeliz, é a maior das felicidades".

Finalizando com a colaboração preciosíssima de Stendhal, aproveitemos agora as lições calculistas do manual popular "Escola da Sedução": "A mulher só pode ser feliz pelo amor". — "Poder a fidelidade de alguém nem sempre é fácil; saber moderar a expressão de seus sentimentos para não importunar, para manter o desejo latente, é a suprema ciência". — "Em amor, não se deve buscar somente a própria satisfação, é preciso fazer-lhe partilhar". — "E' enganoso pensar que as mulheres são em geral mais frias do que o homem. Simplesmente, o ato sexual, de que o homem se contenta, não basta a satisfaz-las". — "A mulher é feita para o amor; o amor é para ela uma espécie de carreira". — "O amor aumenta com os sacrifícios que faz e diminui com os que recebe; ele não quer piedade e dificilmente suporta a gratidão".

Agora é a vez dos cientistas. Conta Forel: "Certa mulher declarou nunca poder amar alguém que desse gargalhadas". Ensina o dr. Havelock Ellis: "A mulher tímida é mais ardente que a audaciosa". — "A moça púdica, a que certa mais, é a mais talhada para o prazer". E o dr. J. R. Bourdon: "Desde milênios se situa o amor no coração. Seria quase uma ironia se o amor não estivesse, como diz Mme. Gyp, "entre os joelhos e o umbigo". O amor é fisiológico, nele não entra o menor grão de poesia. Os homens é que inventaram cantá-lo em verso, na esperança de mascarar a nudez do gesto".

A que estado de cegueira e ignorância pode às vezes chegar a estrepidez de um exclusivo espírito científico. O matemático Biaz, estrelas puras, e vos, namorados que andais com a boca e os lábios transbordando de beijos e de lágrimas, dizeis se esse velho teórico que estuda o amor fechado em seu gabinete de pesquisas científicas, diz-nos se ele entende alguma coisa de amor...

Certo libertino romântico resolveu um dia seduzir uma moça, sem sentir nenhuma atração (Continua na página 142)

# O SONETO

(Continuação da página anterior)

ESTER

Vem! no teu peito cálido e brilhante  
O nardo oriental melhor transpirante...  
Enrola-te na longa cachoeira,  
Como se danças moles no Levante.  
Aívo a clâmide aos ventos rocamante...  
Tombou a lábia onde o solitário girava...  
O' Musa de Israel põe da lira...  
Canta os martírios de teu povo estrangeiro!  
Mas não... brisa da pátria além revoa  
E ao delambor-lhe o brago de alabastra,  
Ficou-lhe de partir... e parte... e voa...  
Qual nos vagar marinhos deve um astro,  
Linda Ester! teu perfil se eleva... se eleva...  
Só me resta um peccato... um canto... um rasto...

Agora a de Gonçalves Crespo:

N. H.

Tu não és de Romeu a doce amante,  
A urne Júpiter que inspira,  
Bêbe o cabelo aos ventos doente,  
Inquieta cordas de suspensa lira.  
Não és Ofélia a virgem lacrimante,  
Que ao luar nos jardins vaga e deita,  
E é levada nas águas flutuante,  
Como em sonho de amor que cedo expira.  
E a estúpida de mámore de romeu,  
Capitânea segundo voluptuosa,  
De grego artista ao fogo de mil beijos...  
E a lânguida Julia que dormia,  
E a Rayeta nos elevados da praça...  
Fosse eu a Dom João dos teus desvios

Não hesito em incluir Gonçalves Crespo entre os nossos poetas, embora passasse quase toda a sua vida em Portugal onde tudo lhe sorria carinhosamente e de todos foi considerado e querido. Sem embargo de afastado de nós não se desnacionalizou seu espírito; em muitos dos seus cantos, talvez os mais belos ou de mais sentimento, está e rescece a alma da terra que o viu nascer. Enquanto no esmero da forma e partes do estilo, aqui direi mais um dos seus sonetos, em que se vê quanto já com ele se havia aprimorado a elocução deste gênero:

ODOR DE FEMINA

Es austero e sábio; não basta  
Fruir mais exemplar nesse convento;  
Em teu cavado rosto marítimo  
Um jasmim de lágrimas se lha.  
Uma vez que na extrema intimidade  
Poluístes a triste tua lãva tocada,  
Vim-te despir, e aqui do anseio  
Conheci e torrei sobre a água fria.  
De que montaria a veneranda fronte?  
Em vão buscas as origens da verdade,  
Ninguém mais disse, expõe-a quem puder.  
Como que um babilônio comprara  
O livro estranho, e que ao abelico, seclara  
Uns desuados cabelos de mulher...

Em 1880 foi estampada a edição elzeviriiana dos Sonetos e poemas de Luis Guimarães Junier. Nesse ano, recém-chegado da Europa, onde largo tempo se demorara, na avidez de tudo ver e saber, Artur de Oliveira, nas rodas literárias, em cafés, e nas salas de redação de jornais, apreciava com exemplares de Leconte de Lisle, Sully Prudhomme, Rayville, Heredia e François Coppée, não esquecendo Victor Hugo, o velho mestre e outro mestre e seu amigo, Théophile Gautier, o "divino Theo", como lhe chamavam. Lembra-me a sofreguidão, e os êxtases assim com que ele folheou e em seguida leu e durante alguns dias continuou a folhear e a ler, para que todos os euvissemos, várias das composições da lirica do poeta diplomata. Pareceu-me ainda mais a rescatá-lo, com a sua dilação entusiástica e exagerada generalização.

FORA DA BARRA

Já vamos longe... Os moitos beijos...  
Melem na bruma os cílios alternos...  
Ventos da tarde, ventos lustrantes...  
Vio sós da pátria os derradeiros beijos...  
As almas plázeas os profundos beijos,  
Ficam alem, alem! Adeus goiticos  
Tormento do passado! Adeus! e grama!  
Adeus, ó velhos e infantis desceitos!  
Na fugitiva luz do sol poente  
Vai-se apagando — ao longe — o tijetismo  
Do Corcovado a majestosa serra.  
O viri parece todo um só gemido...  
E eu mal sustento o coração partido...  
O terra de meus pais! Oh minha terra!

Era depois

PRIMEIRA ENTREVISTA

Eis não tarda, disse-me que vista,  
Mas quem sabe se acaso aconteceu  
Qualquer coisa imprevisível, e não visto!  
Oh! Deus do céu! que situação a minha!  
E este relógio vil que não caminha!  
E o tempo! — ora hora apenas e parece  
Neste fechada lá! Ah! se descobrisse!  
Mas não algum nome a compadilha.  
Alguns tanta vez a minha escada;  
Certo um punço de terra marilhada  
E um maldito, um nervoso passo...  
Tudo ali ali! Espetito deharre.  
Abro a trempe — e tolo pedante  
Eis ali a minha, entre os meus braços.

Vinham em seguida Visita à casa paterna. O sono de um anjo. Os escravos. A voz das árvores, todo o livro, enfim. E assim o autor de Sonetos e rimas, conforme ai esta noite versos. Ver como com ele, e já anteriormente, com Castro Alves e Gonçalves Crespo, se melhora, se aformoseia o soneto. Se em 1870 ou 1871 tem nas letras brasileiras iniciação, forma-se, acur-



# BRASILEIRO

tem-se, firma-se de 1880 em diante a escola que tinham em chamar parnasiano. Só apressado juízo, ou superficial exame e ponderação destas coisas pode justificar semelhante denominação. E, propriamente, nunca houve parnasianismo no Brasil e impossibilidade nos seus poetas. O que houve foi reação contra o romantismo dos últimos tempos, desordenado e flácido, foi o restabelecimento das boas normas de escrever versos, um protesto contra o trabalho da língua, um esforço pela mostra, qual se não se via, opulenta e nobre, uma cruzada em prol do bom gosto, em favor da Arte. Já a isso me referi, mais ou menos pelas mesmas palavras, em outra conferência feita nesta Biblioteca. O soneto foi daí restaurado, lidado com desvelo, não raro perfeito, nunca descurado e vulgar. Um pouco de ar dos nossos dias chegou ao ambiente insalubre, onde morava e morria esta melindrosa flor de arte e de sentimento. Modificado embora, às vezes, o molde antigo, mostra o soneto agora mais perito na síntese ou condensação das idéias, e melhor participação destas; mais bello começo e melhor remate, rigorosa propriedade de epíteto, exclusão de imagens e metáforas sedidas e gastas, de lugares comuns e de palavras e expressões vagas e dispensáveis. E com tudo isto e sobre tudo isto, um sentir mais intenso, ou mais mais verdadeiro, e mais subjetividade, mais largo respiro de vida.

Comparai-o com o que fora ainda há pouco...

Henrique Helise, perquirindo os esconderijos das velhas divindades helênicas, erradas depois do prégo solene ouvido no Egeu, dando como extinto o poderio dos mandões celestes, esqueceu-se de os procurar entre os poetas arcádicos e românticos, sob a tela dos quais ultimamente algumas dessas deidades se haviam refugiado. Ai se encolhiam, transidos de medo, Jupiter ou Jove, que nos sonetos do tempo é designado "o tonante", Febo ou Apolo "o ardentemente", Marte ou Marte, "o beliger", Afrodite ou Venus "a acidental" ou "a formosa ciprina". Também encontraria entre os da divina debandada, Eros, mais geralmente Cupido ou "o menino cego" ou "travesso", as Gorgonas e Fúrias "infernaes" e de redor, nos bosques e campos os pastores Titiro, Coridon, Melibeu, Silvano, Umbrano, Frondello e as anagramáticas ninfas Belizas, Nizes e Amarillis... Era o velho aparato mitológico, e tinha os seus chavões seculares ou fórmulas convencionais em que se exprimia.

Versos sem este condimento eram reputados sensibiores e desagradáveis.

Tudo isso irreverentemente a poesia moderna rejeitou, varreu fora. Havia sido bello e aplaudido tudo isso em seu tempo, mas senilizar-se, antiquar-se, arcaizar-se. Alguma coisa cava, entretanto, de aproveitarse; aproveitou-se da lingua e poética, o que ainda ali, resistindo à corrupção, era extremo e bom — pouco de ouro refulzando esparsos em meio ao cascalho grosso — e da arte de trocados e conceitos, às vezes felizes, de onde, a espasmo, o que não vai mal à poesia de hoje, um leve perfume de musas antigas no estilo, nas inversões, oposições ou meios da frase.

Não cabe neste imperfeito esboço histórico do soneto brasileiro apreensão, sumária embora, de todos quantos nesta época o escreveram, ajudando-lhe a evolução. Vão os principais, os mais representativos ou que lhe deram maior realce, e ainda agora restringindo-me aos mortos. E pois, apesar do valor de muitos destes nomes, limito-me a simples menção de Teófilo Dias, Carlos Souza, Carvalho Junior, Guimarães Passos, Valentim Machado, Luiz Rosa, A. de Azevedo Sobrinho, Azevedo Cruz, Dias da Rocha, Lucio de Mendonça, Moraes Silva, Lucindo Filho, Damasceno Vieira e Aristide de Andrade.

Adelino Fontoura e Artur Azevedo não são dos maiores poetas de então, mas cabe-lhes de justiça o louvor de exímios sonetistas.

Em Adelino, tão cedo extinto, respira-se um pouco do aroma da poesia quinhentista. Inspira-o quase sempre Luiz de Camões e os versos saem-lhe consonte aos do grande lirico.

## ATRAÇÃO E REPULSAO

Eu anda mais sonhava nem queria  
Que de ti não viesse ao não falar.  
E como a ti te amei, que alguém te amasse  
Como eu vivi até me pararia.

Uma estufa mais lucida eu não via  
Que nesta vida os passos me guiasse.  
E tinha lá, eu disse, que encontros,  
Após tanta ausência, uma alegria.

Mas tão cedo extinguiu este sonho.  
Este encanto e delírio, este amor,  
Que o bem que achar supuz, já não supunha.

Veste, enfim, que de um peito desmanhou:  
Se fui lá junto a ti de perto em sonho,  
Volvei de desenganar em desengano.

Artur Azevedo é autor, entre outros muitos, qual a qual mais bello e espontâneo, do soneto

## AS ESTATUAS

No dia em que na terra te sumaram,  
Eu fui ver-te defunta sobre a esca.  
Fechados para sempre — oh! seria avessos  
Cantos olhos que me seduziam.

A luz do sol uma janela abriam.  
E o jardim abaloiava e o candelabro  
Uma noite perdemos a coleção,  
E os estátuas de mármore sorriram...

Santa por aquela mesma porta,  
Onde curvas os teus lábios me esperaram,  
Olivas de amor que ainda me conforta.

Quando o jardim taudino estravassou  
Seis homens com o esqueleto em que a morte  
As estátuas de mármore choraram!

Machado de Assis estrea em pleno esplendor romântico, mas em transmontar o sol do grande dia, não decal com este, antes se resgata e transforma. Seus versos, que eram já corretos como a língua em que os escreveu, adquiriram ultimamente mais precisão ao reescrever-lhe o sentir delicado e fino.

Foi o critério da nova geração num estudo notável inserto na Revista Brasileira (1.º ano, tomo 2.º, 1879) e no qual os que escreveram na poesia, encontraram juízo imparcial e guia segura. Luis dos seus sonetos viverão tanto quanto as melhores páginas

de sua prosa inconfundível: *Círculo vicioso*, de forma "continua" e o camponês *A Carolina*, sua estremecida companheira de tantos anos. Ouçamo-lo neste:

## A CAROLINA

Querida, ao pé do leito de ferro,  
Em que descanço dessa longa via,  
Aqui venho e vou, pobre querida,  
Trazer-te o coração do compadre.

Pués-lhe aquele afeto verdadeiro,  
Que, a despeito de toda a humana vida,  
Faz a nossa existência apertada  
E num resaca põe um mundo inteiro.

Trago-te flores — restos arrancados  
Da terra que nos viu passar unidos  
E ora muitos nos deixa e separados.

Que eu, se tenho nos olhos mal feridos  
Pensamentos de via ferida,  
São pensamentos idos e vividos.

Luiz Delfino, Gecorreu-lhe a morte em 1816, seguindo-se logo no outro ano a de Raimundo Corrêa. Com estes dois nomes e o de Olavo Bilac atinge o soneto brasileiro ao grau máximo de evolução e beleza. A musa de Delfino, pela maravilhosa fecundidade, pode ser comparada àquela Diana de cem peitos, amamentadora da vida em todas as suas formas. Nenhum poeta nosso ainda produziu tanto, e tão pouco e inexplicavelmente está aí publicado de obra tão vasta! Oram por milhares os sonetos por ele deixados, quase todos, se não todos, escritos no período chamado parnasiano. Dos que de suas mãos vieram à imprensa são, entre outros, conhecidos e admirados: *Cadaver de virgem*, *Altar sem Deus*, *Amazona*, *Logo depois do Eden*, *Capricho de Sardanapalo*, *In her book*, *Meritara* e *Jesus ao colo de Madalena*. Sinto não os poder reproduzir um a um. Ouvi-lhe o último:

## JESUS AO COLO DE MADALENA

Jesus expira — o humilde e grande oboe!  
Soltem já pela cruz achos e gritos,  
E no lago varado e madeiro  
Os machos balem, cruzando as pancadas.

Couve-se o choro em torno — As mãos primeiro  
Jorram caem, no ar despenhadas,  
A fronte secca; aqui e ali tronco inteiro  
Nos braços das mulheres desgrenhadas.

Soltam-se os pés — Aumenta e gentio, e a queda.  
Só Madalena ao muro de madeiro  
Limpando a face, que de momento incide;

E no meio da lagrima mais linda,  
Com o dedo erguendo a palmeira divina,  
Busca ver Ele a vê... beijando-a ainda...

Raimundo Corrêa produziu muito menos, mas também menos longa lhe foi a existência. Demais, por mais metucioso e perfeito que o de Delfino, era-lhe mais dificultoso o trabalho. Em Delfino há mais imaginação, em Raimundo mais fino lavor, mais pericia, mais arte. Seu soneto é quase sempre a síntese de um estado de alma, uma paisagem, um quadro, sombreado de sua melancolia, quando não o desenvolvimento de uma ideia moral ou filosófica. Dos dotes raros será sempre admirado.

## MAL SECRETO

Se a ciência que expunha, a que que mora  
Na alma, e devota está, deo me socorra,  
Tudo o que prego, tudo o que devora  
O coração, no peito se estampou;

Se se pudesse o espírito que chora,  
Ver através da máscara da face,  
Quanta gente, talvez, que inveja agora  
Nos olhos, então piedade nos causasse!

Quanta gente que ri, talvez, consigo  
Guarda um livro, recebendo inimigo  
Como invisível chaga catatônica!

Quanta gente que ri, talvez, existe,  
Cujas venturas únicas consiste  
Em querer aos outros venturas!

Exemplificando o mais, aí estão *Anitecer*, *Cavalcada*, *As pompas*, *Renascimento*, *Eviterno amor*, e tantos e tantos outros. Distinguem o poeta das Sinfonias a propriedade das expressões, riqueza e variedade de consoantes, abstenção de tropos ou frases comuns, aquele "divino horror" que linha Machado de Assis à vulgaridade. Caracterizam-no por sua vez certos jogos de vocábulos e idéias, de agudezas conceituosas e paradoxas, com as qualificações *Gracian na Arte de Ingenio*.

E eis como distanciada da de Gregório de Matos quase três séculos, a poesia de Raimundo não deixa de participar da poesia deste ou da de seu tempo, revivendo-lhe sobre o polido da dicção lindamente vernácula, o artifício dos trocados, os conceitos judiciosos, todo o belo, enfim, que sendo de ontem, é de hoje e será de sempre.

E agora, como o fecho de ouro dos bons sonetos, lides ouvir-lhe o que vou recitar-vos, e será o fecho de ouro da conferência. Dizendo-o, certo ele acordará em todos vós, como acordou em mim, uma impressão de atunidade, uma lembrança trágica — a desse norte de França, onde a Alemanha bárbara, em sua evasão criminosa, tudo levou, talou, arrasou, destruiu. Raimundo parece haver tido a antecipada visão daquelas cidades, vias, aldeias, palácios, templos, bibliotecas, museus, e oficinas, ontem florescentes, franqueados ao culto, à ciência, ao estudo, ao trabalho, e hoje, espectrais e mudos, projetando aqui e ali a sombra dolorosa de suas ruínas. Como que por lá paira o espírito do nosso poeta, contempla a cena de desolação, e murmura:

Aqui outrora retumbaram hinos  
Muito gozo real nestas calçadas  
E nestas praças, hoje abandonadas  
Roda por entre os curupis não finos.

Atrás de flores, fúctus purpurinos,  
Trens festivos, bandeiras destrinchadas,  
Grândolas, clarins, atropeladas  
Lacções de povo, mimbar de rios...

Tudo passou! Mas dessas arcadas  
Néctar, e doces torções melancólicas,  
Alguns se assenta sobre as lajes frias

Em teito de almas amidas, tristonhas,  
Ezradas, e choras, como Jacimar,  
Solara a Jerusalém de tantos sonhos...

## EFEMÉRIDES DA ACADEMIA

### 16 DE MARÇO

1819 — Nascimento, na Baía, de José Maria da Silva Paranhos, depois Visconde do Rio Branco.

1933 — Eleição de Rocha Pombo.

### 19 DE MARÇO

1836 — Eleição do sr. João Neves.

### 26 DE MARÇO

1828 — Nascimento, em Skien, Noruega, do correspondente Henrique Ioset.

1855 — Falecimento do patrono Domingos Borges de Barros.

1865 — Nascimento, em São João do Príncipe (Rio de Janeiro, de Alfredo Pujol.

### 22 DE MARÇO

1806 — Nascimento, em S. Luis do Maranhão, de Francisco Sotero dos Reis.

1812 — Nascimento, no Maranhão, de João Francisco Lisboa.

1850 — Nascimento, em Boni Conselho, Pernambuco, de Dantas Barreto.

1867 — Nascimento, em Alagoas, de Sebastião Cerezo dos Guimarães Passos.

1924 — Recepção solene de Laudelino Freire.

### 23 DE MARÇO

1939 — Eleição do sr. Clementino Fraga.

### 24 DE MARÇO

1928 — Falecimento, em Washington, de Oliveira Lima.

### 25 DE MARÇO

1926 — Eleição do sr. Adelman Tavares.

### 26 DE MARÇO

1860 — Nascimento, em Barcelos, Portugal, do correspondente Jaime de Sequer.

### 27 DE MARÇO

1705 — Nascimento, em São Paulo, do patrono Matias Ramos da Silva de Ica.

1916 — Falecimento, no Recife, de Artur Orlando.

### 28 DE MARÇO

1834 — Nascimento, em Queluz, Minas Gerais, de Lafayette Rodrigues Pereira.

1934 — Eleição do sr. Ribeiro Couto.

1935 — Sessão pública. Conferência de Ramir Galvão sobre Sotero dos Reis, Odrício Mendes e Monteiro Alverne.

### 29 DE MARÇO

1889 — Falecimento do patrono Teófilo Dias de Mesquita.

### 30 DE MARÇO

1842 — Nascimento, em Hartford, E. U. A., do correspondente John Fiske.

### 31 DE MARÇO

1860 — Nascimento, em Ouro Preto, Minas Gerais, de Afonso Celso de Assis Figueiredo, futuro Conde de Afonso Celso.

1932 — Sessão pública, comemorativa do centenário de Goethe. Falam os srs. Riquete Pinto e Gustavo Barroso.

# (Capítulo final de "24 horas da vida de uma mulher")

# F I M D E

Outra vez Mrs. C... interrompeu a sua narrativa. Levantou-se, foi até a janela, olhou para fora e ficou de pé muito tempo sem se mexer; e eu via como que um ligeiro tremor na sua silhueta pelas cortinas. Bruscamente voltou-se com decisão, suas mãos até então calmas e indiferentes tiveram de repente um gesto violento, um gesto cortante, como se quisesse rasgar qualquer coisa. Depois me olhou duramente, quase com audácia e continuou logo:

— Prometi ao sr. ser inteiramente sincera. Compreendo agora, quanto era necessária aquela promessa, porque ao agora, esforçando-me para descrever pela primeira vez, de um modo organizado, tudo o que se passou naquela hora e, procurando as palavras precisas para exprimir um sentimento que então estava todo encolhido e confuso, é que, digo outra vez, agora, compreendo com clareza muita coisa que eu não sabia ou que talvez não quisesse saber; eis a razão por que quero dizer a mim mesma e ao sr. A verdade com energia resolutiva. Naquela hora, quando o rapaz saiu do quarto e que fiquei sozinha, senti (foi como um desmaio que se apoderou de mim pesadamente), senti a sensação de um golpe duro vindo ferir-me o coração. Qualquer coisa tinha me ferido mortalmente, mas não sabia (ou então recusava saber) de que modo, por que razão a atitude tão comovedora e tão respeitosa do meu protegido tinha me ferido tão dolorosamente.

Hoje, que me esforço para fazer surgir do fundo de mim mesma, como uma coisa estranha, todo o passado, com ordem e energia e que a sua presença não permite nenhuma dissimulação, nenhuma escapatória covarde de um sentimento de vergonha, hoje, sei perfeitamente o que foi. O que então, me fez tanto mal, foi a decepção... a decepção por ver... que aquele rapaz tinha partido com tanta docilidade... sem nenhuma tentativa para me guardar, para ficar perto de mim... por ver que ele obedecia humildemente e respectivamente ao meu primeiro pedido convidando-o a retirar-se em vez... em vez de tentar parar-me violentamente para... por ver que ele me venerava unicamente como a uma santa surgida no seu caminho... e que... que não compreendia que eu era uma mulher.

Foi para mim uma decepção... uma decepção que não confessel, nem naquela ocasião nem mais tarde, mas a alma de uma mulher compreende tudo, sem palavras e sem uma sensação precisa. Porque... agora, não me engano mais... se aquele homem tivesse me agarrado então, se tivesse me pedido que o acompanhasse, eu teria ido com ele até o fim do mundo, teria deshonrado meu nome e o de meus filhos... Indiferente aos comentários dos outros e à razão interior, teria fugido com ele, como aquela Mme. Henriette fugiu com o jovem francês, na véspera da não conhecida... Não teria perguntado nem onde ia nem por quanto tempo; não teria deixado um único olhar para trás sobre a minha vida passada... Teria sacrificado aquele homem o meu dinheiro, meu nome, minha sorte, minha honra... Teria ido mendigar e provavelmente não haveria balança no mundo a que ele não me levasse a consentir. Teria abandonado tudo o que entre os homens se chama pudor e reserva; se apenas ele tivesse se aproximado de mim dizendo uma palavra ou dando um só passo, se ele tivesse tentado agarrar-me naquele instante,

estava perdida e ligada a ele para sempre. Mas... já lhe disse... aquela criatura singular não lançou mais um olhar sobre mim, sobre a mulher que havia em mim... E, o quanto eu ardia de desejo de abandonar-me, de me abandonar toda, ao o senti mais tarde, quando fiquei sozinha, quando a paixão que, um instante antes, exaltava ainda a sua fisionomia iluminada e quase seráfica, caiu obscuramente no meu ser e pôs-se a palpar no vazio de um peito abandonado. Levantei-me pensosamente. O meu encontro com os parentes tinha-se me tornado duplamente desagradável. Parecia-me que a minha testa estava apertada num capacete de ferro pesado e opressivo, sob cujo peso eu vacillava; minhas ideias estavam sem nexo e os meus passos incertos quando cheguei afinal ao outro hotel onde estavam os meus parentes.

Lá, fiquei sentada, com o espírito triste, no meio de uma conversa animada e experimentava uma sensação de susto, cada vez que erguendo os olhos por acaso encontrava aquelas fisionomias inexpressivas que (comparadas com a daquele rapaz, animada, ao que parecia, pelo reflexo de luz e sombra de um grupo de nuvens) me pareciam geladas e cobertas por uma máscara.

Parecia-me estar no meio de pessoas mortas, tão terrivelmente privada de vida era aquela sociedade; e, enquanto punha a cabeça na minha cabeça e dizia algumas palavras com o pensamento ausente, sempre, por cima de mim mesma surgia com uma onda ardente do meu sangue, aquele rosto cuja contemplação tinha-se tornado para mim uma alegria ardente e que (idéia terrível) daí a uma ou duas horas eu veria pela última vez.

Inconscientemente, sem o querer, eu terei deixado escapar algum ligeiro suspiro ou algum gemido, porque de repente a prima de meu marido inclinou-se para mim perguntando o que eu tinha, se estava indisposta, porque estava muito pálida, e parecia muito preocupada. Aquela pergunta inesperada foi rapidamente agarrada por mim, como um pretexto para declarar, logo que efetivamente estava com uma forte enxaqueca e aproveitei para pedir permissão para me retirar "à francesa".

Assim, tendo recuperado a liberdade, voltei à toda a pressa para o meu hotel. Desde que ali cheguei e me achei sozinha, senti outra vez uma sensação de isolamento e abandono; e o desejo de ir para junto daqueles rapazes que eu deveria deixar naquele dia para sempre, apoderou-se de mim com furor. Andava de um lado para o outro no meu quarto. Abri gavetas sem necessidade, mudei de vestido e de fitas para achar-me bruscamente diante do espelho, perguntando a mim mesma, com um olhar inquieto, se, assim enfeitada, eu não poderia atrair o seu olhar sobre mim. De repente, me compreendi. Fazer tudo para não me separar dele! E, num instante todo feio de vengança, aquele desejo transformou-se em uma resolução.

Corri à presença do porteiro do hotel e anunciei-lhe que ia partir naquele mesmo dia pelo trem da tarde. Agora, tratava-se de andar depressa. Chamei a criada de quarto para que me ajudasse a preparar a minha bagagem, porque o tempo fugia. Enquanto com uma pressa recíprocaíamos metendo nas malas as roupas e os objetos miúdos, pensava antecipadamente no que seria aquela surpresa: como o acompanharia até o trem, e, quando no último, bem no último momento, ele me estendesse já a mão para

o adeus final, como eu bruscamente chorando para o vagon seguinte o rapaz espantado, para ficar com ele aquela noite, na noite seguinte: enquanto ele me quisesse.

Uma espécie de embriaguez deliciosa e entusiasta borbulhava no meu sangue, por vezes rindo alto de improviso, arrastando os meus vestidos dentro das malas, com grande espanto da criada. Meu espírito, eu bem o sentia não estava mais no seu lugar. Quando o carregador veio para levar as malas, olhei-o a princípio com ar de surpresa, era-me por demais difícil pensar em coisas positivas enquanto a exaltação fazia expandir-se intensamente a minha alma.

O tempo urgia, deviam ser perto de seis horas, faltariam quando muito uns vinte minutos para a partida do trem. Consolei-me pensando que já não iria mais dizer adeus, já não seria mais uma separação e não iria mais dizer adeus, já que estava resolvida a acompanhá-lo na viagem enquanto ele o permitisse. O carregador tomou as minhas malas e precipitei-me para o escritório do hotel, afim de pagar a minha conta. Já o gerente me entregava o troco e eu estava prestes a partir, quando senti que alguém tocava delicadamente no meu ombro. Estremeci. Era a minha prima, que, preocupada com o meu pretendido mal-estar, tinha vindo ver-me. Meus olhos ficaram turvos. Não sabia como me livrar dela, cada instante de demora representava um atraso fatal: no entanto a delicadeza me obrigava a ouvi-la e a responder ao menos durante um instante.

— E preciso que vás para a cama. Insistia ela; com certeza estás com febre. E ela bem possível, porque sentia as minhas fontes latejarem com uma violência extrema e às vezes passavam pelo meus olhos aquelas sombras azues que anunciavam a aproximação de um desmaio. Mas, protestei e esforcei-me para mostrar um ar reconhecido, no passo que cada palavra me queimava e que eu gostaria de dar um pontapé naquela solicitude tão inoportuna.

Mas a indesejável criatura ficava, ficava, ficava sempre. Ofereceu-me água de Colônia e quis a própria refrescar-me as fontes enquanto eu contava os minutos com o pensamento cheio daquele rapaz e procurava para poder livrar-me daqueles cuidados torturantes. Quanto mais eu ficava inquieta, mais eu lhe parecia suspeita. Foi quase brutalmente que afinal ela quis obrigá-me a ir para o meu quarto e deixar-me. Então, no meio daquelas exortações, olhei de repente para o relógio que estava no meio do "hall". Eram sete horas e vinte e oito minutos e o trem partia às sete e trinta e cinco.

Bruscamente, de um só fôlego, com a brutal indiferença de uma desesperada, estendi a mão à minha prima sem outra explicação, dizendo:

— Adeus; é preciso que me vá embora. E, sem me preocupar com o seu olhar de espanto, sem me voltar, precipitei-me para a porta, sob o olhar espantado dos criados e corri pela rua em direção à estação.

Pela gesticulação animada do carregador que esperava ali com a bagagem, compreendi já de longe, que era mais que tempo. Com um furor cego, precipitei-me para a grade da entrada da plataforma, mas ali um empregado fez-me parar. Tinha esquecido de tomar o meu bilhete. E, enquanto que, quase pela violência, eu tentava obter que ele me deixasse passar apesar de tudo e ir até a linha férrea, o trem pôs-se em marcha.

Fixei os olhos, tremendo dos pés à cabeça, para agarrar ainda, ao menos um olhar de uma das janelas dos vagon, ao menos um gesto de adeus, ou uma saudação. Mas, em consequência da marcha rápida do trem, foi-me impossível distinguir o seu rosto. Os carros rolavam sempre, cada vez mais depressa, e ao cabo de um minuto, não restava mais diante dos meus olhos lúrvos senão uma nuvem negra e enfumada.

Sem dúvida, fiquei ali como que petrificada, sabe Deus quanto tempo, porque o carregador tinha-me dirigido a várias vezes antes de os seus olhos me deixar. Este último gesto, fez-me estremecer de susto. Então ele me perguntou se deveria voltar ou não para o hotel com a bagagem. Foi-me preciso alguns minutos para voltar a mim. Não, não era possível. Depois daquela partida ridícula, mais que precipitada, eu não podia mais voltar para lá (e era esse também o meu desejo).

Assim, impaciente por estar só, dei ordem para que pusessem a minha bagagem no depósito. So mais tarde, no meio da multidão que se renovava sem cessar, entre as pessoas que se aglomeravam ruidosamente no "hall" e cujo número pouco a pouco ia diminuindo, é que tentei refletir, refletir com clareza nos meios de escapar aquela dolorosa e atroz obsessão feita de cólera, de pena e de desespero, porque (por que não confessar?) a ideia de ter, por minha própria culpa falhado aquele supremo encontro, despedaçava-me a alma com uma acuidade ardente e implacável. Teria quase gritado, tanto me fazia sofrer aquela lâmina de aço em brasa que penetrava em mim, cada vez mais impiedosa.

Só, talvez as pessoas absolutamente estranhas às paixões, possam conhecer, nos momentos inteiramente excepcionais, aquelas explosões repentinas de um sentimento semelhante a uma avalanche ou a uma borrasca. Então, anos inteiros de forças em reserva precipitam-se e despenham-se na profundidade de um peito humano. Nunca eu tinha experimentado antes uma tal surpresa e um tal furor de impossibilidade, como naquele instante em que, prestes a todas as extravagâncias (pronta a atirar de um só golpe para o fundo do abismo, todas as reservas de uma vida bem administrada, todas as energias contidas e abafadas até então), encontrei de repente diante de mim uma barreira estúpida, contra a qual a minha paixão tinha ido esbarrar inutilmente.

O que fiz depois, não podia ser senão igualmente estúpido; foi uma loucura, até mesmo um tolice. Tenho quase vergonha de o contar (mas prometi a mim mesmo e ao senhor que não calaria coisa alguma) tentei... tentei encontrá-lo outra vez, isto é: tentei evocar cada instante que tinha passado a seu lado... Sentia uma atração furiosa por todos os lugares onde na véspera tínhamos estado juntos, pelo banco do parque de onde o tinha arrancado, pela sala de jogo onde o tinha visto pela primeira vez e mesmo quando se af, por aquele hotelzinho sórdido, só para reviver ainda uma vez ao menos o passado. E, queria no dia seguinte percorrer de carro o mesmo caminho ao longo da "Corniche" para que cada palavra, cada gesto judicasse ainda uma vez reviver em mim.

Tanto era insensato e pueril o estado do meu espírito! Mas, imagine que aqueles acontecimentos tinham-se precipitado sobre mim como um raio, não tinha sentido senão um golpe seco, um golpe único que tinha me estonteado. Agora, porém,

brutalmente arrancada àquele tumulto, eu queria revivê-la para gozar retrospectivamente, trazo por trazo, aquelas emoções fugitivas, graças àquela maneira mágica de me ilusivamente enganando-me a mim mesma, a que me impossibilita de esquecer, que damos o nome de... recordação... A falar a verdade, tudo isso são coisas que a gente compreende ou não pode compreender. Talvez seja preciso ter um coração abrasado para as conceber.

Por isso, dirigi-me, para começar, para a sala de jogo, afim de procurar a mesa onde eu tinha estado, e tornar a ver em imaginação, entre tantas mãos e deles, Entrei a mesa, onde eu o tinha visto pela primeira vez, era, bem o sabia ainda, a da esquerda no segundo salão. Cada um dos seus gestos tinha-nado gravado no meu espírito com nitidez; como uma sonámbula, de olhos fechados e mãos estendidas eu teria encontrado a seu lugar, Então, pois, e atraído a sala.

E lá... depois de ter franqueado a entrada, meus olhos percorreram aquela multidão barulhenta... Deus-se, então, uma coisa singular... Lá, exatamente no lugar em que eu o tinha imaginado, lá, estava ele sentado (calculei a causa pela febre) ele, em pessoa... Ele... ele... exatamente como eu tinha evocado na minha memória... exatamente como na véspera, com os olhos fixos acompanhando a bola, pálido como um espectro... mas ele... bem ele... indiscutivelmente ele...

Estive a ponto de gritar, tão grande foi o meu susto. Mas, dominei o meu terror diante daquela visão insensata e fechoi os olhos.

— Estás louca... estás sonhando... estas com febre... dizia eu a mim mesma. E absolutamente impossível, esta alucinação... ele foi-se embora de trem há meia hora.

Então abri outra vez os olhos. Mas, espetáculo terrível! Exatamente como havia pouco, lá estava ele sentado, em carne e osso, indiscutivelmente... Tinha reconhecido aquelas mãos entre milhares de outras mãos. Não, não estava sonhando era bem ele. Não tinha ido embora como me havia prometido. O insensato tinha ficado; tinha vindo trazer para o pano verde o dinheiro que eu lhe tinha dado para voltar para casa e completamente esquecido de si mesmo, dominado pelo vício, tinha vindo jogar naquela mesa enquanto o meu coração se dilacerava desesperadamente na ansia de tornar a encontrá-lo.

Um abalo de todo o meu corpo atirou-me para a frente. Com os olhos furiosos, numa febre desesperada, que me fazia ver vermelho, tinha um desejo louco de agarrar pela garganta o perjuro que tinha tão miseravelmente abusado da minha confiança, do meu sentimento e da minha dedicação. Mas, dominei-me ainda. Com um vagar afetado (que energia me foi precisa para fazer aquilo?), aproximei-me da mesa, bem em frente a ele; um homem cedera-me delicadamente o lugar. Dois metros de pano verde nos separavam apenas e eu podia, como no teatro, do alto de um balcão, observar bem à minha vontade aquele rosto, aquele mesmo rosto que duas horas antes eu tinha visto iluminado de gratidão, iluminado pela graça divina e que agora se tinha tornado de novo a presa frenética de todos os ardores infernais do vício. As mãos, aquelas mãos que naquela tarde ainda eu tinha visto estendidas por cima da madeira do genéflexo, no mais sagrado dos juramentos, agarravam agora, estrema vez, crispadas como se fossem vâmpiros luxuriosos, e di-



# NOVELA — STEFAN ZWEIG

phero amontoado em volta de-  
las.

Porque tinha ganho. Devia ter ganho uma grande, uma forte soma. Na sua frente brilhava um amontoado confuso de joias, de lútes de ouro, de notas de dinheiro, uma mistura de coisas postas ali ao acaso, sobre as quais os seus dedos, os seus olhos nervosos e frementes se estendiam e mergulhavam com voracidade.

Viu-o agarrar e dobrar as notas acurando-as, virar e apaiar amorosamente as moedas e depois, bruscamente, apaiar um punhado e atirá-lo sobre um dos quadrados. E imediatamente as suas náuticas reconheciam a pulgar por intervalos. O aperto do banqueiro afastava do monte de dinheiro os seus olhos brilhantes de cubia que seguiam o movimento furibundo da bola e parecia que a sua alma ia atrás dela, ao passo que os outros ficavam literalmente pregados no pano verde. Seu aspecto de indivíduo inteiramente dominado pela loucura do jogo era para mim ainda mais terrível e aterrador que na véspera, porque cada um daqueles gestos, assustava em mim a imagem que brilhava sob um fundo dourado e que eu tinha guardado credulamente na minha alma.

Estávamos assim a dois metros um do outro. Olhava-o fixamente, sem que ele desse pela minha presença. Ele não erguia os olhos nem para mim, nem para ninguém; seu olhar escorezava apenas para o lado do dinheiro e vacillava inquieto, observando a bola que rolava; aquele círculo verde e furibundo absorvia todos os seus sentidos que pulpitavam acompanhando o jogo. O mundo inteiro, toda a humanidade tinha desaparecido para ele mergulhado naquele quadrado de pano verde.

E bem sabia que poderia ficar ali durante horas a fio, sem que ele suspeitasse ao menos a minha presença.

Não pude, porém, aguentar mais. Numa brusca resolução contornei a mesa, coloquei-me por trás dele e segurei-o de repente pelo ombro.

Seu olhar voltou-se; durante um segundo encontrei-me com as pupilas vibradas como de alguém a quem não reconhecessemos tal e qual como um estranho que é preciso sacudir para fazer-lhe acordar e cujos olhos permanecem turvos por causa dos vapores cinzentos e fumarentos que tem em si. Depois, pareceu reconhecer-me; abriu a boca tremendo, olhou para mim com um ar feliz e balbuciou boquiaberto com uma familiaridade onde havia ao mesmo tempo atrainção e mistério.

— Tudo vai bem...

Senti logo que seria assim quando entendi que ele estava aqui... senti logo... Não compreendi o que ele queria dizer. Notei apenas que o jogo o tinha embriagado e que aquele desorientado tinha esquecido tudo; seu juramento, seu encontro na estação, o universo e a mim. Mas, mesmo naquele estado de júbilo, o reflexo de êxtase que acabava de mostrar quando me viu, era tão sedutor que, meu frado meu, segui-lhe os gestos e perguntei-lhe a quem se referia.

— Pulo daquele general russo que está ali, que só tem um braço, murmurou ele, acenando-me a mim para que nenhum ouvisse o segredo mágico. Ali, aquele de costeletas brancas e que tem um laço por trás dele. Ganha sempre. Já, então, eu tinha reparado nisso. Tem com certeza algum sistema e jogo, sempre o mesmo jogo que ele... Ontem, também, ele ganhou sempre, mas eu fiz a tolice de continuar a jogar depois que ele foi-se embora; e agora me erro... Ontem ele deve

ter ganho uma vinte mil francos e hoje também tem ganho sempre... Agora apostei sempre depois dele... Agora...

No meio da frase, parou de repente, porque o banqueiro gritou alto: — "Façam jogo!" E o olhar do rapaz virou-se pesado para o lado, devorando o lugar onde estava sentado, grave e calmo o Russo de barba branca, que colocou com circunspecção, primeiro uma moeda de ouro e depois de um momento de hesitação uma outra sobre o quarto quadrado. Imediatamente as mãos ardentes que estavam diante de mim mergulharam no monte de dinheiro e atiraram um punhado de moedas de ouro no mesmo número. E quando, um minuto depois, o banqueiro gritou "zero!" e que a pá recolheu tudo com um só movimento, envolvendo toda a mesa, o rapaz olhou estupefado, como se tivesse sido um milagre todo aquele dinheiro que desaparecia.

Pensa talvez, que ele se voltasse outra vez para mim? Não. Tinha-me esquecido, completamente; eu tinha desaparecido, perdida, apagada da sua existência; todos os seus sentidos exclamados estavam concentrados no general russo, que completamente indiferente, segurava entre os dedos duas outras moedas de ouro, insinuando no número em que as colocaria.

Não lhe posso descrever a minha amargura, o meu desespero. Mas, o senhor pode imaginar o que eu sentiria; verificar que para um homem a quem se fez o donativo de toda a sua vida, não se mais do que uma moeda, que uma mão indolente expulsa com aborrecimento! Outra vez uma onda de raiva furiosa passou sobre mim. Agareei-o pelo braço com tanta violência que ele se levantou bruscamente.

O sr. vai sair imediatamente daqui! murmurou-lhe baixinho, mas em tom autoritário. Lembre-se do juramento que fez hoje na igreja, miseravelmente perjuro que é.

Olhou para mim, comovido pelas minhas palavras e muito palido. Seus olhos apresentaram de repente a expressão dos de um cão batido. Seus lábios tremeram. Pareceu lembrar-se bruscamente de tudo o que se tinha passado e dir-se-ia que tinha horror de si mesmo.

— Sim... sim... balbuciei ele.

— Oh! meu Deus, meu Deus!... Sim... já vou, perdoo-me...

E já sua mão arrebatava todo o dinheiro, a princípio rapidamente, com movimentos largos e energéticos, mas depois com indolência a cada vez maior e como se fosse retido por uma força contrária. Seu olhar tinha caído sobre o general russo, que estava precisamente apostando.

— Um momento ainda... disse ele, atirando rapidamente cinco moedas de ouro sobre o mesmo quadrado. — Só está vendo... Juro-lhe que depois irei embora... Só está vendo... Só está... E outra vez sua voz exaltou. A bola tinha começado a rolar, arrastando-o no seu movimento. Outra vez o possesso tinha me escapado e tinha perdido a noção de si mesmo, arrastado pelo giro da bola minúscula que saltava e pulava na cuba envenenada.

O banqueiro gritou um número; a pá apoderou-se das cinco moedas de ouro; tinha perdido. Mas não se voltou.

Tinha-me esquecido como ao seu juramento, como tinha esquecido a palavra que acabava de dar-me havia um minuto apenas. Já sua mão mergulhava crispada no monte de dinheiro diminuído e o seu olhar embriagado estava inteiramente absorvido pelo seu fronteiro

"porte bonheur" que hipnotizava a sua vontade.

Minha paciência tinha-se esgotado. Sacudi-o ainda uma vez, agora com violência.

— Levante-se imediatamente! No mesmo instante... o sr. disse que aquela era a última vez...

Então aconteceu uma coisa completamente inesperada. Voltou-se de golpe, o rosto que me olhava então, não era mais o de um furioso, de uma criatura dominada pela cólera, cujos olhos queimavam e cujos lábios tremiam de raiva.

— Não me amole! gritou ele, ferocemente. Va-se embora! Você me dá azar! Sempre quando está a meu lado perco. Deus se jure ontem e está se dando agora. Va-se embora! Fiquei um momento como que fulminado. Mas depois, diante da sua loucura, a minha cólera estranhou:

— Eu lhe dou azar? exclamou eu. Mentiroso ladrão, o sr. que tinha jurado!

Mas tive que calar-me, porque o furioso saltou do seu lugar e empurrou-me para longe, indiferente ao tumulto que se erguia.

— Não me amole! exclamava ele aos berros. Não estou sob a sua tutela... Tome, tome... tome o seu dinheiro... e atire-me algumas das notas de cem francos... Agora deixe-me em paz.

Tinha gritado tudo aquilo alto, como um louco, indiferente à presença de centenas de pessoas que estavam em volta de nós. Todo o mundo olhava para nós, cochichava, insinuava coisas, ri, e mesmo da sala ao lado aproximavam-se numerosos curiosos. Tive a impressão de que me arrancavam as roupas e que eu estava nu diante daquela gente cheia de curiosidade.

— Silêncio, Madame, faça o favor! — disse com voz forte e autoritária o banqueiro, batendo na mesa com a sua pá.

Era a mim que se dirigiam as palavras daquele miserável. Humilhada, coberta de vergonha, achava-me exposta a que a curiosidade murmurante e cochichadeira, como uma prostituta a quem acabam de dar dinheiro. Duzentos, duzentos olhos insolentes estavam errados em mim. E... como me afastava, curvada sob aquela saralhada imunda de humilhação e de opróbrio, voltando os olhos para o lado, eis que diante de mim encontrei dois olhos que a surpresa tinha tornado quase desviados. Era minha prima que me olhava com atenuado, de boca aberta e com a mão levantada como que aterrada.

Aquilo foi para mim como uma chicotada. Antes que ela tivesse podido fazer um movimento, voltar a si da sua surpresa, precipitei-me para fora da sala. Tive ainda força bastante para ir em direção ao banco em que na véspera aquele possesso tinha-se deixado cair. E tão franca, tão esgotada, tão alquebrada como ele, deixei-me cair sobre a madeira dura e insensível.

Hi, hoje, vinte e quatro anos que isso aconteceu, e no entanto, quando recordo aquele momento em que fui fustigada pelos seus insultos aos olhos de mil pessoas estranhas, meu sangue se gela nas veias. E penso outra vez com terror no quanto deve ser fraco, miserável e mole aquilo que chamamos com ênfase, alma, espírito, sentimento e dor, visto que mesmo no seu paroxismo é incapaz de quebrar completamente o corpo que sofre, a carne torturada; já que, apesar de tudo, o sangue continua a correr e que a gente sobrevive a tais horas, em vez de morrer e de cair como uma árvore abatida pelo raio.

A dor não tinha me aque-

brado senão por um momento, o tempo de receber o choque, de modo que ali naquele banco, sem poder respirar, elegante e sentindo por assim dizer um antegosto voluptuoso da minha morte fatal. Mas, como acabei de dizer, todo o sofrimento é covarde e recua diante do poder do instinto de conservação que fica mais fortemente ancorado na nossa carne que todo o desejo de morte no nosso espírito.

Couza inexplicável a mim mesma, depois de um tal esmagamento da alma, apesar de tudo, me levantei, a falar a verdade, sem saber o que ia fazer. E de repente lembrei-me que as minhas malas estavam na estação. Não tive, então, a partir daquele instante senão uma ideia: ir-me embora, partir dali, partir simplesmente, ir para longe daquele estabelecimento maldito, daquele estabelecimento infernal.

Corri à estação sem prestar atenção a ninguém; perguntei a hora do primeiro trem para Paris; às dez horas, disse-me o empregado, imediatamente fiz registrar a minha bagagem.

Dez horas! Havia, pois, exatamente vinte e quatro horas que eu tinha feito aquele horrível encontro; vinte e quatro horas tão repletas pela tempestade perturbadora dos sentimentos mais estranhos, que a minha alma achava-se despedaçada para sempre. Mas, em primeiro lugar eu não pensava senão uma única palavra no ritmo eternamente martelado e vibrante: partir! partir! partir! As pulsações das minhas fontes enterravam sem cessar como uma única aquela palavra na minha cabeça: partir! partir! partir! Para longe daquela cidade, longe de mim mesma, voltar para minha casa, tornar a ver os meus, a minha vida de outrora, a minha vida verdadeira!

Passel a noite no trem, cheguei a Paris; lá, fui de uma estação para a outra e ganhei Boulogne diretamente. Depois fui de Boulogne a Douvres e de Douvres a Londres, e de Londres a casa de meu filho, tudo isso com uma rapidez de um roubo, sem refletir, sem pensar em nada durante quarenta e oito horas, sem dormir, sem falar, sem comer; quarenta e oito horas durante as quais todas as rodas não tinham feito outra coisa senão gritar aquela palavra: partir! partir! partir! partir! Quando, afinal, sem ser esperada por ninguém, entrei na casa de campo de meu filho, todo o mundo teve um gesto de espanto; havia, sem dúvida, na minha pessoa, no meu olhar, qualquer coisa que me traía.

Meu filho aproximou-se para me beijar. Tive um gesto de recuo diante dele, era-me insuportável a ideia de que ele ia tocar uns lábios que eu considerava manchados. Afastei todas as perguntas, pedi apenas um banho, porque sentia uma necessidade de purificar o meu corpo abstração feita do solo da viagem; e de tudo o que parecia haver ficado ainda agarrado ali da paixão daquele possesso, daquele homem indigno. Depois arrastei-me até o meu quarto e dormi durante doze ou quatorze horas num sono de animal ou de pedra, como eu nunca tinha dormido, um sono que me ensinou o que deve ser a morte dentro de um caixão mortuário.

Minha família cuidava de mim como de um doente. Mas a sua ternura não conseguia senão fazer-me sofrer. Tinha vergonha, sentia-me envergonhada diante do respeito e dos cuidados que me dispensavam e precisava a todo instante estar me dominando para não gritar de repente confessando quanto eu os tinha traído, esquecido, quase abandonado, sob

o agulhão de uma paixão louca e insensata.

Depois dirigi-me por acaso a uma pequena cidade francesa, onde não conhecia ninguém, porque vivia perseguida pela obsessão de que todo o mundo podia, pelo meu aspecto, ao primeiro golpe de vista, perceber a minha vergonha e a minha transformação, por tal forma eu me sentia traída e suja até o fundo da alma. As vezes, acordando-me pela manhã, na minha cama, tinha um pavor terrível de abrir os olhos. Lembrava-me subitamente daquela noite em que me tinha acordado inesperadamente, ao lado de um desconhecido, de um homem semi-nu e então, como na primeira vez, não tinha senão um desejo: o de morrer imediatamente. Não obstante o tempo tem um grande poder e a idade apaga de um modo estranho todos os sentimentos. Sentimos que estamos mais perto da morte: sua sombra, cal, negra, sobre o caminho; as coisas parecem menos vivas e não afetam mais, com tanta intensidade as partes profundas da nossa alma e perdem muito do seu poder perigoso.

Pouco a pouco curei-me do golpe recebido, e, quando, longos anos depois, encontrei um dia na sociedade, adido à legação da Áustria, um jovem polaco, que a uma pergunta feita por mim sobre a família do homem cujo leito eu tinha partilhado uma noite, me respondeu que um dos seus membros, um primo precisamente, tinha-se suicidado dez anos antes em Monte Carlo, eu nem sequer estremeci.

Aquilo não me causou o menor sofrimento (por que negar o meu egoísmo?), aquilo fez-me bem, porque assim desaparecia todo o perigo de tornar a encontrá-lo ainda. Já não existia contra mim, outra testemunha que não fosse a minha lembrança. Depois disso, fiquei mais tranquila. Evidentemente não é afinal outra coisa senão perder o medo ao passado.

E agora o sr. compreende, porque me decidi bruscamente a contar-lhe a minha história. Quando o sr. estava defendendo Mme. Henriette, sustentando apaixonadamente que vinte e quatro horas podiam mudar completamente a vida de uma mulher, senti-me diretamente atendida por aquelas palavras. Fiquei-lhe reconhecida porque, pela primeira vez, via-me por assim dizer justificada e então pensei que talvez, libertando a minha alma por meio de uma confissão, o passado fardo e a eterna obsessão do passado desapareceria e que amanhã seria-me talvez possível voltar a Monte Carlo e penetrar na sala onde encontrei o meu destino, sem sentir dó no meu dele nem de mim. Então a pedra que pesa sobre a minha alma erguer-se-á para cair com todo o seu peso sobre o passado que ela manterá fraco como num rútilo sem poder mais despartir.

Foi para mim uma felicidade de ter podido encontrá-lo para lhe contar tudo isto. Estou agora aliviada e quase alegre. Estou-lhe muito obrigada.

Ouvindo aquelas palavras, levantei-me subitamente, vendo que tinha acabado. Um tanto embarcado tentei dizer qualquer coisa, mas, percebendo isso, não me deixei falar.

— Não, peço-lhe por favor, não fale... Desejo que não me responda nem diga coisa alguma... Mais uma vez muito obrigada e faça uma boa viagem. Estava de pé diante de mim. Estendeu-me a mão em sinal de adeus. Involuntariamente olhei para aquele rosto e achei singularmente comovido o aspecto daquela fisionomia de um filho

(Continua na página 138)



# O MESMERISMO SEM MESMER — STEFAN ZWEIG

A vida é sempre mais rica em ocorrência do que qualquer novela. Nenhum artista teria sido capaz de imaginar, para o trágico infelício que perseguiu implacavelmente Mesmer durante toda uma vida de lutas e ainda muito tempo após sua morte, um símbolo mais rônico do que o fato de não ter tido nenhuma experiência e investigador desvendando precisamente aquilo que constitui sua mais clara descoberta, isto é, que o que desde então costumamos chamar mesmerismo não constitui nem a teoria nem o invento de Franz Anton Mesmer.

Certamente foi ele quem provocou esta manifestação da energia psíquica, básica para o conhecimento da dinâmica espiritual, mas — o! fatalidade! — não soube vê-la. Vislumbrou-a, mas passou por alto. Como, segundo o convencionalismo estabelecido, uma descoberta não pertence a quem a atinge e sim a quem a assina e define, sucedeu que toda a alegria da demonstração da influência psíquica no homem pela hipnose, toda a glória de ter iluminado o espaço imenso entre a consciência e a inconsciência, não sobre Mesmer, porém sobre seu fiel discípulo, o conde Maximilien de Puységur.

Assim, enquanto, no ano fatal de 1784, Mesmer, com seus alicerces moídos de vento, está a braços com academias e sociedades científicas em defesa do fluido magnético, seu discípulo lança à publicidade, escrito em linguagem sumamente positiva e sóbria, um "Rapport des cures opérées à Bayonne par le magnétisme animal, adressé à M. l'abbé de Vaulanet, conseiller-clerc au parlement de Bordeaux, 1784", em que põe às claras de maneira irrefragável fatos potentes: o que em vão buscara o metafísico alemão com seus cosmos e seu místico fluido universal.

As experiências de Puységur foram a entrada do mundo do espírito pelo ponto mais insuspeito. Desde os tempos mais remotos, tanto na Idade Média quanto na antiguidade, a ciência vinha considerando as manifestações do sonambulismo e o próprio sonambulismo como fatos anormais. Através dos séculos se repete o caso de, entre centenas de mulheres ou entre milhões de seres normais, nascer um desses singulares natamultos que, tomado de um sono misterioso, se ergue da cama com os olhos fechados e, sem ver, sem palpar, sobre escudos sobre escudos, até chegar ao telhado, e uma vez ali corre pelas arestas vertiginosas dos telhados, pelos cumes e fachadas, para depois, sempre fechados os olhos, voltar ao primitivo repouso sem que, no dia seguinte, conserve a mínima lembrança do que lhe deu o seu sono noturno por lugares desconhecidos.

Antes de Puységur não se tinha encontrado explicação alguma que resolvesse o enigma desse fenômeno que era, sem dúvida, claro e patente. Estes indivíduos não podiam ser considerados como dementes, pois que, em estado de vigília, atendiam com toda regularidade e demonstração às suas ocupações comuns. Tão pouco também podiam ser julgados de normais porque com sua conduta, quando mergulhados no seu estranho torpor, iam ao encontro de todas as leis naturais; porque um homem assim, quando anda no escuro, de olhos fechados — colidido inteiramente os pés — e privado portanto da visão física, repete em todos os perigos e nos obstáculos mais insignificantes.

Ao caminhar, pois, pelos lugares mais perigosos (que, desperto, evitaria), quem o guia para que não caia? Quem o sustém, quem ilumina seus sentidos? Que espécie de visão interna possui por trás dos olhos fechados? Que sentido anormal, que "sens interior", que "second sight" conduz este que dorme acordado, como um anjo aliado, através dos obstáculos? Tal é a pergunta que, desde o mais remoto antiquário dos sábios formularam sem cessar; mil, dois mil anos, permaneceu o espírito investigador diante de um desses enigmas da vida que, a natureza, de vez em quando, intercala no orden regular dos fenômenos, como se com este fato inexplicável, em desacordo com os demais

regos do universo, pretendesse lembrar ao homem o respeito que deve ao irracional.

E de repente, tão enfadonho quanto impertinente, se apresenta um discípulo desse enlaidado Mesmer, um homem que, nem sequer é médico, e simplesmente amador do magnetismo, demonstra com experiências irrefutáveis que o fenômeno caracterizado por este estado de sonolência não é nenhum lapsa no plano de trabalho da natureza, não é uma monstruosidade isolada como uma criança com cabeça de bol, ou como os irmãos siameses entre a multidão innumerable de criaturas normais, e sim constitui um complexo orgânico de fenômenos — mais importante e mais penoso também — que este estado de sonambulismo, este relaxamento da vontade, esta ação inconsciente durante o sono magnético (hoje dizemos hipnótico) pode ser provocado por meios artificiais em quase todos os seres.

Puységur, conde, distinto, filantropo em extremo, de acordo com a moda do tempo fora conquistado, desde a princípio pela teoria do mestre, mostrando-se verdadeiramente apaixonado por ela. Por dilettantismo humanitário, por curiosidade filosófica se dedica, nas suas propriedades de Buzancy, e sem remuneração alguma, a praticar o tratamento magnético, de acordo com as prescrições do mestre. São seus pacientes, não marqueses históricos nem aristocratas senis, porém soldados de cavalaria, rapazes do campo, rudes, são, sem laivo de neurosenista, formando assim uma matéria experimental verdadeiramente valiosa.

Também se dirigiu a ele uma multidão de pessoas óvidas de recobrar a saúde, e o filantropo conde se esforça, fiel à prescrição mesmeriana, por provocar nos enfermos as crises máximas. Um dia, porém, por surpresa, quase assustado, um jovem pastor, de nome Victor, em vez de responder aos passes magnéticos com as convulsões e espasmos do costume se entorpece literalmente e mergulha num sono reprovado entre as mãos do magnetizador. Como este resultado se ataca, terá convulsões e não são, então Puységur sacudir e despertar o inerte rapaz.

Em vão Puységur chama-o, mas o rapaz não se move. Sacode-o, porém — coisa estranha! — o camponês dorme um sono totalmente fora do normal. E, de súbito, ao ordenar-lhe de novo que se levante, o rapaz ergue-se e dá alguns passos, sem abrir os olhos. Apesar de manter os olhos fechados comporta-se em absoluto como uma pessoa que estivesse acordada e em seu perfeito juízo, sem deixar o seu sono. Acha-se em estado de sonambulismo, em pleno dia. Puységur, estupefacto, tenta interrogá-lo. E, pronto? o camponês responde, em meio de seu torpor, com absoluta coerência e clareza a todas as perguntas, servindo-se também de uma linguagem mais polida que de costume.

Puységur, intrigado pelo novo descoberto, repete a experiência. E com efeito, não só consegue provocar aquele estado de dormente vigília, da sono acordada, por meio da magnetização (verdadeira sugestão) no nude camponês, como também em pessoas diversas. Puységur, entusiasmado ante a inesperada prova, prossegue nas suas investigações com redobrado afã. Dá ordens que chama post-hipnóticos, isto é, ordena à pessoa em letargo, que, ao despertar, execute determinado ato, e efetivamente o "médium", voltando ao seu estado normal e recobrada sua plena consciência, executa com toda a pontualidade aquilo que lhe foi ordenado quando dormia.

Agora Puységur só necessita juntar ao seu caderno estes surpreendentes processos, depois do qual o Rubicon da moderna psicologia foi atravessado, e o fenômeno da hipnose estabelecido pela primeira vez. É certo que não foi com Puységur que a hipnose entrou pela primeira vez no mundo, mas foi com ele tão somente que adquiriu estado científico. Já conta Paracelso que, num convento de Karmine, as monges, ao praticarem o tratamento, distraíram a atenção dos enfermos por meio de objetos cintilantes; no

antiquidade, a partir da época de Apolonia de Tyana, se encontram notícias de processos hipnóticos.

Mas além da esfera humana, no reino dos irracionais, se conhece como tradicionalmente verdadeira a ação do olhar fixo e fascinador da serpente. E a própria simbologia mitológica de Medusa que significa ser a paralização da vontade por um poder de sugestão? Pois bem, esta força coercitiva da atenção não fora nunca empregada como método nem sequer por Mesmer, apesar de, com seus contactos e olhares, se ter valido dela vezes inumeráveis. Sempre lhe ocorreu que alguns de seus clientes, sob a influência da sua olhar ou de seus passes magnéticos, sentiam peso nos olhos, bocejavam, adormeciam, as pálpebras começavam-lhes a tremer e a fechar-se; o próprio Jussieu, testemunha casual, mencionou em seu relatório um destes casos, o de um paciente que, com os olhos fechados, se levanta de súbito, magnetiza outros enfermos e sempre de olhos cerrados, volta ao seu lugar e senta-se, sem conservar a mínima noção de seus atos, sonâmbulo em pleno dia.

Dez vezes, com vezes talvez se encontrar Mesmer, durante seus longos anos de prática, com esta letargia do paciente, este abateimento em si mesmo e tornar-se insensível. Mas como ele não procurava senão a crise, a convulsão, como elemento de cura, temia em passar por alto sobre tão singulares torpores. Hipnotizado pelo seu próprio fluido universal quando hipnotizado, oferece-se este filho da fatalidade obstinadamente a tal ideia, experimentando-se com a sua teoria, em vez de operar como aconselham as sapientíssimas palavras de Goethe:

"O principal está em compreender que toda a real e efetiva é já, em si, teoria. Não há o que procurar por trás dos fenômenos, visto que eles mesmos constituem a doutrina". Assim é que Mesmer deixa de lado a ideia imperativa de toda a sua vida para que outro colha aquilo que semeou a sua própria precursor. O fenômeno decisivo do "lado noturno da natureza", o hipnótico, foi descoberto por seu discípulo Puységur. E, em rigor, o mesmerismo leva a nome de Mesmer com tão pouca justiça como leva a América o de América Vesputio.

A consequência ulterior desta observação, ao parecer insignificante do ajudante de Mesmer, facilmente se pode abrigar com um só lance de vista. O campo de observação se dilata além do noite. E como se se houvesse encontrado uma terceira dimensão, pois ao ficar provado, naquele ingenuo camponês de Buzancy, que no mundo espiritual do homem há entre o negro e o branco, entre o sono e a vigília, entre o raciocínio e o instinto, entre a vontade e a submissão, entre a consciência e a inconsciência, toda uma série de estados intermediários fugitivos, imprecisos, volantes — produziu-se uma primeira diferenciação naquela esfera que chamamos alma.

Aquela experiência, insignificante em si, estabelece de modo indiscutível que, incluir os fenômenos psíquicos mais extraordinários, os que parece se projetarem quais meteoros, além dos limites da natureza, obedecem a certas normas pre-determinadas. O sono, considerado até então como um estado negativo, como um eclipse da consciência e, portanto, como uma negra vacuidade, revela nesse estado, novamente descoberto, de sono de vigília, uma multidão de misteriosos forças latentes no cérebro humano, além do raciocínio consciente; forças que atuam umas sobre outras e que, por efeito do devio desta consciência crítica, conseguem vir à luz — uma ideia apenas elaborada indeterminadamente e que em anos mais tarde a psicanálise levará a fecunda fruição.

Com esta conquista sobre o desconhecido todos os fenômenos do espírito adquirem um sentido completamente novo, e um número incalculável de reações se precipitam pela porta — aberta mais por casualidade que pela mão do homem — do mesmerismo, que "pela primeira vez obriga a investigar, a estudar os fenômenos da concentração e dispersão, da fadiga, atenção e hipnose, das crises nervosas e da simulação, que, juntos, constituem o moderna

psicologia" (Pierre Janet). Pela primeira vez chega a humanidade a saber muitas coisas que até este momento passavam por mágicas e super-sensíveis e a ter delas uma noção clara e precisa.

Esta súbita dilatação do mundo interno como resultado do fútil observação de Puységur, desperto instantaneamente em todos os seus contemporâneos um entusiasmo indelével, que a "mesmerismo", como noção inicial de fenômenos até então ocultos, produz em todos os cérebros ilustrados da Europa. Precisamente Montgolfier acabava de conquistar o mundo aéreo e Lavoisier de descobrir a composição química dos elementos; e eis que a estes triunfos se havia de acrescentar agora, uma primeira irrupção no reino do super-sensível: nada há, pois, de surpreendente que toda aquela geração se sinta possuída de uma fé inquebrantável na solução definitiva deste mistério primordial que é a alma.

Poetas e filósofos, esses eternos geometras do reino espiritual, são os primeiros a lançar-se ao novo continente, apenas vislumbravam seus ignotos limites; um obscure presentimento lhes sugere a grande número de segredos tesouros que vão encontrar naquelas profundidades. Já não é nos bosques dourados, nos antros de Politeia ou nas cozinhas das bruxas em que o romântico procura o romantismo e o excepcional, mas nestas novas esferas subterrâneas, entre o sono e a vigília, entre a vontade e a submissão.

De todos os poetas alemães é Heinrich von Kleist o mais forte, e mais vidente; que mais penetrado se sente por este "lado noturno da natureza". Como todo o abismo o outro, se dispõe prazenteiro, a atrair-se aqueles profundidades e a criar, como é, a descrever poeticamente os vertiginosos sensações que o experimento quem se acha à linha divisória entre o sono e a vigília. De um golpe, que corresponde ao seu impetuoso temperamento, vem-lhe envolver-se nos mais recônditos mistérios da psicopatologia. Em parte alguma o estado de sonambulismo foi melhor descrito do que no "Alte Knecht von Orléans"; nunca se pintou o sonambulismo com tão clínica e ao mesmo tempo distinta perfeição como em "Kathchen von Heilbronn", e em "Prinzen von Homburg".

Enquanto Goethe, então já coute e ponderado, segue de longe com prudente curiosidade as novas descobertas, a juventude romântica se lança a elas apaixonadamente. E T. A. Hoffmann, Tieck e Brentano, e os filósofos Schelling, Hegel, Fichte declaram professor fervorosamente estas ideias; por sua parte Schopenhauer encontra no mesmerismo o argumento decisivo em favor da primazia, em excesso demonstrativo, da vontade sobre a razão deserta. Ma França, Balzac, no mais pessoal dos seus livros, "Louis Lambert", traça, nem mais nem menos, uma biologia deste impulso formador do mundo, que se chama força de vontade, e lamenta que a magnitude do descoberto de Mesmer — "si importante et si mal apprécié encore", — não haja penetrado ainda em toda parte.

Além dos mores Edgar Allan Poe cria com cristalina clareza, a novela clássica da hipnose. Acontece sempre o mesmo: onde a ciência rasga uma brecha no negro e misteriosa muralha do universo, para ela se precipita em seguida, como gás colorido, a fantasia do poeta, animando as esferas recém-abertas com sucessos e vultos; — e Freud é um exemplo disso em nossos dias — com a renovação da psicologia começa também uma nova literatura psicológica.

E ainda na suposição de que estivessem errados todos os conceitos, todos as teorias, todas as ideias de Mesmer (o que é muito duvidoso) é certo que tem sido mais fecunda do que as de todos os sábios e investigadores de seu tempo; que Mesmer, mais do que todos eles, foi a norte e guia de uma nova ciência, há muito tempo necessária, para atrair a olhar da nova geração aos mistérios da espírito.

A porta abriu-se de par em par e a luz entrou por ela iluminando

uma estância onde a ciência nunca projetara sequer um dos seus raios. Mas dá-se o que sempre se espera: nem bem alguém abre uma porta que dá acesso a alguma coisa de novo, se apressa a penetrar por ela, justamente com os investigadores, doutos e semelhantes, uma chuva de curiosos volúveis, iludidos, loucos e charlatães. Característica da humanidade é a ilusão, o um tempo útil e perigoso, que pode virar, de um só impulso, de um único salto, os fronteiros do terreno para alcançar o mistério do Cosmos.

E quando alguém consegue penetrar uma misérrima poléssia nos domínios da ciência aí já está a ignorância confiada disposta a, com apenas aquele pobre rasgo, a tomar a chave de toda a universa. Assim aconteceu também desta vez. Apenas descoberto o fato de que, por meio de um sono hipnótico artificialmente provocado se pudesse obter resposta do paciente, persuadiu-se o vulgo de que este nada responder a toda espécie de perguntas. Com imprudente precipitação, são declarados em seguida videntes, todos os sonhadores e equiparados a sonhos proféticos das alucinadas. Outro sentido, mais profundo, a chamada "sentida interna" do homem é o que atua nesse estado de encantamento.

"Na visão magnética o espírito recebe alguma coisa daquela instância que guia o passado, através dos mares, para um país que nunca viu, qualquer coisa do instinto que impõe o inseto para o previdente labor em prol da sua ninhada ainda não nascida; em linguagem inteligível: raciocina e responde a nossas perguntas." (Schubert). Os entusiastas do mesmerismo apregoam que "em estado de crise os sonâmbulos podem prever o futuro e seus sentidos podem alcançar qualquer distância e em todos os direções".

Podem profetizar, por introspecção, um modo peculiar de ver de si para si; ler no seu próprio corpo e no alheio, e diagnosticar assim, sem perigo de erro, as enfermidades. Indivíduos analfabetos são capazes de falar em latim, hebraico e grego, citar nomes nunca ouvidos, resolver com grande facilidade os mais difíceis cálculos; métodos nágus, segundo parece, não vão ao fundo; sua clareza interna permite ler livros que, fechados e selados, se encontram sobre o seu corpo nu, podem da mesma forma mencionar sucessos que se estão passando no momento em remotos paragens do mundo; descobrir crimes cometidos há dezenas de anos — em resumo, não há enigma, por absurdo que seja, que não possa ser desvendado por um médium.

Conduzem-se os sonâmbulos às covas onde se supõe que haja tesouros escondidos, e ali se cova a terra até à altura do peito, afim de que o contacto do "médium" permita descobrir o ouro ou a prata. Ou então, é levado, de olhos vendados, a uma formação para que, valendo-se do seu "elevado" sentido, indique o verdadeiro remédio que um enfermo precisa e — veja-se! — entre centenas de boões saiba encontrar a única droga benéfica. O que há de mais incrível é atribuído aos "médiums". Todos os fenômenos e práticas de ocultismo que se usam ainda hoje em dia em nosso mundo: a vidência, a adivinhação do pensamento, a conjuração dos espíritos, os artes telepáticos e telepáticos, todas derivam do primitivo entusiasmo pelo "lado noturno da natureza".

Não se possa muito tempo sem que apareça uma nova carreira: o sonambulismo profissional. E como um "médium" se valoriza tanto quanto mais sensacionais são suas revelações logo os prestidigitadores e gente da sua loja se valem de toda espécie de fraudes e ilusões para elevar sua força "magnética" a um grau inconcebível. Já no tempo de Mesmer se celebravam famosas sessões espíritas em salas escuras, onde se conversava com Júlio César e os Apóstolos; os espíritos são vigorosamente conjurados e "douturados".

As pessoas crédulas, necias e supersticiosas, os poetas como Justino Kerner e os pedantes como E. Renan e Kluge asseguram a veracidade das milagres do sonambulismo artificial. Assim, é mais do que

(Continua na página 142)



## G R O U C H Y

-- STEFAN ZWEIG

No meio de bailes e galanteios de intrigas e de discussões no congresso de Viena d'Austria, tal a notícia aterradora e resalta como um obuz: Napoleão, o leão aprisionado, destronado, a seu lado de Elba.

As mensagens estão chegando umas atrás das outras. Conquistou Lyon e expulsou o rei. As tropas de bandeiras fanáticas correm ao seu encontro. Já está em Paris, nas Tuileries.

Fram Intels Leipzig e os vinte anos de uma guerra horrida.

Como se todos tivessem sido lembrados com uma única pancada forte e terrível, os milhares intrigantes já não podem mais discutir, apressam-se a chegar a um acordo. Organizam-se: um inglês, outro prussiano, outro austríaco, outro russo. Tem um único objetivo: aniquilar, definitivamente, o poder do usurpador. Nuncia a clássica Europa dos imperadores e dos reis se viu tão unida como naquela hora de pânico.

Pelo norte, avança Wellington contra a França. Ao seu lado aninha-se o exército prussiano sob o comando de Blücher. Schwarzenberg toma posições no Reno e os pesados e lentos regimentos russos, formando as reservas, passam pela Alemanha.

Um único olhar basta a Napoleão para compreender o perigo mortal. Compreende que não deve perder tempo, que não pode esperar que a malícia se reúna. É preciso dividir e atacar isoladamente os prussianos, os ingleses, os austríacos, antes que se convertam num exército europeu e derrubem o seu império. Deve ir depressa. Os inimigos no seu próprio país estão despertando. Deve vencer antes que os republicanos se sintam fortes e se unam aos realistas, antes de que o hipocritismo e enigmático Fouché, de acordo com Talleyrand, sua imagem e seu emblema, consiga uma vitória na sua retaguarda. De um golpe, com suas tropas delirantes de entusiasmo, deve lançar-se sobre os seus inimigos. Cada dia significa uma perda, em cada hora está oculto um perigo. Por isso, não hesita em arriscar-se sobre o campo de batalha mais ensanguentado da Europa: sobre a Bélgica.

Em 15 de Junho, às três da madrugada, a vanguarda do grande exército de Napoleão — o único exército — atravessa a fronteira. Em 16 chegara a Liège e combate contra o exército prussiano, que derrota e obriga a retroceder. É a primeira pancada do leão que se sente livre; um golpe terrível, mas não mortal. Vencido, mas não aniquilado, retira-se o exército prussiano em direção a Bruxelas.

Napoleão vai então desfilar o segundo golpe, contra Wellington. Não tem tempo de tomar alento; cada dia que passa significa um reforço para o inimigo e tem que conquistar também a terra que fica atrás dele, o exangue e inquieto povo francês, a quem deve devolver o ânimo com o ardente elixir do anúncio da vitória.

No dia 17 avança com todo o seu exército até às alturas de Quatre-Bras, onde se entrancheira Wellington, o frio inimigo de nervos de aço. Nuncia como naquele dia foram mais meditadas as disposições de Napoleão, nunca foram mais claras as suas ordens. Não pensa somente no ataque, mas prevê também os perigos; prevê a possibilidade de que as tropas de Blücher, vencidas mas não aniquiladas, possam juntar-se às de Wellington.

Para evitar isso, destaca uma parte do seu exército para ir afastando, passo por passo, a sua união com os ingleses. hostes prussianas e impedindo o comando desta tropa de

perseguição é confiado ao marechal Grouchy.

Grouchy, de uma inteligência mediocre, valente, justo, de toda confiança: um caudilho de valor não comprovado, mas nada mais do que um caudilho. Não é um guerreiro ardente e impetuoso, como Murat à frente da sua cavalaria. Não é um estrategista como Saint Cyr ou Berthier, nem um herói como Ney. Não se vê sobre seu peito o esplendor da coraça. Nenhum mito aureola sua fronte, nenhum feito extraordinário lhe dera a fama para que aparecesse no mundo heróico da legenda napoleônica. Deram-lhe nome unicamente as suas desgraças e os seus fracassos. Durante vinte anos combatia em todas as batalhas, desde a Espanha até a Rússia, desde a Holanda até a Itália. Lentamente, não sem méritos mas sem façanha alguma extraordinária, ia conquistando, passo a passo, a dignidade de marechal. As balas austríacas, o sol do Egito, os punhais Árabes, os gelos da Rússia iam aniquilando os seus camaradas: Desaix em Marengo, Kleber em Cairo, Lannes em Wagram. Não tomou de assalto o caminho que devia conduzi-lo à dignidade máxima. Conquistou-o aos poucos, através de vinte anos de incessante guerra.

Napoleão sabe perfeitamente que em Grouchy não possui estrategista algum; tem apenas um homem de confiança, fiel, valente e sereno. Mas a metade dos seus marechais jaz sob a terra e os que ficaram estão desanimados, vivem retritados em suas terras, fartos da eterna vida dos campos de batalha. Por isso vê-se obrigado a confiar a um homem mediocre uma missão de decisiva transcendência.

Às onze da manhã do dia 17 de Junho, um dia depois da vitória de Ligny, um dia antes do desastre de Waterloo, Napoleão confia pela primeira vez a Grouchy um comando independente. Num segundo, aquele militar passa para a história universal. Foi isso durante um instante somente, mas que instante!

As ordens de Napoleão são precisas: enquanto ele avança contra os ingleses, Grouchy deve perseguir o exército prussiano encabeçando uma terceira parte das forças. Em aparência uma missão simples, categórica, infundível; mas, apesar de tudo, ambígua e de duplo fim, como uma espada, pois, ao cumprir esta ordem, Grouchy está obrigado a não perder o contacto com o grosso do exército.

O marechal aceita o cargo de comando com certa hesitação. Não está acostumado a agir por seu próprio impulso; sua prudência, falta de iniciativas, somente se sente segura quando a observação genial do imperador lhe indica a atitude que deve tomar. Além disso presente agora, atrás das suas costas, o descontentamento dos seus generais e, talvez, o fatal golpe do destino. Mas tranquiliza-o a proximidade do quartel general; três horas escassas de marcha separam-no do exército do imperador.

Chove torrencialmente. Debaixo daquela chuva despede-se Grouchy. Logo, lentamente, afundando os pés na lama mole, avançam os seus soldados atrás das linhas prussianas, na direção que mudem ter tomado o general Blücher.

## A NOITE DE CALLOU

A chuva cai em torrentes. Como rebanhos mergulhados em água, avançam os regimentos de Napoleão nas trevas. O barro torna pesados os passos. Nem casa nem refúgio. A palha está completamente molhada, é impossível dormir sobre ela e os soldados se reúnem em grupos e dormem sentados, co-

tas contra costas, debaixo da chuva que não tem piedade.

Mas o imperador também não descança; está possuído de uma nervosidade febril, pois os acontecimentos fracassam perante a impenetrabilidade do tempo e as informações dos exploradores são muito confusas. De nada sabe, não sabe se Wellington está disposto a ferir a batalha e não lhe chega notícia alguma do ataque de Grouchy contra os prussianos. A uma da noite, desprezando a chuva torrencial, o imperador sai par percorrer os postos avançados. Numa distância de tiro de canhão, mais ou menos, divisa-se, através da neblina, o amortecido esplendor das luzes do acampamento inglês.

Napoleão projeta o ataque. Ao romper da madrugada regressa à sua pequena cabana de Callois, ao humilde quartel general. Ali encontra as primeiras notícias de Grouchy: confusas notícias sobre a retirada dos prussianos, mas com a promessa tranquilizadora de que continuariam sendo perseguidos.

A chuva está lentamente parando. Napoleão vai e vem impaciente pela estância, fixa o olhar no amarelo do horizonte, esperando que o céu da distância se descobrisse e lhe permitisse tomar uma decisão.

Às cinco da manhã — a chuva cessara — as nuvens pesadas, inferiores, de dúvida, se desvanecem. Corre a ordem para que, às oito, todo o exército esteja disposto para a batalha. Os tambores redobram chamando a formar e as ordenanças a cavalo galopam em todas as direções.

É só então que Napoleão se deita na sua cama de campanha para dormir duas horas.

## A MANHÃ DE WATERLOO

São nove da manhã. As tropas ainda não se reuniram todas. A chuva, que caía, sem cessar, durante três dias, tornou mole a terra e a artilharia tem que avançar vencendo grandes obstáculos.

Lentamente elevou-se o sol e os seus primeiros raios brilham através de um vento penetrante. Não é o sol radiante e cheio de promessas de Austerlitz, é um sol amortecido de resplendores nórdicos.

Afinal as tropas estão dispostas e Napoleão, montando a sua equa branca, percorre a frente em toda a sua extensão. Como impelidas por um vendaval irresistível, inclinam-se ao solo as águilas de todos os estandartes, os ginetes brandem as suas espadas e os soldados levantam as suas gorras peludas, aranchadas nas pontas das balonetas. Em honra do general redobram freneticamente os tambores e as trombetas lançam nos espaços as suas notas agudas e todos aqueles sons estridentes ficam apagados pelo grito delirante que ressoa como um trovão por cima dos regimentos e que sai, como se fosse de uma só boca, de atenta mil gargantas.

— Vive l'Empereur!

Durante os vinte anos napoleônicos, nenhuma revista militar alcançou a magnificência e entusiasmo daquela. Mas, também, era a última.

Quando os gritos emudeceram, eram ouso, quase duas horas mais tarde do que a previsão — duas horas de atraso fatal! — a artilharia recebe a ordem de concentrar o fogo contra as "guerrilhas vermes" que ocupam a colina, pois Ney, le brave des braves, já avança em frente à sua infantaria.

Assim começou a hora suprema de Napoleão. Inúmeras vezes foi descrita esta batalha. Ninguém se cansará de ler as suas emocionantes alternativas, na pintura magnífica de Walter Scott, e na relação episódica de Stendhal. O espetáculo é variado e

grandioso, quer se contemple da colina onde se encontra o general, à distância, quer se esteja de perto por sobre a sela do couraçado. Obra mestra de tensão e dramaticidade, que vai da angústia à esperança e da esperança à angústia e que, logo, se resolve num instante catastrófico. No destino de um homem encontra-se latente o destino da Europa inteira. Esse fantástico campo de fogos de artilharia que fora toda a existência de Napoleão, eleva-se mais uma vez par iluminar, por um instante, a imensidade do céu com o fulgor dos seus foguetes para logo desabar e extinguir-se, para sempre.

Desde as onze até uma da tarde os regimentos franceses atacam, sem cessar, as alturas, tomam aldeias e posições e, quando são repellidos, renovam os ataques.

As colinas úmidas e lamacentas daquele país deserto já são cobertas por dez mil cadáveres, mas nada se conseguiu. Ambos os exércitos estão esgotados, cansados e os dois generais se mostram inquietos. Os dois sabem que a vitória será do primeiro que receber reforços: Wellington de Blücher, Napoleão de Grouchy. O imperador nervoso empunha o óculo de alcance e envia, continuamente mensagens.

Se o marechal chegar a tempo, voltará a brilhar sobre a França o sol de Austerlitz.

## O FERRO DE GROUCHY

Grouchy tem, sem sabê-lo, em suas mãos a sorte de Napoleão. Partiu, cumprindo as ordens recebidas, ao entardecer do 17 de Junho, seguindo as filas dos prussianos.

A chuva cessara e, como se atravessassem terras pacíficas, as companhias novas e confusas, que na véspera tinham sentido, pela primeira vez, o cheiro da pólvora, não veem aparecer o inimigo em parte alguma, não descobrem o mais pequeno vestígio do exército prussiano.

Então, enquanto o marechal almeja rapidamente numa casa de campo, sentem que o solo estremece ligeiramente sob os seus pés; avivam o ouvido e chega a eles um ruído surdo, contínuo e amortecido. Alguns oficiais jogam-se ao solo, aplicam os ouvidos contra a terra e escutam, à maneira dos índios, para descobrir a direção do bombardeio. E o eco responde de surdo e afastado. É o princípio de Waterloo, o canhão de Saint Jean.

Grouchy reúne os seus oficiais. Gerard, o chefe do seu estado maior, exclama fogaosamente:

— Il faut marcher au canon!

É preciso marchar na direção do fogo de artilharia!

Um outro dos oficiais apoia esta opinião gritando:

— Vamos imediatamente, sem perder tempo!

Nenhum deles duvida mais que o Imperador entrou em contacto com os ingleses e que tenha começado uma dura batalha.

Mas Grouchy está indeciso. Acostumado a obedecer, afeira-se às instruções recebidas, à ordem imperial de perseguir os prussianos que estão em retirada.

Ao vê-lo titubear, Gerard insiste com veemência:

— Marchez au canon!

É, perante os vinte oficiais, este conselho ressoa antes como uma ordem, do que como uma súlica.

Grouchy está exasperado. Com tom violento e severo exclama que não pode abandonar o caminho que lhe indica o dever, caso não receba uma contra ordem do Imperador. E os oficiais sentem-se decepcionados, escutando silenciosamente o troar distante dos fatídicos canhões.

Gerard então tenta um últi-

mo recurso: suplica que The permitam acudir ao campo de batalha com sua divisão e com umas tantas peças de artilharia e compromete-se a regressar em tempo.

E Grouchy medita por uns instantes.

## A HISTÓRIA DO MUNDO NUM MOMENTO

Um momento medita Grouchy e este instante decide o seu próprio destino, o destino de Napoleão e o destino de todo o mundo.

Aquele momento, transcorrido numa casa de campo de Walheim, decide todo o século XIX.

Aquele momento, transcorrido emortalidade — está dependendo dos lábios de um homem mediocre e valente; encontra-se entre as mãos que apertam nervosamente a ordem fatal do Imperador.

A França estaria salva, si, naquele instante, Grouchy tivesse sido capaz de possuir valor e ousadia, si fosse capaz de compreender os sinais palpáveis, si tivesse torga para desobedecer às ordens recebidas. Mas esse homem mediocre se arrima a essas ordens: é incapaz de escutar a palavra do destino.

Por esta razão é enérgica a sua negativa. Seria insensato reduzir ainda mais um corpo de exército que já estava dividido. A sua missão consiste em perseguir os prussianos e em nada mais. Não pode agir contra as ordens do Imperador.

Os oficiais não respondem e reina um silêncio penoso.

E o instante decisivo desliza inexoravelmente e nem os fatos nem as palavras poderão jamais reparar a fatalidade.

Wellington vencerá.

O avanço prossegue. Gerard e Vandôme levam a fúria no coração. Grouchy está inquieto e a cada momento que passa, sente-se menos seguro, pois não descobre vestígio algum das forças prussianas. Certamente abandonaram o caminho de Bruxelas.

Começam a chegar emissários com informações suspeitas. Parece que a retirada do adversário transformou-se numa marcha de flanco em direção ao campo de batalha.

Ainda estaria em tempo de correr a marchas forçadas e realizar um supremo esforço em auxílio do Imperador.

Grouchy espera com impaciência a ordem de regresso. Mas esta não chega.

Somente prossegue, cada vez mais afastada, a voz do canhão. A terra em volta dele treme.

São os dados de ferro de Waterloo.

## A TARDE DE WATERLOO

O relógio lá deu uma hora.

Tinham sido repellidos quatro ataques, mas conseguiram abrir uma brecha do centro de Wellington. Napoleão dispõe da iniciativa. Mandou reforçar as baterias de Belle Alliance e, antes que a fumaca dos canhões deixasse cair a sua cortina de fumo entre as colinas, dirige o seu último olhar por sobre o campo de batalha.

É então que observa que pela parte do noroeste avança uma sombra escura que parece surgir dos bosques. São novas tropas!

Imediatamente concentra-se o óculo sobre aquele ponto: seria lá, Grouchy, em um momento de clarividência, teria desobedecido às ordens e se apresentaria milagremente no momento decisivo? Não. Um relâmpago anela que se trate da vanguarda do general Blücher, das tropas prussianas. Pela primeira vez assalta o Imperador a ideia de que o derrotado exército prussiano se tenha subornado da heresia e acorda a lembrar-se, oportunamente para eles, com os intelectuais.

(Continua na página seguinte)

# G R O U C H Y

(Continuação da página anterior)  
 aca, enquanto uma terça parte de suas próprias tropas está manobrando, esterilmente, no vazio. Sem perder um instante, manda um mensageiro a Grouchy para que conserve o contacto com os prussianos e impeça que estes intervenham na batalha.

Simultaneamente recebe o marechal Ney a ordem de atacar. É necessário que Wellington seja repellido antes que os prussianos possam intervir. Dada a incerteza da situação, não se pode recuar ante risco algum.

E durante toda a tarde se sucedem aqueles terríveis ataques contra as colinas, com tropas de infantaria constantemente renovadas. Sempre de novo ocupam as aldeias destruídas, sempre de novo tem que evacua-las; sempre de novo levantam-se as ondas com as bandeiras desfiladas contra as linhas inimigas, já desmoralizadas.

Mas Wellington mantém-se firme e ainda não chegam as notícias de Grouchy.

— Onde está Grouchy? Onde ficou Grouchy? — murmura nervosamente o Imperador, vendo como a vanguarda prussiana vai intervindo, progressivamente, na luta. Os generais sob o seu comando sentem-se também cheios de impaciência.

E decidido a terminar uma vez, resolve o marechal Ney —

que é tão temerário quanto Grouchy vagaroso (já lhe mataram três cavalos) lançar de golpe toda a cavalaria francesa num ataque em massa. Dez mil couraçados e dragões precipitam-se nessa terrível carreira da morte, destroçam as linhas, derrubam a artilharia e penetram nas primeiras fileiras inimigas.

É verdade que são repellidos de novo. Mas as tropas inglesas já estão esgotadas. O punho que segura aquelas colinas começa a ceder. E quando a dismida cavalaria francesa retrocede ante o fogo dos canhões, avança a última reserva de Napoleão, a velha guarda, com passo grave e lento. Marcha para conquistar a colina de cuja posse depende a sorte de toda a Europa.

## A DECISÃO

Desde cedo trovejaram, sem cessar, quatrocentos canhões dos dois lados. Na frente ressoam as cargas da cavalaria contra os quadros que coem fogo. Os tambores crentam contra as membranas dos ouvidos em tensão. Toda a planície treme com o trinado que ecoa em toda a parte. Mas além disso, por cima de tudo, no alto das duas colinas, estão os dois generais e permanecem impassíveis ao ruído daquela tempestade humana. Estão escutando o outro som mais apazado.

Dois cronômetros tictaqueam debilmente como corações de passarinhos, nas mãos dos caudilhos, por sobre as massas. Napoleão e Wellington, os dois, não afastam a vista do seu cronômetro e contam as horas, os minutos, que tem que trazer-lhes os reforços decisivos.

Wellington sabe que Blücher anda por perto. Napoleão está esperando Grouchy. Nenhum dos dois conta com mais tropas de reforço. As que chegaram primeiro não de decidir a vitória.

Os dois examinam com os olhos a margem do bosque onde começam a divisar-se as vanguardas prussianas. São unicamente destacamentos? Ou é todo o grosso do exército que está fugindo perante Grouchy?

Já resistem os ingleses unicamente com suas últimas forças, mas também os franceses já estão entranqueados. Como dois atletas, dificilmente respirando, estão os dois exércitos frente a frente: querem mais uma vez fortemente respirar antes de se acometer pela última vez: chegou o momento do golpe decisivo.

Por fim trovam os canhões no flanco prussiano, divisam-se destacamentos; escaramuçam, fogo dos fuzileiros.

— Enfim Grouchy!

Napoleão respira mais francamente. Crendo o flanco seguro, reúne Napoleão suas últimas tropas e lança-as de novo

contra o centro de Wellington com o objetivo de romper o anel inglês que guarda Bruxelas e fazer voar, desta maneira, a porta que conduz a Europa.

Mas aquelas escaramuçam, aquele fogo dos fuzileiros não passava de um erro: os prussianos, desconhecidos pelos uniformes desconhecidos, dirigiram fogo contra os hanoverianos, mas logo perceberam o seu equívoco e saem em massa ampla e potente da escuridão do bosque.

Não; não é Grouchy que chega com as suas tropas. É Blücher e com ele, também a sentença.

A notícia não tarda em chegar às filas imperiais que começam a retroceder com relativa ordem. Mas Wellington compreendeu, à primeira vista, o momento crítico. Galopou até a margem da colina vitoriosamente defendida e agita o chapéu sobre sua cabeça, assinando o inimigo, que se retira. Aquele resto de triunfo é compreendido pelos seus e, num supremo esforço, lançam-se os ingleses contra a massa desmoralizada. Ao mesmo tempo a cavalaria prussiana ataca pelo flanco contra o exército vencido e destruído e, repentinamente, ecoa o grito mortal de — *Sauve qui peut!*

Em poucos minutos converte-se a grande armaria numa torrente desenfreada, loira.

lida pelo terror, numa avalanche que cega que arrassa consigo mesmo napoleão.

A cavalaria inimiga penetra livremente naquela torrente que, para ela, já não passa de água mansa e inofensiva; sem preocupação pesca o carro de Napoleão, todos os valores do exército, toda a artilharia abandonada naquela escuridão de morte e de horror.

Somente a noite que está caído facilita ao Imperador salvar a vida e a liberdade. Mas aquele homem, sujo e atordado, morto de cansaço, que se deixava cair do cavalo à porta de uma miserável cabana, já não é mais o Imperador. O seu reino, a sua dinastia, a sua sorte evaporaram-se.

A falta de decisão de um homem vulgar derrota o soberbo edifício construído em vinte anos pelo mais atrevido e perspicaz dos mortais.

## O TRISTE RETORNO À VIDA VULGAR

Apenas Napoleão acabava de cair derrotado, pelo emburriado inglês, quando uma calçada, na qual já sentado um homem desconhecido, tomou a galope deixando o caminho de Bruxelas e dali o do mar, onde uma heli-nave esperava pelo viajante.

A belonave toma o rumo de Londres e o homem desconhecido chega lá antes que os car- (Continua na página 141)

# A VIDA É DE CABEÇA BAIXA -- Alvaro Moreyra

## AMOR

Os chineses dizem que os animais, vivendo juntos, terminam se amando, e que os homens, vivendo juntos, terminam se odiando. Talvez os chineses exagerem. Nem todos os homens são japoneses. Na verdade, existem mais homens que se amam do que homens que se odeiam. Apenas, eles não sabem. Alguns, por falta de matéria prima. Alguns, por excesso. Mas que a vida vale a pena de ser vivida, vale. A prova é que tem continuado. E justamente pelo amor. Até os anjos, com a sua fama de puros espíritos, voaram para a terra e se uniram, numa remota noite, às filhas dos homens. É o que informa por alto o versículo 2 do capítulo VI da Gênese. O poeta Eugênio de Castro conheceu o caso pormenoriadamente e o noticiou em versos, que não são porém deviam ser brancos, em memória das asas desmanchadas que, na manhã seguinte, enchiam o local do crime:

Quando os visos, ao sol, se iam já alourando,  
 O velho Patriarca, erguendo-se, espregando  
 O fatigado olhar, e avistando as serenas  
 Campinas malinalis cobertas pelas penas  
 Que o amor tinha arrancado à prateada inocência  
 Das asas virgíneas dos anjos em demência,  
 Quedo e angustoso qual agulha de basalto,  
 Ficou mudo, a pensar... e enfim clamou bem alto:  
 — Como foi? como foi, poderoso Senhor,  
 Que caiu tanta neve, havendo tal calor?

## CHOPIN E CAMILLE MAUCLAIR

Eu tive um tio que morreu com quase setenta anos e que pouco mais de setenta palavras pronunciou na vida. Morava sozinho com um piano. Punha uma distância de música entre ele e os outros homens. Nessa distância é que cultivava o seu silêncio.

Ful dos raros que lhe escutaram a voz; um dia, depois de tocar certo Noturno de Chopin: — Toda a dor do mundo está aí...; outro dia, depois de ler, em pé, encostado numa estante, durante duas horas, aquele livro de Camille Maclair: "La Réligion de la Musique"; colocou o volume no lugar de onde o tirara; disse: — Não é muito burro esse sujeito.

Nunca encontrei nada melhor sobre Chopin e sobre Camille Maclair.

## OS BURROS

É preciso acabar com esse desprezo. Ou com esse equívoco. Os burros não são burros. Olhem os olhos deles.

Eu gosto dos burros. De quase todos. Principalmente dos que andam, tão desgracados, na dura lida, sobre as pedras, das ruas, sobre o barro das estradas, ao sol, à chuva, dia e noite. Tristes, tristes. Sem uma queixa.

Que humildade! Que paciência! Que coragem! Pensam para dentro. Não procuram impor nem a sua vontade nem a sua opinião. Obedecem. Zurraram. É um modo de dizer que não tem nada com isso.

Se foram à guerra, foram levados. Combate-

ram os filisteus, resumidos numa caveira, que São Brandão, criando o mais puro dos símbolos.

Mandaram representante ao nascimento de Jesus Cristo e forneceram o andar para entrada festiva em Jerusalém, como prova de que acreditavam na palavra dos profetas, mas com certeza não acreditavam.

Não é fácil julgar criaturas de tamanha discreção. Dos burros, além dos nossos pontos de vista, só possuímos a aparência. Aparência que varia conforme os nossos pontos de vista. Há quem os ache ridículos. Há quem os ache sublimes. São bonitos e são felizes de acordo com os temperamentos.

Já existe tanta crítica, de tanta coisa. Para que crítica dos burros? Bom é lhes querer bem, admiti-los tais quais se revelam, incapazes de aborrecer os outros, inimigos da publicidade, calmos, silenciosos, delicados.

Talvez, no mundo interior, conservem a alegria da infância, muito escondida, e continuem brincando com ela. O aspecto que vemos, vivido, será para uso externo: a inocência deteriorada.

Quanto ao colar... quem nunca deu um colar, que atire nos burros a primeira pedra...

## UM CASO MEIO TRISTE

Na Sociedade Anônima "O Malho", durante treze anos, trabalhei ao lado de Carlos Manhães, um rapaz dos Correios que fazia "O Tico-Tico". Um companheiro dedicadíssimo. Estava sempre inventando coisas para me agradar. Como me dava presentes! Por mais que eu não quisesse, ele insistia em estabelecer que eu era o chefe e ele o subalterno. Mas um subalterno por prazer, por orgulho, por vocação:

— Aqui dentro, tirando o senhor, não existe mais ninguém.

Um dia, me tiraram lá de dentro. Quando me encontraram cá fora, Carlos Manhães não me conheceu.

## "SE QUERES A PAZ..."

Aquele homem que disse: — Meus amigos, não há amigos! (linha, sem dúvida, um coração desgracado. Mas que espírito observador!

## JOSE LOPES DOS REIS

Ninguém o conheceu de nome. Foi o dr. Cabuhy Pitanga, popularíssimo, o dr. Sabe-Tudo, o Vovô. Escreveu com esses diafances, quarenta anos, na imprensa. Era com tanto exagero cumpridor das suas obrigações, que só deixou de trabalhar para morrer. Morreu com medo de que se reparassem. Aproveitou um domingo, dia de descanso, e foi-se embora. Alegre. Dava bom humor. Tinha um jeito de militar reformado, de antigo diretor de colégio, de velho ricoço. Era pálido, nunca ensinou senão a sorrir, e vivendo sempre com padrões, sempre viveu pobre. Pobre de dinheiro. Porque do resto os padrões é que não tinham nada...

## DOCUMENTO NO AR

Além d'"O Malho", em plena campanha pela

candidatura Julio Prestes à presidência da República, J. Fabrino orientador político da gerência, tondou "O Papagaio", como reforço. Para o número de estreia, pediu um artigo a Bastos Tigre.

— Bem engracado!

Entregue a encomenda, J. Fabrino leu, releu, coccu a cabeça, disse:

— Desculpa, meu velho, mas não acho nenhuma graça...

E Bastos Tigre, furioso:

— Seu Fabrino, eu tenho trinta anos de humorismo!

DIAGNOSTICO

É difícil afirmar quais são os doctos. Há tantas escolas! Lauro Muller, por exemplo, quando ouvia que alguém enlouquecera, perguntava sempre, para ter certeza.

— Já rasgu dinheiro?

UM PAN QUE DEUS LEVOU

Chamava-se Cicero. Cicero Valadares. Era um homem excelente e um péssimo desenhista. Doído por cinema. Não perdía nenhum programa. Chamava pouco, porém gostava muito. Tinha a voz em oposição ao sexo. Escutado no telefone, parecia mulher. Ouvido de corpo presente, não dava dúvida, dava espanto.

— Você falou sempre assim?

— Não. Eu até falava bem grosso. Mas, uma vez, no Amazonas, fui tomar banho no rio. Uma piranha me mordeu atrás e eu fiquei com esta voz.

Ah! é verdade! — o senhor viu aquela fita: "Beijos que matam", no Fenix?

— Ainda não. É imoral, não é?

— Cientifica!

— Ah!

— E "A Cabana do Pal Tomás", o senhor viu?

— Também não.

— E de uma tristeza! Minha senhora chorou p'ra burro!

Adorava Francesca Bertini, Pina Menichelli, Mary Pickford, Theda Bara, Norma Talmadge, Gloria Swanson...

Morreu sem dizer nada.

Em que estrela estará agora?

E "A"

Li ontem esta definição:

"O antropófago é um homem que aprecia os seus semelhantes".

DESTINO

Não, não nasci para chefe. Chefe manda. Eu peço. Peço que não me mandem.

ESTRELAS?

Há quantos anos Zola tinha fé?

— Creio que a crise que me atinge servirá para renovar os espíritos e lhes dar mais certeza na procura do que é justo e do que é verdadeiro. Sinto que vão surgir estrelas novas no céu.

ALVARO MOREYRA.



# Sonetos de Augusto Frederico Schmidt — (Do Mar desconhecido)

## MAR DESCONHECIDO

Sinto viver em mim um mar ignoto,  
E nado, nas horas calmas e anexas,  
As águas que murmuram em prece,  
Estranhas orações intraduzíveis.

Quero, também, do mar desconhecido,  
Nos instantes inquietos e terríveis,  
Dos ventos o gaurir desesperado  
E os sulcos das ondas agoniadas.

Sinto viver em mim um mar de sombras,  
Mas tão rico de vida e de harmonias,  
Que dele se nasce a misteriosa

Musica, que se espalha nos meus versos,  
Essa música errante como os ventos,  
Cujas asas no mar geram tormentas.

## SONETO DO PATRIARCA

Uma noite de paz se estendeu sobre os campos,  
E as estrelas de Deus aos grandes céus antigos  
Viram chegando aos poucos e floriram o noturno  
Mundo onde o sono virá compensar-me as fadigas.

A água mansa de um rio, onde os rebanhos dormem,  
Vai murmurando a sua doce e tranquila canção,  
O vento leve agita as folhagens e a faga  
Muitas longas barbas brancas e proféticas.

As mulheres e sevas a quem dei tantos filhos  
Dormem há muito na paz desta noite perdida,  
E o tempo foge e cal como um fruto maduro.

Dentro em pouco virá a hora calma da morte;  
E ante a mão de Deus que se estende a colher-me,  
Fato que eu seja apenas uma espiga a mais na  
[seara eterna.

## SONETO CIGANO

Lembra-me sempre a viagem, a grande e estranha  
Viagem  
As mulheres brincavam e rião ao pé das enormes  
[fogueiras.

Rostos cor do bronze, olhos misteriosos,  
E mãos escuras para todos os mistérios.

Lembra-me sempre a viagem, as estradas perdidas  
Por onde seguíamos atrás das autoras ingênuas  
Que corriam cantando, e atrás das horas fugitivas  
— Rucas que pareciam dançar ao ruído de pan-  
[deiros.

Era tudo uma grande inocência e descuido.  
O futuro sombrio, as ambições, os medos,  
Não me lembro de os ter sentido nesses tempos.

Cabíamos, então, flores e frutos nos camalhões,  
Amávamos o amor nas morenas mulheres,  
E acomodávamos à mercê dos ventos e das chuvas.

## SONETO DE LUCIANO

Seu olhar se fechou para este mundo,  
Para Branca de Nêve e os Sete Anões,  
Para as estrelas, para os pássaros cativos,  
Para o mar tão azul e as montanhas e os céus.

Seu olhar se fechou para as florestas  
Cinco há tuíres e ledos na noite escura,  
Para os campos em flor e para as mansas  
Ovelhas do Senhor, quietas e humildes.

Seu olhar se fechou, e a noite veio  
E envolveu o seu corpo pequenino,  
Tão mal coberto para tanto frio.

E ele foi, com o seu olhar inquieto  
Cisno de assembléias e de segredos,  
A procura, talvez, de outras brigueiros.

## Meus avós portugueses

Meus avós portugueses no meu sangue  
Estão falando há muito e é assim somente  
Que, por vezes, as vozes de outros sangues  
Não se fazem ouvir e não comandam.

Meus avós portugueses são teimosos  
E procuram vencer-me transformando  
Rozas minhas volúpias de erradão,  
De vagabundo, em nobres sentinela.

Querem-me esses avós, do Minho e Douro,  
Um ser capaz de amar a terra à antiga,  
E nesse amor construir toda uma vida.

Querem-me um crente em Deus e um fiel exímio,  
De constância no amor: e é, certo, às vezes,  
Isso acontece, mas somente às vezes.

## VAMOS: O MAR ESPERA...

Vamos: o mar espera e vai levar-nos  
No seu dorso e essas ilhas suspiradas;  
Vai levar-nos, nos nossos frágeis barcos,  
Até onde sonhamos, lá bem longe...

Os caminhos do mar, hoje tão verdes,  
Lembram campos em flor, que o vento leve  
Faz ondular com as suas mãos macias.  
Vamos, aos nossos barcos marinheiros!

O momento chegou de enfim, seguirmos  
A procura das ilhas encantadas  
Que estão adormecidas, entre as brumas...

Vamos réver as filhas dessas terras,  
Essas flores morenas e inocentes,  
E nelas encontrar o esquecimento.

## QUERO AGORA REVER AS VELHAS FLORES

Quero agora rever as velhas flores  
Que na minha alma outrora vicejaram:  
Flores de tempos idos e saudosos,  
Flores do amor, de adases e volúpias.

Em primeiro lugar ressurgir a rosa  
Que, de Ismênia da escura cabeleira,  
Parecia uma rubra chama ardente  
Consumida num mar negro e revoltoso.

Em seguida esse lírio, longo e fragil,  
Que, nas mãos quase mortas de Arabella,  
Se confundia com os seus dedos finos.

Depois revejo flores mais ardentes,  
Flores estranhas, de perfumes fortes,  
Que nos seios de Lísia se escondiam.

## AS ESTRELAS

Procurai-me, ó estrelas, procurai-me  
Nos caminhos do mar, tristes e escuros  
Procurai-me no mar, no seu amargo  
Onde perdido estou e abandonado.

Procurai-me, ó estrelas, entre as águas,  
Nesses campos esteíreis e salgados  
Procurai-me, pois sou como a semente  
Que na fecunda terra se perdeu...

Oh! salvei-me do mar, das águas suas,  
Estrelas poderosas e queridas  
Que contemplo do fundo dos abismos.

Vinde e fazei-me, irmãos, florir um dia  
Nessas regiões distantes, por que anseio.  
— Sou a Estrela do céu, no mar perdida!

## Quero da inspiração conter o assomo

Quero da inspiração conter o assomo  
E cantar, como o rio suave desce,  
Minhas penas de amor, meus devaneios,  
Sem mais gritos de horror ou desespero.

Quero, ao gesto dos clássicos e antigos,  
Ter a harmonia e os frios movimentos,  
Sem deixar-me arrastar pelas tormentas,  
Sem deixar-me levar por mãos caminholas.

Quero ser pobre de expressões e anseios  
E manejar o verso gentilmente  
Dentro das leis e formas consagradas.

Em vez a Luciana ou Josefina,  
Vivas e frescas, quero entonar louvores  
As imagens e as deusas impassíveis.

## Ela dançando parecia a imagem

Ela dançando parecia a imagem  
Da roseira que os ventos estremecem,  
Tais os perfumes que fugiam dela,  
Tal a impressão de rosa espetada.

Rodopiava ligeira: os pés tão leves  
Mal tocavam no chão; nos doces ares  
Parecia pairar, visão graciosa,  
Com o seu branco vestido inesquecível.

Que pensamentos facéis e felizes  
Se escondiam por trás dos seus cabelos  
Solto à força do rodar das valsas!

Que sentimentos doces de esperança  
Não animavam clara Josefina,  
O dançarina fragil como as rosas...

## A POESIA CHEGOU

O demônio que em mim tendes guardado,  
O abismo escuro e traçoeloso,  
Que me chamais e que me seduzis:  
Vede, aqui estou perdido na Poesia!

Vede, mal não chegou, e nela eu fico,  
Como o ser natural nos seus domínios,  
Como o pássaro no ar e os peixes na água,  
Como o ente amoroso em seus amores.

Vede a Poesia em mim, me transfigura,  
E vós, trechos abismos e demônios,  
Vósso poder perdes, de vós me aparto.

E o que tanto a minha alma seduzia,  
Nada mais pode, nada mais encanta,  
Quando a Poesia vem e me reclama.

## Desce sobre as violetas escondidas

Desce sobre as violetas escondidas  
Os afagos das doces mãos da Aurora,  
E eu contemplo o teu ser, abandonado  
Nesse sono, que é um mar de sombra e frio.

A noite imensa se escondeu aos poucos,  
No teu rosto apagado e em teus cabelos,  
No teu seio secreto e sossegado  
E nos teus longos pés purificados.

As violetas despertam suspirosas  
E o brando vento da manhã agita  
As mais nascidas rosas dos jardins.

Es o resto da noite, a alma noturna,  
Que mal resiste à luz que vem chegando;  
Es estrela esquecida e misteriosa.

## Porque tanto semeas, se os frutos vieram

Porque tanto semeas, se os frutos vieram  
E não tenho sequer onde guardá-los?  
Porque tanto semeas, se o tempo e escasso  
E a duração dos frutos é tão pouca?

Porque tanto semeas, meu Deus, tão longas terras,  
Se não tenho mais servos, se os meus filhos,  
Abandonando ao pó — frutos perdidos —  
A distantes culturas se entregaram?

Em breve, os rudes ventos destruidores  
Virão chegando, e os meus frágeis tesouros  
Voltarão novamente à terra marítima.

E então, quando os céus, cansado e triste,  
Pedirei que da morte o vento venha  
E me arrabate como um fruto podre.

## Como a Aurora, meu Deus, lá pelos altos

Como a Aurora, meu Deus, lá pelos altos  
E perdidos caminhos se retarda...  
E eu quero vê-la uma vez mais, ainda,  
Antes de ir-me a dormir na fria noite.

Porque demoras tanto, Aurora minha,  
Quando eu preciso mergulhar meus olhos  
De teu corpo nos úmidos vapores  
E contemplar tuas formas redentoras?

Vem, que preciso ver-te, ó caminante,  
E aos teus cabelos roxos e floridos,  
E a tua pele tão macia e tão fina.

Vem, não demores tanto, ó doce aurora,  
E traze a esse que vai dormir sem sonhos  
A tua doce visão, tão clara e pura!

## E agora de repente no coração incompreendido

E agora de repente no coração incompreendido  
Este sofrimento, esta mágoa, esta agonia,  
E agora nos olhos secos esta fonte nascida,  
Esta fonte inesperada e irreprimível.

No espírito deserto esta presença misteriosa,  
Na inteligência distraída, esta súbita atenção,  
Este sentido das coisas, esta claridade,  
Esta consciência nítida de pecados e merecimentos.

Até há pouco o olhar flutuava o escuro apenas,  
Mas neste instante ou o vejo ao meu lado  
E os ouvidos apagados O estão sentindo.

Seu rosto e o meu próprio rosto de certo,  
Mas o seu olhar é o de alguém tocado pela graça  
E vem dele uma pureza, que não tenho, que perdi.

# EXPERIÊNCIA DE AMOR

(Continuação da página 138)

por ela, somente para treinar um pouco o seu absorbente ofício. Procurou um meio de lhe falar, e soprou-lhe algumas frases, das bem sabidas, espécie de palavras mágicas que tem o poder de obrigar a mulher que se ouve a lembrar-se delas mais tarde, analisá-las e ficar pensando à noite, sózinha, em seu quarto. No encontro seguinte ela já estava uma escrava, e ele na disposição de desfazer o equívoco. A moça possuía, porém, tal doçura na voz, no olhar e nas mãos cariciosas, que ele se considerou perdido. Ao perceber o perigo, quis a princípio

cutar o mal pela raiz e começou a descobrir defeitos na moça. E esses defeitos ainda mais o atraíram. Principiou então a sofrer. E de tal modo se deixou com esse sofrimento, tão diferente dos prazeres banais de suas outras conquistas, que para não estragar o seu amor com o tempo e o uso, resolveu desaparecer da vista da sua amada. A ausência fez crescer o sofrimento: ele leu todos os livros de amor, devorou todas as "cartas" célebres, mas não procurou vê-la; embriagou-se dias seguidos, mas não lhe escreveu um bilhete sequer: teve febre noites e noites, mas não lhe telefonou. Uma vez, por acaso, encontrou-a na rua: ela parou, sorriu-lhe, ele sentiu que a coração lhe parou, ficou pálido, e avançou rápido em sentido contrário, desviando os olhos para não a cumprimentar. Foi para

casa e fechou-se no quarto, fingindo-se doente, para poder ficar pensando nela a noite inteira. E esse é o seu maior gozo, esse sofrimento do qual não quer se separar. Há já três anos que isso dura. Dizem que com o tempo tudo passa, mas ele jurou-me que não a esquecerá.

Nada vive verdadeiramente a não ser na nossa imaginação. De que "nada", de que multidão de inexistências é feita a vida que vivemos. Tudo é sonho, mas sonho acordado. Nos sonhos os criadores daquilo que não existe, e se nos tirarem aquilo que não existe, a vida não terá nenhum valor.

Caso mais estranho ainda é o do cavaleiro Rudel, que Stendhal transcreveu de um manuscrito provençal do século XIII: "Geoffroy Rudel era um gentil cavaleiro, príncipe de Blaye, que se enamorou da princesa de

Tripoli, sem nunca a ter visto, pela muita cortezia e extremos elogios com que se referiam a ela os peregrinos que proviham de Antioquia; fez-lhe muitas canções, de lindas músicas e doces palavras; desposou de a ver, meteu-se pelo mar ao seu encontro. Acontece que durante a viagem teve uma grave moléstia, a ponto de seus companheiros julgarem-no morto: mas tudo fizeram até o conduzirem a Tripoli, e uma vez ali o transportaram para um albergue, ele sempre como morto. A princesa, tendo notícia do caso, veio até o leito em que ele jazia e tomou-o entre seus braços. Ele soube que ela era a princesa, recuperou os sentidos, à vista, e rendeu graças a Deus por lhe ter sustentado a vida até o momento de vê-la. E assim morreu nos braços da princesa, que o fez sepultar com todas as honras. Nesse mesmo dia ela entrou para um convento, de tristeza que sentiu por ele e por sua morte".

Como se vê (e esta é a maior contradição humana de que há notícia) o amor é um sentimento "casto".

D. MILANO

## O mesmerismo sem mesmer

(Continuação da pág. 138)

compreensível que, diante dos seus disparatados exageros, a ciência se limite de momento a encolher os ombros de incredula para acabar afastando o olhar delas com repugnância. Pouca a pouca no século XIX vai caindo em descrédito o mesmerismo. O ruído excessivo que se produz em torno dele impede de compreender a sua essência e não resta mais prestígio à doutrina; nada a faz diminuir mais do que a sua exaltação.

## Galeria de nomes ilustres



AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO, poeta e prosador, um dos eminentes colaboradores de A MANHÃ e de AUTORES E LIVROS



GILBERTO FREYRE, sociólogo brasileiro de brilhante atuação espiritual, que recentemente visitou o Paraguai



LUCIO DE MENDONÇA, poeta, romancista e jurista de real valor, cuja data de nascimento acaba de transcorrer.



ANIBAL FREIRE, jornalista notório e professor da Faculdade de Direito do Recife, hoje ministro do Supremo Tribunal Federal.

## FIM DE NOVELA

(CAPÍTULO FINAL DE "24 HORAS DA VIDA DE UMA MULHER")

(Continuação da página 137)

velha que estava diante de mim, ai, e ao mesmo tempo acabada.

Seria o reflexo da paixão extinta? Seria confusão, o que de repente a fez corar até a raiz dos seus cabelos brancos?

O fato é que ela ali estava pudicamente como uma menina perturbada pela recordação e envergonhada com a sua própria confissão. Comovido a meu pesar, sentia um vivo desejo de testemunhar-lhe por uma palavra qualquer a minha deferência. Mas, sentia qualquer coisa que me avertia a distância.

E não conseguia senão curvar-me profundamente e beijar com respeito a sua mão enrugada que tremou ligeiramente como uma folhagem de outono.

## FUGA

Não adianta rezar:

avides na estratosfera abatem nada preso tristemente a subir para o céu que estremece, o velho céu fechado e cansado de guerra. Jesus anda na terra, anda na água, anda no ar. No mesmo ar, na mesma água e nesta mesma terra o demônio semeia... O tempo é longo e mau. Mas o olhar não esquece, quando larga os jornais, e foge, e além se espalha, que é domingo; que o sol corusca sobre a areia; que a areia, inquieta, escaldada, o mar sem submartinos brinca incrível e azul com as ondas e os meninos, e as mulheres estão com seus corpos na praia.

Abgar Renault

## GROUCHY

(Continuação da pag. 140)

relos extraordinários e consequentemente ao absoluto desconhecimento da grande notícia, saltar a bolsa.

Essa história é Rothschild que, com um rasgo genial, acaba de fundar um novo império, uma nova dinastia.

No dia seguinte, a Inglaterra sabe da vitória, e em Paris, Fouché, o eterno traidor, sabe da derrota.

Em Bruxelas e na Alemanha tocam todos os sinos a vitória.

Somente um ser nada sabe, na manhã seguinte ao desastre de Waterloo, apesar de estar assado somente quatro horas do lugar memorável. É o pobre Grouchy.

Taloso e sistemático, fiel às ordens recebidas, continua marchando em perseguição dos prussianos. Mas não os encontra em parte alguma, o seu ânimo enfraquece e o marechal torna-se desconcertado.

Os canhões não cessam de rugir a pouca distância, cada vez mais forte, como si pedissem auxílio. Cada disparo parece penetrar na terra, parece atundir-se no coração. Todos já sabem que não se tratava de uma escaramuça, mas sim de uma grande batalha. Uma grande batalha final.

Grouchy está cavaleando nervosamente entre os seus oficiais, que evitam toda discussão com ele, pois os seus conselhos foram recusados.

Finalmente, perto de Wavre, encontram um corpo prussiano: é a retaguarda de Blücher que enfileirou-se naquele lugar. Os franceses lançam-se furiosamente ao ataque. Gerard marcha em frente como si, pos-

seio por um presentimento alheio, procurasse a morte.

Cai fulminado por uma bala e fica silenciosa a voz que podia aprovar.

Ao cair da noite, os franceses apoderam-se da aldeia, mas todos compreendem que aquela minúscula conquista já não tem significação alguma, pois ali, um pouco mais afastado, no grande campo de batalha, reina um silêncio profundo, uma calma angustiosa, uma paz cruel, uma paz de morte.

Todos compreendem que o rugir dos canhões era mil vezes melhor do que essa incerteza que consome os nervos. A batalha terminara: essa batalha de Waterloo da qual Grouchy somente sabe — finalmente — ao receber de Napoleão uma carta em que reclama urgentemente a sua presença.

A gigantesca contenda já deve estar decidida, mas: a favor de quem?

A espera dura toda a noite. Espera vão! Nenhum correio chega. Dir-se-ia que o grande exército esqueceu-os e que se tenham perdido, sem objeto nem razão, na noite impenetrável.

Ao romper do dia levantam o acampamento e retomam a marcha, mas já convencidos de que são inúteis os seus avanços e as suas manobras. Finalmente, às dez da manhã, chega a galope um oficial do estado maior.

Ajudam-no a desmontar e, acossados de perguntas. Mas ele, com os cabelos presos às temporais pelo suor, extenuado pelo sofrimento, presa de uma excitação sobrehumana, pronuncia palavras sem sentido al-

gum, palavras que ninguém pôde nem quer compreender.

Tomam-no por louco, por embriagado, quando lhes afirma que o Imperador já não existe mais, que não existe mais o exército imperial e que a França está perdida. Aos poucos eles vão arrancando a verdade, toda a verdade, e escutam dos seus lábios a história do golpe mortal.

Grouchy, emudecido, apolado, sacudido pelo tremor, à sua espada; compreende que, naquele instante, começa o martírio da sua vida, mas aceita decididamente a imensa responsabilidade de toda a culpa.

O homem indeciso mas disciplinado que no momento supremo não teve a resolução necessária, agora, quando se vê frente a frente com o perigo tão próximo, converte-se quase num herói. Reúne, sem perder um instante, todos os oficiais e, com os olhos cheios de lágrimas de raiva e de dor, dirige-lhes uma breve alocução na qual acusa-se a si mesmo da sua indecisão, que trata de justificar. Os oficiais que o contemplavam, na véspera, com rancor, escutam-no, agora, em silêncio. Poderiam acusá-lo e vangloriar-se de ter sustentado um crítico mais acertado do que ele, mas ninguém se atreve. Ninguém quer dizê-lo. A dor desapercebida os força a permanecer calados.

E precisamente naquela hora, lá tarde demais, pois escapou-lhe irremissivelmente, das mãos o instante supremo, fornece Grouchy as provas de todas as suas atitudes militares. As suas virtudes, a prudência, a habilidade, a circunspeção e

escrupulosidade manifestam-se claramente quando se sente dono de si mesmo e não escravo de uma ordem escrita. Cercado por forças cinco vezes superiores às suas, empreende a retirada das suas tropas através o inimigo. Uma retirada que é uma obra prima da tática militar. Não perde um único homem nem um único canhão e salva deste modo o último exército do Império e da França.

Mas quando regressa, já não há mais Imperador, para que lhe agradecesse, nem um inimigo a quem pudesse desafiar.

Chegara tarde demais. A sua vida exterior exalta ao ser nomeado general em chefe e par da França; segue desempenhando os seus cargos com energia e perícia, mas nada o redimirá daquele momento em que fora dono do destino e que não soubera aproveitar.

Terrível vingança do Instante supremo, deste instante que, de vez em quando, desce até a vida dos mortais entregando-se ao homem vulgar que não sabe usá-lo.

As virtudes do cidadão, a previsão, a disciplina, o zelo e a prudência, armas magníficas durante os dias vulgares e pacíficos, todos se derretem instantaneamente nas brasas do grande instante fatal que somente exige gênios para formá-los em imagens duradouras.

O indeciso é repellido com desdém e desprezo. Somente os atrevidos, os novos deuses da Terra, não elevados pelo braço de fogo do Destino, ao céu dos heróis.

Dos "Momentos decisivos da Humanidade".